



CLEMENS BRENTAN, BERNARD E. OVERBERG Y. WILLIAM WESENER

ANTIGO TESTAMENTO

De acordo com as visões da venerável Ana Catalina Emmerick

Versão online:

www.valde.com.br

Índice

.....	1
ALGUMAS PALAVRAS ANTERIORES PARA O LEITOR.....	3
Criação e queda dos anjos.....	5
Criação da Terra.....	5
Adão e Eva.....	7
A árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal.....	8
O pecado de nossos primeiros pais.....	9
Consequências do pecado de Adão e Eva.....	11
A promessa da redenção.....	12
Adão e Eva são expulsos do Paraíso terrestre.....	13
A família de Adão.....	14
Caim e Abel.....	15
Aparência dos homens em geral. Os gigantes. Alguns patriarcas.....	16
Noé e seus descendentes.....	17
Detalhes da arca e proximidade do dilúvio.....	18
Noé entra na arca com seu povo.....	19
depois do Dilúvio.....	20
Tubal e os descendentes de Noé.....	21
Hom e suas aberrações.....	22
Dsernschid, chefe e líder dos povos.....	22
Ocasão em que a vidente viu a história de Hom e Dsemschid.....	24
Torre de Babel.....	25
Nimrod.....	27
Derketo.....	27
Caráter de visões diabólicas.....	28
História de Semíramis.....	30
Fundação de cidades no Egito.....	31
As cronologias do antigo Egito.....	32
Melquisedeque.....	32
Melquisedeque e os Samanes.....	33
O Paciente Jó.....	36
O Patriarca Abraão.....	38
O sacrifício de pão e vinho de Melquisedeque.....	40
Abraão recebe o mistério do Antigo Testamento.....	41
A história de Jacó.....	42
A jornada de Jacó à Mesopotâmia.....	43
A luta com o anjo.....	45
A história de José.....	46
Asenet – Origem das divindades Ísis e Osíris.....	46
Progresso feito por José e Asenet no Egito.....	47
Idolatria no Egito na época de José.....	49
Morte de Jacó e José.....	50
Sêmola, Moisés e o corpo de José.....	51
Melquisedeque, Eliseu e o sacerdócio.....	52
A Arca da Aliança.....	52
Joaquim recebe o mistério.....	54
No fim do mundo este mistério será descoberto e esclarecido.....	55
NOTAS:.....	56

ALGUMAS PALAVRAS ANTERIORES PARA O LEITOR

Seguindo o sentimento e a prudência da Santa Igreja, reproduzimos para os leitores de nossas publicações a coleção de manuscritos de Clemens Brentano, Bernardo E. Ovenberg e Guillermo Wesener, sobre as visões e revelações da Venerável Anne Catherine Emmerick - compilados e corrigidos por PR. Fuchs, O.D.B.

A questão de penetrar e iluminar os segredos do passado e do futuro, de perscrutar os sinais dos tempos junto com os favores que o Céu derrama sobre a Sua Igreja, tem sido uma eterna aspiração humana. A literatura mística - tanto quanto a literatura humana - tem frequentemente tratado de temas tão inesgotáveis como estes.

Esta vontade de penetrar além do véu da história é tão grande que basta o anúncio de conferências, publicações ou aparições para reunir multidões, muitas vezes movidas por um espírito temerário, levadas pelo desejo de novidades e de emoções incessantes. São estes os casos que desde a nossa fundação procuramos denunciar, esclarecer e cooperar no discernimento.

O que foi dito acima não exclui a autenticidade das graças concedidas através de Nossa Senhora, das almas privilegiadas ou do próprio Jesus Cristo Nosso Senhor. E todas estas revelações, mensagens e visões formam um "unum" coerente e sólido onde cada uma tece harmoniosamente uma tapeçaria maravilhosa e sobrenatural na qual contemplamos os planos de Deus para a história do homem.

Combinando o espírito tomista com a visão maravilhosa - sobrenatural das coisas, os caminhos luminosos da prudente espiritualidade inaciana ou as regras carmelitas de São João da Cruz - para citar os principais mestres do discernimento - apontam os caminhos a seguir para os fiéis católicos. .

No meio da confusão dos nossos dias, onde proliferam tantos fatos estranhos e suspeitos, rodeados de parafernália e falsos misticismos, é um momento oportuno para estabelecer doutrina e critérios. Não basta procurar o comportamento escandaloso de um vidente ou a evidência de uma heresia perigosa. O diabo sempre tenta multiplicar acontecimentos prodigiosos até tornar incrível qualquer graça extraordinária, levantando ruídos, fumaça e faíscas para cegar e atordoar os fiéis com respeito às vozes celestiais.

A postura dos fiéis não deve ser nem de suspeita cartesiana, nem de excitação fascinada, de ceticismo absoluto, nem de credulidade rendida. Através do romantismo sentimental, a visão materialista moderna foi implicitamente afirmada. Antes, deve ser de uma prudente abertura de alma, de muita cautela, mantendo sempre a moderação que confere maturidade doutrinal e vida sacramental auxiliada pela oração.

Quanto às aparições, visões e revelações aprovadas pela Igreja, inequivocamente confirmadas após o estudo metódico que a corresponde a cada uma destas manifestações, nada mais resta do que a aceitação alegre e confiante de um filho da Igreja que mantém uma distância santa. para aquelas revelações que não pertencem à Revelação oficial.

Entregamos, portanto, estes manuscritos confiantes de que o bom senso, nutrido pela ortodoxia na fé, servirá ao espírito como alimento para a formação e a perfeição. Fazemo-lo com a convicção de que o julgamento das autoridades espirituais a respeito destes escritos foi benevolente e entusiástico, não encontrando nada contrário à fé ou aos bons costumes, nem doutrinas inovadoras ou estranhas ao modo de sentir comum e costumeiro da Santa Igreja, podemos ler com tranquilidade. E podemos fazê-lo mesmo quando muitas declarações contidas podem surpreender o leitor não familiarizado com os ensinamentos dos primeiros Padres da Igreja ou de doutores, videntes e outras pessoas de notável autoridade. Podem não ser universalmente aceitas, uma vez que fazem parte de assuntos discutíveis. Mas, indiscutivelmente - por mais fortes que pareçam - contribuem muito para elevar o espírito do leitor e corrigi-lo fraternalmente na sua vida de fé.

Fazendo eco a todos aqueles que quiseram divulgar obras do teor do presente compêndio, protestamos de acordo com os Decretos de Sua Santidade Urbano VIII,

que os editores, ao dar às pessoas que não são canonizadas ou beatificadas a descrição de santos, mais virtuosos ou célebres dos santos, bem como nas histórias proféticas que expõe e comenta, e nos fatos que lhe são atribuídos como milagrosos, não pretendemos dar às suas palavras outro alcance que não o de uma autoridade puramente humana, submetendo-nos em tudo isto - como em todos os assuntos do presente livro - à Autoridade Suprema da Santa Igreja, o grande guia humano e mestre insuperável da ortodoxia do ensinamento católico.

A interpretação que os editores fazem destas visões e revelações - fundadas na sua autoridade puramente humana - é material recomendado para o estudo e a formação espiritual, e não através da interpretação autêntica da Igreja, acolhem, juntamente com os seus leitores, a sua pensão que "abundância incomum em sensu suo".

Poderíamos expandir muito mais a questão da veracidade e origem das diversas profecias, visões e revelações da história humana, ou da condição daqueles que participam de tais graças ou mesmo das formas de exame e crítica delas. Mas tais assuntos ultrapassariam as proporções deste espaço e apenas dificultariam a leitura.

Alertados do exposto, deixamos o leitor imerso nas brilhantes páginas que apresentamos com orgulho editorial para seu refresco e alimento espiritual.

Os editores

Criação e queda dos anjos

Primeiro de tudo, vi um imenso espaço cheio de luz surgir diante dos meus olhos, e dentro desse espaço de luz, eu estava muito imóvel, como um globo brilhante como um sol, e nele senti que a cidade da Trindade estava ali. Eu chamo isso, para mim mesmo, de Harmonia, Concordância. E vi virtude e poder emergirem dali, de repente coros luminosos, anéis, círculos travados, de espíritos maravilhosamente esplêndidos, fortes, de beleza admirável, apareceram sob o globo resplandecente. Este novo mundo de brilho surgiu e permaneceu como um sol de luz abaixo daquele outro sol que era mais alto e primeiro.

A princípio, esses coros de espíritos moviam-se como se fossem movidos pela força do amor que vinha do sol mais elevado.

De repente vi uma parte de todos esses coros ficar imóvel, olhando para si mesmos, contemplando a própria beleza. Eles conceberam o seu próprio contentamento; Eles viam toda a beleza em si mesmos; eles se contemplaram; Eles estavam em si mesmos.

No início, todos estavam em esferas superiores, movendo-se como se estivessem fora de si mesmos. Agora, alguns deles ficaram parados, olhando para si mesmos. No mesmo momento, vi toda esta parte dos espíritos luminosos precipitar-se e escurecer, e os outros coros de anjos atacá-los e preencherem suas clareiras. Os círculos então ficaram menores. Não vi, porém, que esses bons espíritos saíssem do círculo do quadro geral para persegui-los. Aqueles (os rebeldes) que permaneceram em silêncio, perdidos em si mesmos, avançaram; e aqueles que não pararam dentro de si preencheram os vazios dos caídos. Tudo isso aconteceu em um breve momento.

Quando esses espíritos caíram, vi um globo de escuridão aparecer abaixo, como se fosse o local de seu novo lar, e soube que eles haviam caído ali de forma involuntária e punitiva. O espaço que agora os encerrava, lá em baixo, era muito menor do que aquele que tinham anteriormente, de modo que me pareceu que estavam apertados e angustiados, e não livres como antes.

Desde que vi esta queda quando criança, tive medo dia e noite de sua ação maligna e sempre pensei que eles causariam muitos danos à terra. Eles estariam sempre perto dela, embora não tivessem corpos. Eles obscureceriam até mesmo a luz do sol, e nós sempre os veríamos como sombras vagando diante da luz. Isso seria insuportável para nós.

Criação da Terra

Após a queda dos anjos, vi que os espíritos dos coros luminosos se humilharam diante da Divindade, declararam a sua submissão e pediram à Divindade que reparasse e preenchesse as lacunas que haviam sido produzidas. Então vi um movimento e uma ação na luz da Divindade, que até então permanecia imóvel, e que esperava, como eu sentia por dentro, por aquele pedido dos anjos. Após esta ação dos anjos fiquei convencido de que eles deveriam permanecer firmes e não poderiam mais cair. Foi-me dado entender, no entanto, que foi decisão e decreto de Deus, por causa da queda dos anjos, que deveria haver luta e guerra até que os coros dos anjos caídos estivessem cheios. Este tempo me pareceu em meu espírito muito longo e impossível. Esta luta tinha que acontecer na terra, e não nos céus, onde não deveria haver mais luta, pois a Divindade o havia firmado na sua estabilidade.

Após a persuasão, não consegui ter compaixão do diabo, pois sabia que ele caiu pela força de sua própria má vontade. Nem podia ter raiva de Adão; Por outro lado, senti muita compaixão por ele, porque acho que já estava tudo planejado.

Imediatamente após a súplica dos anjos fiéis e após o movimento na Divindade, apareceu um mundo, um globo escuro próximo ao globo de trevas que se havia formado sob o sol luminoso da Divindade; Este balão estava à direita e não muito longe do balão anterior.

Então concentrei minha atenção no globo escuro que estava à direita da esfera

escura e vi um movimento dentro dele, como se estivesse crescendo a cada momento. Pontos de luz apareceram na massa escura e a cercaram como faixas de luz. Então foram avistados lugares mais claros, e essas faixas de terra foram separadas das águas que a cercavam. Então vi movimento nos lugares mais claros, como se algo vivo se agitasse neles.

Na superfície da tenda vi crescer ervas e aparecer plantas e, no meio delas, seres vivos que se moviam. Parecia-me, pois era ainda criança, que as plantas se moviam.

Até aquele momento tudo estava cinza e agora ficava mais claro como o nascer do sol. Aquele mundo parecia a manhã na terra, que desperta tudo do sono. Tudo o mais que eu tinha visto antes desapareceu da minha vista. O céu estava azul e o sol caminhava em seu caminho. Vi uma parte do mundo iluminada por ela, e tão luminosa e agradável, que pensei: "Este é o Paraíso".

À medida que as coisas mudavam na terra escura, vi algo saindo do círculo mais elevado da Divindade. Pareceu-me, vendo o sol nascer no horizonte, como quando tudo renasce ao amanhecer; Foi a primeira manhã do mundo. No entanto, nenhum ser humano testemunhou isso. As coisas continuaram como se sempre tivessem sido assim. Tudo ainda estava na inocência da criação primitiva. À medida que o sol nascia no horizonte, vi que as plantas e as árvores também cresciam, elevando-se a maiores alturas. As águas pareciam-me mais claras e santificadas; as cores mais puras e brilhantes; tudo era inexprimivelmente agradável. Não há comparação agora de como a criação era então. As plantas, flores e árvores tinham outras formas. As coisas de hoje são, em comparação, como que atrofiadas e danificadas; Hoje tudo está tão seco e murcho.

Muitas vezes, quando vejo frutas e plantas em nosso jardim, e depois vejo as mesmas (em visão) nos países quentes do Sul, completamente diferentes em tamanho, beleza e sabor, por exemplo, pêssegos, penso comigo mesmo: "O que são os nossos frutos em comparação com os frutos dos países do Sul, assim são estes frutos do Sul em comparação com os frutos do Paraíso terrestre." Vi rosas brancas e vermelhas ali e pensei comigo mesmo: "Estas significam a paixão de Cristo e a Redenção". Também vi palmeiras e árvores muito espaçosas que davam sombra como um telhado. Antes de ver o sol, tudo me parecia cada vez menor; depois maior e, finalmente, grande. As árvores não estavam muito próximas umas das outras. Vi apenas um exemplar de cada planta, pelo menos as maiores, e as vi separadas como se pertencessem a um viveiro, plantadas de acordo com a espécie. Todo o resto era verde e tão puro, incôerente e ordenado que nem remotamente se poderia imaginar uma ordem humana. Eu pensava: "Como tudo é tão lindo e ordenado, e não tem homem aqui!...

Ainda não há pecado; É por isso que não há nada manchado ou contaminado aqui. Tudo é sagrado e saudável aqui; nada foi corrigido ou composto; tudo está limpo, puro e incontaminado."

Os prados tinham elevações insensíveis cobertas de vegetação e verdura. No meio avistava-se uma fonte, de onde saíam rios em todas as direções e alguns voltavam à nascente. Nesta água vi pela primeira vez movimento e seres vivos. Então vi animais entre as plantas e os arbustos; Parecia que eles acordaram do sono olhando a grama e as plantas.

Estes animais não eram ariscos e eram muito diferentes dos animais de hoje. Se eu os comparar com os animais de hoje, eles me pareciam como se fossem homens.

Eram inocentes, puros, nobres, muito ágeis, cheios de contentamento e muito mansos.

Não consigo expressar em palavras como eram esses animais naquela época. A maioria deles era desconhecida para mim. Não vi nenhum lá como os de agora. Vi elefantes, veados, camelos e principalmente o unicórnio, que mais tarde também vi na arca de Noé; Ele era particularmente gentil e afetuoso. Era mais curto que o cavalo e tinha a cabeça mais arredondada.

Não vi nenhum macaco, nem inseto, nem nenhum animal nojento ou esqualido. Sempre pensei que esses animais surgiram mais tarde como castigo pelo pecado. Vi muitos pássaros e ouvi seus cantos tão agradáveis como numa manhã alegre.

Porém, não ouvi o rugido das feras nem vi aves de rapina.

O Paraíso Terrestre ainda existe; mas é completamente impossível para o homem alcançá-lo. Eu o vi lá em cima em todo o seu esplendor, separado da terra obliquamente, como a esfera escura dos anjos caídos está no céu.'

Adão e Eva

Vimos que Adão não foi criado no Paraíso, mas no lugar que mais tarde foi Jerusalém. Eu o vi emergir, brilhante e branco, de uma pequena elevação de terra amarela, como se saísse de um molde. O sol brilhava e eu pensava, quando criança, que o sol com a sua luz o fazia brotar da terra. Ele nasceu da terra, então virgem. Deus abençoou esta terra e ela era como sua mãe. Ele não emergiu repentinamente da terra; Demorou algum tempo para aparecer. Ele estava deitado sobre o lado esquerdo, com o braço sobre a cabeça, e parecia envolto em uma névoa fluorescente. Vi uma figura à sua direita e fiquei convencido de que era Eva, que mais tarde foi tirada de Adão no Paraíso pela obra de Deus. Deus chamou Adão e foi então como se a colina se abrisse e Adão emergiu pouco a pouco do seu ventre. Não havia árvores por perto, apenas pequenas plantas com flores. Também vi que os animais saíam do chão um por um e que as fêmeas eram então separadas. Vi que Adão foi levado para muito longe dali, para um jardim colocado no alto, o Paraíso terrestre. Deus fez os animais antes dele. Adão deu-lhes nomes e os animais o seguiram e fizeram festas para ele.

Toda a criação serviu a Adão antes do pecado. Vi Adão no Paraíso, não muito longe da fonte no meio do jardim, levantando-se como se estivesse dormindo, entre flores e arbustos. Seu corpo era de uma brancura vagamente luminosa. Porém, seu corpo tinha mais carne do que um ser puramente espiritual. Ele não se importava com nada ao seu redor; Caminhava entre as árvores e entre os animais como se estivesse habituado, como quem visita os seus campos e posses.

Vi Adão descansando, com a mão esquerda apoiada na bochecha, naquela pequena colina perto das águas. Deus enviou um sono sobre ele. Adão estava imerso em visões. Depois tirou Eva do lado direito de Adão, precisamente do lado onde o peito de Jesus foi atingido pela lança. Vi Eva, a princípio, pequena e delicada; Logo cresceu até que a vi grande e bonita. Se não houvesse pecado, todos os homens teriam sido formados e nascidos num sono tranquilo. O morro foi dividido em duas partes, vi do lado de Adão uma rocha semelhante a cristal e pedras preciosas.

Do lado de Eva formou-se um pequeno vale coberto de pó branco e fino e frutífero. Quando Eva foi criada, vi que Deus deu algo a Adão ou inspirou algo nele. Pareceu-me que raios de luz saíam de Deus, em forma humana, da testa, da boca, do peito e das mãos, formando um raio de brilho, que entrava pelo lado direito de Adão de onde havia tirado Eva. Vi que apenas Adão recebeu esta fonte de luz. Foi o germe da bênção de Deus. Nesta bênção havia como uma trindade. A bênção que Abraão recebeu mais tarde do anjo foi algo semelhante, mas não tão luminosa como a recebida por Adão.

Eva estava na frente de Adão e ele apertou a mão dela. Eram como duas crianças inocentes, maravilhosamente belas e nobres. Eram luminosos, cobertos de luz como se fosse uma veste fluorescente. Na boca de Adão vi um amplo feixe de luz e em sua testa um rosto severo. Ao redor de sua boca havia um sol de raios. Na Eva não havia esse brilho. Eu vi o coração como os homens veem atualmente; mas o peito estava rodeado de raios de luz, e no meio do coração vi uma glória luminosa, e dentro, uma pequena imagem com algo na mão. Acredito que foi uma representação da terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Raios de luz também irradiavam de seus pés e mãos. Seus cabelos caíam em cinco feixes luminosos: dois nas têmporas, dois atrás das orelhas e um atrás da cabeça. Sempre tive a convicção de que através das feridas de Jesus se abriram as portas do corpo mortal que haviam sido fechadas pelo pecado, e que Longinos, ao abrir o peito de Jesus, abriu também as portas do renascimento para a vida eterna. É por isso que ninguém poderia ter entrado no céu antes que essas portas fossem abertas. Vi os raios luminosos da cabeça de Adão como uma superabundância, como uma glória em

relação a outras radiações. Esta glória retorna novamente sobre os corpos glorificados dos bem-aventurados. Nossos cabelos são os restos da queda e da glória perdida, e assim como nossos cabelos são agora comparados aos raios de luz, nossa carne também é comparada ao corpo de Adão antes da queda. O sol de luz sobre a boca de Adão estava relacionado com a bênção de uma descendência santa de Deus, que, sem culpa original, teria sido feito através de palavras. Adão deu a mão a Eva e eles caminharam desde o local onde a mulher havia sido criada, através do Paraíso, examinando tudo e desfrutando da criação. Este lugar era o mais alto do Paraíso terrestre: tudo era resplandecente e leve e mais agradável do que os outros lugares do próprio Paraíso.

A árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal

No meio daquele jardim brilhante vi águas e dentro delas uma ilha, ou melhor, uma península, porque de um lado estava unida por uma barragem.

Esta ilha, tal como o braço de terra que a ligava ao jardim, estava repleta de árvores enormes. No meio da ilha havia uma árvore tão linda que superava a todos em beleza e ao mesmo tempo os cobria e protegia. Suas raízes formaram toda a ilha. Esta árvore cobria toda a ilha e desde a sua largura pronunciada estreitava-se até terminar numa ponta graciosa. Seus galhos se estendiam em posição reta e outros galhos cresciam a partir deles como pequenas árvores, para cima. As horas eram delicadas e os frutos amarelos pendiam de uma vagem e abriam-se como uma rosa com suas pétalas. Parecia muito com cedro. Não me lembro de ter visto Adão ou Eva, nem qualquer animal, para passear na ilha ou ao redor da árvore. Só ouvi alguns pássaros muito lindos, nobres e brancos cantando alto nas pontas.

Esta árvore era a árvore da vida.

Precisamente em frente ao dique ou língua de terra, que conduzia à ilha, estava a árvore do conhecimento do bem e do mal. O tronco era escamoso, como o das palmeiras; as folhas cresceram imediatamente do tronco; Elas eram muito grandes e largas, como solas de sapato. Na frente e escondidos entre as folhas havia frutos, que pendiam em cachos de cinco, dos quais um se projetava um pouco mais que os outros quatro que estavam em seu mamilo. Esta fruta amarela não era tão parecida com uma maçã, mas sim com uma pera ou figo: Tinha cinco nervos ou pequenos ramos. O interior da fruta era macio, como o de um figo, cor de açúcar queimado, atravessado por veias cor de sangue. A árvore era mais larga em cima do que em baixo e os galhos penetravam profundamente na terra.

Ainda hoje vejo esta espécie de árvore nos países de clima quente. Ele lança brotos de seus galhos para o solo e as raízes crescem e surgem novos troncos, que por sua vez criam raízes novamente, de modo que essas árvores semelhantes muitas vezes cobrem uma grande área de terra e às vezes descansam sob sua sombra famílias inteiras de caminhantes. Um pouco à direita da árvore do conhecimento vi um pequeno morro arredondado, como um ovo, coberto de granitos vermelhos luminosos e de todo tipo de pedras preciosas de cores variadas. Estava cheio de formas de cristais preciosos. Ao redor da pequena colina havia lindas árvores de tal altura que era possível permanecer nelas sem ser observado. Também haviam em torno ervas e arbustos. Essas pequenas árvores tinham botões e frutos, reconfortantes e coloridos. A uma curta distância à esquerda da árvore do conhecimento do bem e do mal, havia uma depressão, um pequeno vale, coberto por um delicado pó branco como neblina, com flores brancas e estames de frutos. Havia uma variedade de plantas, mas elas eram mais incolores e mais parecidas com pó do que com frutas. Era como se os dois lugares tivessem uma relação íntima: como se fosse o morro tirado do vale ou se o vale tivesse que ser preenchido com o morro. Eles eram como uma semente e um campo para semear. Ambos os lugares pareciam sagrados para mim. Já os vi brilhar, principalmente a parte pequena. Entre esses lugares e na árvore do conhecimento havia vários arbustos e pequenas árvores. Todo esse complexo e toda a natureza criada pareciam transparentes, cheios de luz. Ambos os lugares foram moradas de nossos primeiros pais. A árvore do conhecimento era como uma divisão entre eles. Acho que vi que Deus lhes apontou esses lugares depois da criação de Eva. Na verdade,

no começo eu não os via juntos com frequência. Eu os vi sem desejo um pelo outro: cada um retirava-se para o lugar de sua preferência. Os animais eram inexprimivelmente nobres, cobertos por um brilho suave e serviram aos nossos primeiros pais. Cada um tinha o seu lugar de retiro, segundo a sua natureza e os seus costumes, segundo as suas aulas. Todos os lugares dos vários animais e suas classes estavam relacionados entre si com um grande mistério das leis eternas que Deus havia estabelecido na criação.

O pecado de nossos primeiros pais

Vi como Adão e Eva passearam pelo Paraíso terrestre pela primeira vez. Os animais saíram ao seu encontro e os serviram e acompanharam.

Vi que eles tinham mais relacionamento com Eva do que com Adão. Pareceu-me que Eva tinha mais a ver com a terra e com as criaturas da natureza; Ela olhou mais para baixo e ao redor e parecia mais curiosa e investigativa. Adão era mais quieto e mais direcionado para Deus, seu Criador, do que para com as criaturas.

Entre todas as criaturas havia uma que, mais do que as outras, gostava de Eva. Ele era um animalzinho indescritivelmente agradável, amigável e lisonjeiro.

Não conheço nenhum outro animal na natureza que possa ser comparado a ele.

Ele era completamente ereto, de corpo magro, parecia não ter ossos; Suas patas traseiras eram curtas e ele corria ficando sobre elas³. Tinha uma cauda terminando em ponta, que alcançava e se arrastava pelo chão, e acima, perto da cabeça, também tinha duas patas pequenas e muito curtas. A cabeça era redonda e de aparência pontiaguda e às vezes mostrava uma língua muito móvel. A cor do ventre, peito e pescoço era branco amarelado, e acima, a parte superior, mais escura, quase como uma enguia. Sua altura, quando elevada, era como a de uma criança de dez anos. Ela estava sempre perto de Eva, e era tão amigável e lisonjeira, tão móvel e interessada em se mostrar e em cercar Eva, que ela sentia grande prazer em sua companhia. No entanto, este pequeno animal tinha algo misteriosamente assustador para mim e ainda o tenho agora diante dos meus olhos. Não vi nem Adão nem Eva tocá-lo. Na verdade, antes da queda, havia uma grande distância entre o homem e os animais. Nunca vi os primeiros homens do mundo tocarem nos animais, e mesmo quando os animais eram domesticados e mais aparentados com os homens, alguns mantinham-se mais afastados dos animais.

Quando Adão e Eva voltaram àquele lugar resplandecente, apareceu diante deles um rosto luminoso, como o de um homem nobre e severo, de cabelos brancos e luminosos, e pareceu-me que, mostrando-lhes toda a natureza, ele a deu a eles, e esse algo, em troca, ele ordenou que observassem. Eles não pareciam tímidos em sua presença e o ouviam sem demonstrar medo. Quando este Ser desapareceu pareceu-me que eles estavam ainda mais contentes, mais felizes, e que entendiam mais e encontravam maior ordem em tudo o que viam na natureza. Sentiam um grande desejo de serem gratos, e esse sentimento era maior em Adão do que em Eva, que encontrava mais contentamento na sua felicidade e olhava mais para as coisas do que para a gratidão a Deus.

Ela não estava tão imersa em Deus como Adão; ela tinha mais de sua alma na natureza. Acho que eles caminharam três vezes pelo Paraíso Terrestre. Vi Adão agradecendo e maravilhando-se com a beleza da criação, na pequena colina luminosa onde havia sido imerso em sono e visões, pela obra de Deus, quando Eva foi criada e tirada do seu lado. Adão estava sozinho sob as árvores.

Vi Eva aproximar-se da árvore do conhecimento como se quisesse passar por ela. Aquele animalzinho estava com ela novamente e parecia ainda mais lisonjeiro, bajulador e empolgado. Eva ficou muito entusiasmada com o animalzinho e sentiu muito prazer em estar em sua companhia. O animal subiu na árvore a tal altura que sua cabeça alcançou a de Eva; Ele se segurou na árvore com os pés.

Ele virou a cabeça para Eva e falou. Ele disse que se comessem o fruto da árvore seriam livres e não mais escravos, e eles saberiam qual seria a forma de seus descendentes. Eles já sabiam que teriam filhos; Mas entendi que eles ainda não sabiam como Deus queria, e que se soubessem, teriam pecado apesar disso, a

redenção não teria sido possível. Eva ficou cada vez mais curiosa sobre as coisas que a serpente lhe contava. Algo aconteceu nela que a mergulhou na escuridão. Eu tremi por ela. Ela olhou para Adão, que estava absorto sob as árvores. Eva o chamou e ele respondeu ao chamado dela. Eva foi ao seu encontro e depois recuou. Uma indecisão, uma inquietação eram evidentes nela. Ele se virou como se quisesse passar pelo lugar da árvore; mas ela se aproximou dele pelo lado esquerdo e ficou atrás dele coberta pelas longas folhas caídas. A árvore era mais larga no topo do que na parte inferior e as folhas caíam pesadamente no chão. Havia também uma fruta particularmente bonita pendurada na parte onde Eva estava. Quando Adão chegou ao local, Eva o pegou pelo braço e apontou para o animal que falava, e Adão também ouviu suas palavras. Eva Pegou seu braço, foi a primeira vez que ela fez isso. Adão não tocou nela e vi que já havia escuridão nela. Vi que a serpente apontou para a fruta; mas ele não se atreveu a arrancá-la para Eva.

Mas assim que Eva expressou o desejo de ter o fruto, a serpente partiu-a e deu-a a Eva. Era a fruta mais linda no meio de um cacho de cinco frutas juntas que pendiam da árvore. Vi que Eva se aproximou de Adão com o fruto e deu-lhe, pois sem o seu consentimento a culpa e o primeiro pecado não teriam sido cometidos. Eu vi a fruta apodrecer nas mãos de Adão e ele viu figuras dentro dela.

Parecia que eles sabiam o que deveriam ignorar. A parte interna da fruta estava entrecruzada com veias cor de sangue. Vi como eles escureceram, perderam o brilho que os rodeava e seus rostos perderam a serenidade. Pareceu-me que até o sol estava indo embora. A serpente desceu até o pé da árvore e fugiu sobre as quatro patas.

Não vi o fruto ser comido, como hoje se faz, com a boca; mas a fruta desapareceu de suas mãos. Entendi que Eva já havia pecado quando a serpente estava na árvore, pois a vontade de Eva já estava com a serpente. Eu sabia então algo que não posso explicar adequadamente agora. Era como se a serpente fosse a figura e representação externa da vontade de Eva, como se fosse um ser com o qual tudo pudesse fazer e alcançar. Dentro desta vontade (em figura) Satanás entrou.

Ao provar o fruto proibido o pecado ainda não estava completo; mas este fruto de tal árvore, que espalha os seus ramos no solo e reproduz novas plantas da mesma espécie, que fazem o mesmo mais tarde quando plantadas no solo, tem em si o significado de um transplante e de um poder de reprodução próprio, e esta reprodução é como um transplante pecaminoso, separado de Deus. Desta forma, se realizou com a desobediência e com o gostar do fruto, a separação da criatura de seu Deus e a reprodução em si e por si, e o amor próprio, na natureza humana. O fato de provar o fruto, que tinha esse significado e esse conceito em si, resultou numa inversão, numa marcha para trás na natureza, e trouxe o pecado e a morte. A bênção da descendência santa e pura em Deus e por meio de Deus, que Adão recebeu após a criação de Eva, foi tirada dele depois de provar o fruto. Vi como quando Adão saiu de seu lugar na pequena colina para ir até Eva, que o chamou, o Senhor se aproximou por trás dele e tirou algo de seu corpo. Eu estava convencido de que a salvação do mundo deveria vir disso. Certa vez tive, na festa da Imaculada Conceição de Maria, uma visão de Deus sobre este mistério. Vi em Adão e Eva o início da vida corporal e espiritual de todos os homens, e como através do pecado e da queda esta vida foi corrompida e misturada, e como os anjos caídos adquiriram então poder sobre os homens. Eu vi nesta visão como a segunda Pessoa da Santíssima Trindade desceu sobre Adão e com uma espécie de faca retorcida extraiu dele essa bênção antes de consentir em pecar. No mesmo momento vi a Virgem Imaculada emergir do lado de Adão, de onde havia sido tirada a bênção, e subir como uma nuvem luminosa até Deus na sua glória.

Com o provar do fruto proibido, Adão e Eva ficaram intoxicados e com o seu consentimento para pecar uma grande mudança foi operada neles. Então a serpente estava entre eles. Eles eram como se estivessem penetrados pela essência daquele ser e então o joio fosse visto entre o trigo bom. A circuncisão foi instituída como penitência e punição. Assim como a vinha é podada para que o fruto, o vinho, não seja selvagem nem a planta estéril, assim foi necessário fazer-se com o homem para que este pudesse voltar a ser enobrecido.

Certa vez, quando a reparação pela culpa me foi mostrada em visão, vi uma pintura onde Eva emergia do lado de Adão e já esticava o pescoço em direção ao fruto proibido, correndo rapidamente e abraçando a árvore. E então vi outra pintura onde, ao contrário, Jesus, nascido da Imaculada Virgem Maria, era visto correndo em direção à árvore da cruz e abraçando-a. Nesta ocasião vi que os descendentes de Eva, obscurecidos pelo pecado, foram purificados pelos sofrimentos de Jesus, e compreendi que deviam ser arrancado o prazer proibido da carne do homem através da dor da penitência. As palavras da Epístola (Gál. 4,30-31) onde diz que o filho da escrava não deve ser herdeiro, sempre entendi no sentido de que sob o nome de escravo a carne e a sujeição do mulher eram entendidas da mesma forma. O casamento é um estado de penitência e exige abnegação, oração, jejum, necessidade de dar esmola e ter a intenção de aumentar o reino de Deus com os filhos.

Consequências do pecado de Adão e Eva

Antes do pecado, Adão e Eva eram muito diferentes do que somos agora, miseráveis mortais. Com o provar do fruto proibido eles tomaram forma em si mesmos e uma realização das coisas (Sache-Werden) e o que até então era espiritual, tornou-se carnal, uma coisa material, um instrumento, um recipiente. Até então eles eram um em Deus, eles se amavam em Deus e para Deus; Agora eles estavam desapegados em seu próprio amor e vontade, e esta própria vontade é amor próprio, vício em pecado, impureza. Através do gostar da fruto proibido, o homem separou-se do seu Criador e algo como se o homem tivesse tomado para si a criação foi realizado; e desta forma todas as forças, propriedades e sua relação entre si e com toda a natureza tornaram-se corpóreas e tangíveis no homem, coisas de infinitas fases e formas variadas. Antes, o homem era, por Deus, o senhor de toda a natureza; Agora tudo o que existe no homem tornou-se natureza e ele é como um senhor escravizado e sujeito ao seu próprio servo. Agora ele tem que lutar com aquele que foi seu escravo. Não posso expressar melhor, mas parece que posso dizer que anteriormente o homem era o centro e o fundamento de todas as coisas criadas, quando estava em Deus e com Deus, e através do pecado recebeu dentro de si esta natureza que se tornou dona do homem e o tiraniza.

Vi em pinturas todo o interior do homem, seus órgãos como se estivessem em carne e corpo, como uma forma caída e corrupta. Vi a relação que existe entre os seres da natureza desde as estrelas distantes até o mais pequeno dos animais. Toda essa natureza atua e influencia o homem; Ele depende de todas essas coisas e tem que compreendê-las e proceder com elas, e com todas elas ele tem alguma dependência e oportunidade para sustento e luta. Não posso dizê-lo de forma mais clara, precisamente porque também sou um membro da humanidade caída.

O homem foi criado para preencher o coro dos anjos caídos. Se não houvesse pecado, os descendentes de Adão teriam se multiplicado para preencher o número dos anjos caídos, e então a criação teria sido completada. Se Adão e Eva tivessem vivido pelo menos uma geração sem pecado, teriam sido confirmados na graça: não teriam mais caído.

Foi-me assegurado que o fim do mundo não chegará até que o número de anjos caídos seja completado com eleitos e todo o trigo separado do joio tenha sido recolhido nos celeiros do Senhor.

Certa vez tive uma visão completa e infinita de todas as faltas e pecados e de sua solução e reparação. Eu vi todos esses mistérios claramente e os compreendi, mas agora não consigo expressá-los em palavras. Vi a culpa desde a queda dos anjos e o pecado de Adão até os pecados dos tempos presentes em todas as suas infinitas ramificações, e vi também todos os preparativos do remédio e da redenção através de todos os tempos até a morte de Jesus. O próprio Jesus me mostrou a invenção inconcebível e a impureza interior de todas as coisas e de tudo o que ele fez desde o início para purificar e restaurar o que havia caído e perdido.

Com a queda dos anjos vieram muitos espíritos malignos para a terra e o ar. Vi quantas coisas são como que absorvidas e possuídas por sua influência maligna. O primeiro homem era uma imagem de Deus; Foi como o paraíso. Tudo era um Nele e

com Ele Sua própria forma era uma semelhança da forma divina. Ele estava destinado a possuir as coisas criadas e a desfrutá-las; mas ele tinha que fazer isso em Deus e para Deus, e em gratidão por sua bondade. Ele também estava livre e, por isso, sujeito a julgamento: por isso foi proibido.

Ele foi capaz de comer o fruto da árvore. No início tudo era uniforme e plano.

Quando a colina, a altura luminosa onde estava Adão, se ergueu, e se formou e afundou o pequeno vale branco de pó frutífero, onde estava Eva, o tentador já havia se aproximado.

Depois da culpa tudo mudou e se alterou. Todas as formas de criação relaxaram e se dispersaram de mil maneiras. O que era um tornou-se múltiplo, e os homens já não esperavam apenas de Deus, mas apenas de si mesmos.

Agora eram realmente dois, depois eram três e, finalmente, uma multidão.

Antes eram imagem de Deus: agora eram imagens de si mesmos. Eles estavam agora em relacionamento e contato com os anjos caídos. Eles receberam de si mesmos e da terra, com a qual os anjos caídos tiveram influência. Por esta razão, houve uma interminável mistura e dispersão da humanidade entre si e com a natureza decaída, seguida por uma interminável sequência de pecados, culpas e misérias de todos os tipos.

Meu divino Marido me mostrou tudo isso de forma muito clara, tão inteligível e clara como a vida e as coisas cotidianas são vistas, e pensei então: 'Uma criança pode compreender isso. Porém, agora não me é possível explicar: Jesus me mostrou o plano e os meios da Redenção desde o início e me fez ver tudo o que Ele havia feito a esse respeito. Compreendi também que não é correto dizer: 'Deus não precisou tornar-se homem e morrer na cruz por nós; Ele poderia, em sua onipotência, ter feito isso de outra maneira'. Entendi que Ele agiu assim por causa de Sua infinita perfeição, Sua infinita bondade e Sua infinita justiça; que não há dever em Deus, mas Ele faz o que faz e é o que é.

A promessa da redenção

Após a queda do homem, Deus mostrou aos anjos como queria reparar a humanidade caída. Vi no trono de Deus, na adorável Trindade, um movimento das Pessoas divinas. Vi os coros de anjos e como Deus lhes revelou como Ele pretendia reparar a humanidade caída no pecado. Ao ouvi-lo, vi uma alegria indescritível em todos os coros angélicos. Vi aquele pequeno monte de vidro e pedras preciosas, onde estava Adão, sendo levado pelos anjos ao trono de Deus. Este monte foi preenchido, cresceu, tornou-se um trono, uma torre e se espalhou de modo que cobria tudo.

Vi os nove coros de anjos em torno desta torre e acima destes anjos, nos céus, a imagem da Virgem Imaculada. Foi Maria, não no tempo: foi Maria, em Deus e na eternidade. Foi algo que veio de Deus. A Virgem entrou na torre, que se abriu e se fundiu em uma só. Naquele momento vi algo sair da Santíssima Trindade e entrar na torre. Entre os anjos vi um ostensório em que todos trabalhavam. Também parecia uma torre com algumas figuras misteriosas; entre eles eu vi duas figuras que deram as mãos um ao outro. Este Ostensório cresceu e tornou-se mais esplêndido e magnífico. Vi algo sair de Deus entre os coros dos anjos e entrar no Ostensório, algo sagrado, que se tornou mais perceptível à medida que se aproximava do Ostensório. Pareceu-me que era o germe da bênção divina para uma descendência pura que Deus havia dado a Adão e que Ele tirou dele no momento em que estava prestes a ouvir a voz de Eva e consentir em provar o fruto proibido. Este germe de bênção foi mais tarde dado a Abraão e tirado de Jacó quando ele lutou com o anjo. Mais tarde foi passado, através de Moisés, para a Arca da Aliança e finalmente entregue a Joaquim, pai de Maria, para que ela pudesse ser concebida tão pura e imaculada como Eva foi tirada do lado de Adão imersa no sono por Deus.

O Ostensório também entrou na primeira torre. Vi um cálice preparado pelos anjos da mesma forma que o cálice da Última Ceia, que também entrou na torre. No lado externo direito da torre você podia ver, como se estivesse em uma pequena nuvem, uma espiga de trigo e uma videira entrelaçadas como duas mãos dadas. Desta

união nasceu uma árvore genealógica, em cujos ramos havia pequenas figuras de homens e mulheres de mãos dadas. O último broto terminou em um berço com a Criança.

Vi, então, em imagens o mistério da Redenção como promessa até que os tempos se cumpram, bem como os efeitos de uma ação diabólica contrária. Finalmente vi sobre a pequena colina ou rocha luminosa um grande e esplêndido Templo, que era a Igreja Una, Santa e Católica, que carrega dentro de si, viva, a salvação de todo o universo. Em todas essas pinturas havia uma correlação maravilhosa entre uma coisa e outra. Vi que mesmo o mal e o perverso, que foram deixados de lado pelos anjos, serviram em última análise para o maior desenvolvimento da salvação e da redenção. Assim vi o antigo templo surgir de baixo, semelhante à santa Igreja; mas não tinha torre. Era bem grande; mas ele foi jogado de lado pelos anjos e ficou inclinado de lado.

Vi aparecer uma concha (culto idólatra) que tentava entrar no templo; mas ela foi deixada de lado pelos anjos da guarda. Então vi aparecer uma torre larga e rombuda (pirâmide egípcia), por cujas portas se cruzavam numerosos rostos como os de Abraão e dos filhos de Israel. Isto indicava a escravidão dos judeus no Egito. Esta pirâmide também foi jogada de lado, como outra torre egípcia de vários andares, o que significava a vã observação de estrelas, astrologia e adivinhação. Finalmente Vi um templo egípcio, que também estava tombado de lado, permanecendo apoiado na base.

Finalmente vi numa pintura na terra como Deus anunciou a redenção a Adão, onde apareceu uma Virgem que lhe traria a graça e a salvação perdidas. Adão, porém, não sabia quando isso iria acontecer, e mais tarde o vi muito triste ao ver que Eva lhe deu seus primeiros filhos e mais tarde uma filha.

Vi Noé e seu sacrifício, durante o qual ele recebeu a bênção de Deus. Então tive visões de Abraão, sua bênção e a promessa de Isaque. Vi como esta bênção da primogenitura passou de um primogênito para outro, sempre como sacramento. Vi que Moisés recebeu o mistério (o germe da descendência pura tirado de Adão) na noite da saída do Egito e que apenas Aarão tinha conhecimento da existência de tal mistério e sacramento. Vi este mistério guardado na Arca da Aliança, e que apenas o Sumo Sacerdote e alguns santos, por revelação de Deus, tinham conhecimento da existência deste mistério. Foi assim que vi o curso deste mistério: passava da árvore genealógica de Jesus até Joaquim e Ana, que eram os consortes mais puros e santos de todas as épocas, de quem nasceria Maria, a imaculada Virgem. A partir daquele momento, a própria Maria foi a arca que continha o mistério na sua realização.

Adão e Eva são expulsos do Paraíso terrestre

Vi Adão e Eva vagando de um lugar para outro, cheios de tristeza e desespero. Seus rostos estavam sombrios e eles caminhavam separadamente, como se procurassem algo perdido. Eles tinham vergonha um do outro. A cada passo que davam, desciam mais; Parecia que o chão estava escorregando sob seus pés. Onde quer que pisassem, as plantas murchavam e perdiam o brilho, e se tornavam cinzas; e os animais fugiram deles assustados. Procuraram e pegaram algumas folhas grandes e fizeram faixas na cintura, e continuaram andando, distanciados um do outro. Depois de terem caminhado muito tempo dessa maneira, o lugar de onde haviam saído já havia se afastado e parecia uma elevação ou montanha distante. Adão e Eva procuraram refúgio, separadamente, entre os arbustos de um vale escuro.

Então uma voz vinda de cima os chamou. Eles, porém, não apareceram. Eles ficaram mais assustados, fugiram e se esconderam no matagal. Isso me causou muita tristeza. A voz ficou mais severa. Eles se esconderam ainda mais; mas foram forçados a se mostrar. Um rosto severo e esplêndido apareceu. Eles apareceram com a cabeça baixa e não ousaram olhar para a face de Deus. Eles se entreolharam e culpavam um ao outro por sua desobediência. Então Deus lhes indicou um lugar ainda mais abaixo, onde havia arbustos e árvores, e só aqui eles se tornaram mais humildes e reconheceram plenamente toda a sua miséria e pecado. Quando Eles estavam sozinhos, eu os vi orando. Eles se separaram e caíram de joelhos no chão,

ergueram as mãos para o céu, gritaram e choraram. Quando vi isso pensei o quanto ajuda e como é saudável separar-se na solidão para se entregar à oração. Eles agora tinham uma vestimenta que cobria seus corpos dos ombros até os joelhos. Ao redor do corpo havia uma trouxa de roupas.

Enquanto eles fugiam, pareceu-me que o Paraíso terrestre, atrás deles, estava recuando e subindo para o alto, como uma nuvem. Com isso ele veio do céu como um anel de fogo, exatamente como um halo ao redor do sol ou da lua, e pousou no alto onde antes existia o Paraíso. Eles estiveram no Paraíso apenas um dia. Ainda agora vejo o Paraíso terrestre, ao longe, como um banco sob o sol quando ele nasce. O sol, ao que parece, nasce à direita, no final desta margem. Situa-se a leste do Monte dos Profetas, onde o sol nasce e sempre me aparece como um ovo flutuando entre águas admiravelmente límpidas e claras, que o separavam da terra. O Monte dos Profetas parecia uma montanha colocada em frente ao Paraíso. No Monte dos Profetas você podia ver lugares verdes, e entre eles profundos desfiladeiros cheios de água. Vi pessoas subirem ao Monte dos Profetas mas eles não alcançaram muita altura.

Então vi Adão e Eva chegarem à terra da penitência. Foi comovente ver nossos primeiros pais penitentes, deitados no chão. Adão conseguiu pegar um ramo de oliveira do Paraíso, que plantou ali mesmo. Posteriormente, foi retirada lenha desta árvore para a Cruz do Salvador. Nossos pais ficaram extremamente tristes. Do lugar onde os vi eles mal conseguiam ver o Paraíso. Eles sempre estiveram se afastando, descendo, e também parecia que algo estava sendo revelado; e assim chegaram à noite, na escuridão, ao local onde deveriam fazer penitência.

A família de Adão

Foi o local onde mais tarde ficou o Jardim das Oliveiras, onde vi Adão e Eva chegarem e pararem. A configuração do terreno era então diferente; mas me foi mostrado que era o mesmo lugar. Vi-os viver e fazer penitência no lugar onde Jesus suou sangue. Eles trabalharam nesta terra. Eu os vi rodeados de filhos e com grande tristeza clamarem a Deus para que lhes dar filhas. Eles esperavam na promessa de que a mulher esmagaria a cabeça da serpente.

Eva deu filhos a Adão, em determinados momentos; mas sempre houve alguns anos de penitência entre esses períodos. Assim nasceu Set, o filho da promessa, após sete anos de penitência; Ele nasceu precisamente na gruta que mais tarde se tornou Belém. Um anjo disse a Eva que Set foi dado a ela pelo inocente Abel. Sete ficou escondido por muito tempo naquele caminho e em outra caverna próxima, chamada gruta de amamentação de Abraão, porque seus irmãos o perseguiram até a morte, assim como os irmãos invejaram e perseguiram José.

Uma vez vi onze pessoas ao redor de Adão: eram Eva, Caim, Abel, duas irmãs e outras crianças pequenas. Estavam todos vestidos com peles, que caíam como escapulários em volta da cintura. Essas peles eram mais largas na frente do peito e serviam de bolsos. Nas pernas eram mais abertas e fechadas com amarrações nas laterais. Os homens usavam peles e vestes mais justas, além de uma bolsa para guardar seus pertences. Nos ombros, até o meio do antebraço, havia essas finas peles brancas, e nas mulheres elas também eram seguradas debaixo do braço. A aparência dessas pessoas vestidas assim era muito bonita e nobre. Vi que suas cabanas que eram um tanto fincadas no chão, cobertas de galhos e plantas como telhado. Percebi que tinham uma organização doméstica perfeita. Vi prados cobertos de pequenas árvores frutíferas, mas com troncos robustos. Também vi trigo e vários grãos que Deus havia dado a Adão para semear. Não me lembro de ter visto trigo ou videiras no Paraíso Terrestre. Não havia ali comida que precisasse ser preparada para comer. A preparação da comida é uma penalidade pelo pecado e um símbolo de dor. Deus deu a Adão tudo o que ele deveria semear. Lembro-me que para isso de ter visto no tempo de Noé alguns homens, como anjos, darem algo a este patriarca quando ele entrou na arca; Pareceu-me que era um pedaço de videira preso numa maçã. Nessa época já crescia uma espécie de trigo silvestre, e Adão teve que separar o trigo bom deste cereal silvestre. Isto melhorou a natureza, mas com o tempo este cereal deteriorou-se até ficar estragado.

Este cereal selvagem cresceu muito bem e melhorou nos primeiros tempos, especialmente na região Oriental, como na Índia e na China, quando ainda havia poucos homens no mundo. Nas regiões onde abundam as vinhas e há águas com peixes, este cereal não prospera. Vi que bebiam leite de alguns animais e faziam queijos que secavam ao sol. Entre os animais vi ovelhas. Todos os animais que Adão nomeou no Paraíso mais tarde o seguiram até a terra; mas eles fugiram dele, e Adão teve que atraí-los e domesticá-los dando comida. Vi muitos pássaros esvoaçando, pequenos animais e cabras saltadoras.

Uma ordem doméstica patriarcal reinou ali. Vi os filhos de Adão comendo numa cabana; A comida era colocada sobre uma grande pedra que servia de mesa. Eu os vi orar e agradecer pela comida. Deus ensinou Adão a oferecer sacrifícios, e Adão era sacerdote em sua família. Caim e Abel também eram familiares. Os preparativos eram feitos em cabanas separadas. Suas cabeças eram cobertas por um capuz em forma de navio, tecido com juncos e folhas, com uma ponta saliente na frente para facilitar o agarramento. A aparência e a cor de seus rostos eram algo lindo, enferrujado, brilhante, como seda, e eles tinham cabelos loiros da cor dourada. Adão tinha cabelo comprido. A princípio eu o vi com barba curta, e mais tarde com barba longa. Vi Eva no início com os cabelos soltos e ásperos; Mais tarde ela os prendeu em tranças, na cabeça, como um boné. Vi o fogo que eles usavam como brasas, que mantinham escondido em buracos no chão. Eles receberam do céu pela primeira vez. Deus lhes ensinou o uso do fogo. Era um material amarelo, como terra ou argila, que usavam como carvão para queimar. Não os vi cozinhar; Porém, a princípio os vi expondo ao sol e torrando. Também os vi expor aos raios solares grãos de trigo triturados, colocados em pequenas cavidades feitas no solo, cobertas com coberturas feitas de galhos entrelaçados. Os grãos que Deus lhes deu foram trigo, centeio e cevada. Deus os instruiu em seu cultivo, bem como os guiou em outros trabalhos e necessidades.

Não vi então grandes rios, como o Jordão; mas jorravam fontes que se dividiam em canais ou ficavam presas em lagoas. Antes da morte de Abel eles não tinham comido carne.

Certa vez, no Monte Calvário, tive uma visão de como um profeta, companheiro de Elias, entrou em algumas cavernas que havia então sob aquela montanha, muradas, que serviam de tumbas. Lá ele encontrou um sarcófago de pedra contendo ossos do crânio de Adão. Então um anjo lhe apareceu e lhe disse: 'Este é o crânio de Adão.'

E ele a proibiu de tirar aqueles ossos de lá. Ainda havia finos cabelos loiros naquele crânio. Aprendi que, pela narrativa desse profeta, o nome da Caveira foi dado àquele lugar. Precisamente sobre o lugar daquela caveira a cruz de Jesus Cristo veio apoiar seus pés sagrados. Eu soube em visão que aquele lugar é o ponto médio do mundo. Foi-me mostrado isso com números, calculando para o Leste, o Sul e o Oeste. Mas esqueci esses números.

Caim e Abel

Vi que Caim tomou a decisão de matar Abel no lugar que era o Jardim das Oliveiras e que mais tarde ele ficou vagando e fugitivo por ali. Ele plantou uma árvore e a tirou novamente. Então eu vi o homem brilhante e severo, que perguntou: 'Caim, onde está seu irmão Abel?'... Caim não o viu a princípio; não sei. Não foi-me dado para guardar." Quando Deus falou e disse que o sangue do Abel gritou da terra, Caim ficou cheio de medo.

Porém, vi que ele disputou com Deus por muito tempo. Deus lhe disse que ele seria amaldiçoado na terra, que ela não daria frutos e que ele vagaria de um lugar para outro. Então Caim disse que seria morto em qualquer lugar.

Havia então muitos homens na terra. Caim já era velho e tinha muitos filhos, assim como Abel. Havia ali outros irmãos e irmãs de Caim e Abel. Deus lhe disse que não o matariam; que quem fizesse isso seria punido sete vezes mais. Fez-lhe então um sinal para que fosse reconhecido e que ninguém ousasse matá-lo. Seus descendentes eram homens de cor.

Cam também teve filhos de cor mais escura que os de Sem. Os homens mais nobres sempre foram brancos.

Aqueles que foram marcados com esta marca tiveram filhos semelhantes e com o aumento da maldade de seus descendentes essa mancha passou para todo o corpo e esses homens posteriormente ficaram cada vez mais negros. Ainda assim, no início não existiam homens completamente negros; Isto foi acentuando com a mudança dos tempos. Deus mostrou a Caim um lugar para se refugiar.

Como disse Caim: 'Sim, morrerei de fome, porque a terra está amaldiçoada para mim', Deus lhe disse: 'Não!'; e que comeria carne de animais e que dele nasceria um povo e que dele sairia algo de bom. Antes disso, os homens não comiam carne. Mais tarde, Caim deixou este lugar e construiu uma cidade estável, que chamou de Enoque, o nome de seu filho.

Abel foi morto no vale de Josafá, próximo ao Monte Calvário. Mais tarde, muitas mortes e infortúnios ocorreram neste local. Caim matou Abel com uma espécie de cravo ou massa, com a qual quebrava pedras e pedregulhos, enquanto plantava e cultivava a terra. Acho que era de pedra muito dura, com cabo de madeira, pois tinha uma curva como um gancho.

Aparência dos homens em geral. Os gigantes. Alguns patriarcas.

A configuração da Terra antes do dilúvio era muito diferente da que é agora. Por exemplo, a Terra Santa não era tão cheia de cavernas, fendas e vales como é hoje. As planícies eram muito maiores e as montanhas tinham encostas muito suaves e fáceis de escalar. O Jardim das Oliveiras era apenas um pequeno monte. A gruta de Belém já existia, como uma caverna natural, mas o ambiente era muito diferente do que é agora.

Os homens eram mais altos do que agora, mas sem defeitos. Nós os veríamos agora com admiração, sem medo ou descontentamento. Eles eram mais perfeitos em sua constituição corporal. Entre algumas estátuas de mármore que vejo em abundância em locais subterrâneos, encontro esses exemplares.

Caim levou seus filhos e os filhos de seus filhos para a região que lhe havia sido designada, e de lá eles se dividiram novamente e se separaram em outras regiões. Não vi nada de repreensível em Caim; Seu castigo foi ficar muito cansado e nada deu certo para ele. O vi pouco estimado pelos seus próprios filhos e pelos filhos dos seus filhos; às vezes desprezado, nunca bem tratado. Apesar disso, eles o obedeceram como chefe e líder, mas como alguém amaldiçoado por Deus. Eu sei que Caim não está condenado; Ele foi apenas severamente punido⁵.

Um dos descendentes de Caim foi Tubalcain; Dele veio vários hábitos e dele também vieram os gigantes. Vi muitas vezes que na queda dos anjos, um certo número deles teve um momento de arrependimento⁶, ou de dúvida, e que não caíram tão profundamente como os outros. Esses anjos receberam um lar numa montanha solitária, alta e inacessível, que no dilúvio universal se dissolveu e se tornou um mar de água, criando o Mar Morto. Esses anjos tinham o poder de enganar homens, quando eles se afastaram de Deus. Após o dilúvio eles desapareceram daquele local e se dispersaram pelo ar. Somente no julgamento final eles serão lançados no inferno. Vi os descendentes de Caim se tornarem cada vez mais ímpios e sensuais. Eles se dirigiam cada vez mais para esses lugares, e os anjos caídos se apossaram de muitas daquelas mulheres más e as direcionaram, ensinando-lhes todos os tipos de malícias e seduções. Os filhos destas misturas eram de grande estatura; Eles eram cheios de todos os tipos de truques e artifícios e se tornaram instrumentos dos espíritos e dos anjos caídos. Dessa forma, formou-se naquela montanha e ao redor dela uma raça de pessoas que, pela força e pela sedução, tentaram perverter os descendentes do justo Set. Foi então que Deus anunciou o dilúvio a Noé, e o patriarca teve muito que sofrer por causa desse povo ímpio e perverso.

Já vi muitas coisas sobre esta cidade de gigantes. Com grande facilidade carregaram pedras enormes para as altas montanhas; Tornaram-se mais ousados e fizeram trabalhos inteiramente maravilhosos. Já os vi subir direto nos troncos das

árvores e nas paredes dos edifícios, assim como fazem hoje os possuídos pelo demônio. Podiam fazer tudo, até as coisas que pareciam mais extraordinárias; mas a maioria delas eram fantasmagorias e artifícios feitos pela arte diabólica. Por esta razão concebi uma grande aversão a todos os jogos de magia, prestígio e adivinhação. Eles faziam todo tipo de figuras e trabalhos em metal e pedra. Eles não tinham nenhum vestígio do conhecimento de Deus e fizeram todos os tipos de ídolos para adorar. Vi que de repente eles faziam uma imagem perfeita de qualquer pedra e a adoravam, ou algum animal terrível ou outro objeto de abjeção. Eles sabiam tudo; eles viram tudo; eles preparavam venenos; Eles exerciam magia e se entregavam a todos os tipos de pecados.

As mulheres inventaram a música. Já os vi ir de um lugar a outro para seduzir as melhores raças e levá-las às desordens que praticavam.

Não construíram casas como as nossas, mas fizeram torres redondas e muito grossas de pedras brilhantes, em cujas bases repousavam pequenas moradias, que conduziam a extensas cavernas, onde se entregavam a horrendas desordens e pecados. Nos telhados desses edifícios você poderia caminhar. Subiam nas torres e observavam através de certos telescópios a distâncias muito grandes; mas não por causa da perfeição destes instrumentos, mas por causa da arte satânica. Eles viam onde havia outras vilas e cidades; Eles iam até lá e os derrotavam e introduziam seus costumes de devassidão: em todos os lugares eles introduziram essa falsa liberdade. Eu os vi oferecer sacrifícios de crianças, que enterraram vivas. Deus afundou profundamente esta montanha com seus habitantes no dilúvio universal.

Enoque, ancestral de Noé, pregou contra essas pessoas iníquas. Ele também escreveu muito; Ele era um homem muito bom e muito grato a Deus. Em muitos lugares dos campos ergueu altares de pedra, e onde a terra produzia frutos, oferecia sacrifícios a Deus e dava graças pelos benefícios recebidos. Assim ele preservou a religião na família de Noé. Foi transferido para o Paraíso terrestre e descansou junto à porta de saída, e com ele outro (Elias). Daquele lugar no Paraíso ele deverá retornar à tenda antes do julgamento final. Os filhos de Cam e seus descendentes também tiveram relações com espíritos malignos após o dilúvio; e é por isso que havia entre eles tantos possuídos, tantos dedicados à magia, e poderosos de acordo com o mundo, e homens igualmente grandes, ousados e desenfreados. Semiramis surgiu da união destes influenciados por espíritos malignos. Ela poderia fazer tudo; Ele apenas ignorou a arte de salvar-se eternamente. Desses gigantes também surgiram homens poderosos, mais tarde considerados deuses nos povos pagãos.

As primeiras mulheres que se deixaram possuir por esses demônios sabiam o que faziam; os outros não sabiam disso, mas já tinham isso incorporado em sua carne e sangue como outra culpa original.

Noé e seus descendentes

Vi Noé como um velho de aparência infantil, coberto com longas roupas brancas, trabalhando em um pomar de árvores frutíferas. Ele podava as árvores com uma faca de pedra retorcida. Aproximou-se como uma nuvem ao lado dele e nela apareceu a imagem de um homem. Noé ajoelhou-se diante da aparição e entendi que Deus lhe disse que queria destruir a humanidade e que Noé deveria construir uma arca. Noé ficou muito triste com isso e eu o vi pedindo perdão e misericórdia. Noé não começou imediatamente a sua obra e o Senhor apareceu-lhe mais duas vezes ordenando-lhe que iniciasse a construção. Se não o fizesse, ele próprio estaria envolvido na destruição geral. Vi-o então deixar o país e ir com a sua família para a região onde Zoroastro (a estrela brilhante) viveu mais tarde. Vivia numa região mais alta, arborizada e mais solitária, com muitas pessoas que emigraram com ele, em tendas. Lá ele tinha um altar diante do qual oferecia sacrifícios. Noé e sua família não construíram casas de material, porque já acreditavam no anúncio de Deus sobre o dilúvio. As cidades incrédulas vizinhas, por outro lado, tinham aldeias materiais, defesas de pedra, muros grossos e todos os tipos de edifícios para se defenderem das ameaças divinas. Uma terrível desordem reinou então na terra. Os homens entregaram-se a todas as desordens, mesmo às mais antinaturais. Cada um roubou

o que pôde. Invadiam propriedades, casas e campos para destruí-los e derrubá-los, e roubavam mulheres e virgens para satisfazer seus costumes perversos.

Também os descendentes de Noé, à medida que aumentavam e se afastavam dele, tornaram-se pervertidos e causaram muitos problemas ao saquearem sua herança e se entregarem a vícios. Os homens daquela época não eram cruéis por causa da ignorância ou porque eram selvagens. ou incivilizados; eles recebiam tudo o que era necessário, viviam com conforto e havia bem-estar geral: eram maus por causa da corrupção e da impiedade. Praticavam a mais abjeta idolatria: cada um fazia um ídolo daquilo que gostava e adorava.

Tentaram, com métodos diabólicos, perverter também os filhos de Noé.

Mosoc, filho de Jafé e neto de Noé, foi seduzido e foi vítima de sedução. Enquanto trabalhava no campo, bebeu o suco de uma planta e ficou embriagado. O que bebiam não era vinho, mas sim o suco de uma planta que carregavam em pequenos recipientes, para beber no trabalho. Vi que eles também mastigavam as folhas e os frutos daquela planta. Mosoc foi, portanto, pai de uma criança, que se chamava Hom. Quando a criança nasceu, ele pediu ao irmão Tubal para cuidar da criança para esconder a vergonha, e Tubal concordou. O menino Hom foi colocado pela mãe em frente à tenda de Tubal, colocando ao lado dele um broto da planta mucosa chamada Hom, com a qual, segundo o costume, ele acreditava garantir os direitos à herança. Mas a hora do Dilúvio estava próxima e assim acabaram as ciladas dessas mulheres. Tubal pegou a criança para si e a trouxe para sua casa sem revelar sua origem. Isto explica porque a criança também entrou na arca de Noé. Tubal deu-lhe o nome da planta Hom, porque foi a única coisa que encontrou com a criança. A criança não era alimentada com leite, mas com o suco daquela planta. Essa planta atinge a altura de um homem; Quando, porém, rasteja, produz brotos com pontas macias como aspargos; a parte inferior é mais difícil. Serve como alimento e substituto do leite. Cresce a partir de um tubérculo e no solo forma-se uma coroa de algumas folhas escuras. O seu tronco torna-se bastante grosso e a sua medula transforma-se em farinha, que se serve cozida ou frita, ou para adicionar em iguarias.

Onde esta planta cresce você pode ver extensões muito grandes. Vi que esta planta entrou na arca de Noé.

Detalhes da arca e proximidade do dilúvio

Um tempo considerável se passou na construção da arca, até que ela fosse concluída. Noé passou muitos anos fazendo isso. Três vezes ele foi avisado por Deus. Ele contratou trabalhadores e auxiliares; Então ele abandonou o trabalho, pensando que Deus perdoaria, e adiou sua tarefa até finalmente concluí-la com sucesso. Vi que na fabricação da arca, como na cruz de Cristo, foram utilizados vários tipos de madeira: palmeiras, oliveiras, cedros e ciprestes. Derrubaram e prepararam a madeira no mesmo lugar. Noé carregava toras nos ombros até o local de trabalho, e isso me lembrou de Jesus carregando sua cruz nas costas. O local de fabricação era uma pequena colina cercada por planícies. Eu vi como eles lançaram os fundamentos da arca.

A arca era redonda na parte de trás, o fundo era oco como uma gamela e alcatroada.

Tinha dois andares; As colunas foram dispostas uma em cima da outra. Eram ocos e não eram troncos redondos; Eles eram redondos ao longo de seu comprimento, na interseção, e tinham uma medula branca em seu interior que se unia no meio. Os troncos tinham sulcos e as folhas grandes cresciam ao redor do tronco sem sulcos. Eu vi como eles fizeram a medula sair com um instrumento. Eles cortavam a madeira das árvores em tábuas finas. Quando Noé terminou de carregar e organizar tudo o que era necessário, começaram a construir a arca. A base já estava assentada e asfaltada; as primeiras filas de postes, colocadas; Todos os furos feitos durante a obra foram tapados com piche. Neste primeiro andar foi colocado o segundo, e sobre ele uma fileira de postes para o terceiro compartimento e o telhado. As fendas e interstícios entre os postes e a madeira eram cobertos com

madeira fina, escura e amarela, com fibras entrelaçadas, e as aberturas, mesmo as mais pequenas, eram cobertas com algodão e com um musgo esbranquiçado que abundava em certas árvores. Todo o exterior e interior foram cobertos com uma camada de piche e betume. O telhado era redondo. No meio, de um lado e na metade para cima, estava a porta, e dos dois lados, duas janelas. No meio do telhado havia uma abertura quadrada. Quando foi finalizado e pintado com aquele material brilhante, brilhou como um espelho aos raios do sol. Durante muito tempo Noé trabalhou sozinho dentro da arca, fazendo as verificações dos animais. Os animais eram separados uns dos outros de acordo com suas classes, e havia dois caminhos no meio da arca. Na parte posterior e redonda da arca havia um altar de madeira, cuja mesa formava um semicírculo.

Havia também um lugar separado, ao redor do altar, com lençóis e tapetes. Em frente ao altar havia um braseiro com fogo e brasas, que era como a lareira. À direita e à esquerda havia separações entre moradias e quartos. Tinham dentro de si todo o tipo de pertences e caixas, e muitas sementes e plantas, que colocaram no chão, junto às paredes da arca, que assim parecia toda verde devido à multidão de plantas. Eu vi que eles também tinham vinhas dentro com cachos amarelos de um côvado de comprimento.

Não dá para expressar o quanto Noé sofreu na fabricação da arca devido à maldade e obstinação dos trabalhadores que o ajudaram, a quem pagou com animais e peles. Eles zombavam dele, o desprezavam em todos os sentidos e o chamavam de louco. Eles trabalhavam por um salário abundante, mas não paravam de blasfemar e zombar. Ninguém sabia para quem Noé construía a arca, e por isso ele sofreu todo tipo de injúrias. Vi como, finalmente, quando terminou, ele agradeceu a Deus. O Senhor apareceu-lhe e disse-lhe que voltasse para os quatro cantos do mundo e com uma flauta de junco chamasse os animais que iriam entrar. À medida que se aproximava a hora do dilúvio, o céu ficou mais escuro e um medo inexplicável espalhou-se pela terra; o sol não nasceu; Um trovão contínuo abalou os espíritos. Eu vi Noé caminhar pelos quatro cantos do mundo e tocar sua flauta. Ao seu chamado os animais vieram em ordem, aos pares, machos e fêmeas, e passaram por uma passarela de madeira colocada em frente à porta da arca, e que então foi retirado para dentro. Os animais maiores vieram na frente e entraram; Primeiro, elefantes brancos e camelos. Eles chegaram cheios daquele medo que costumam ter quando uma tempestade se aproxima. A chegada e entrada dos animais durou vários dias. Os pássaros voavam continuamente, penetrando pela abertura do telhado. As aves aquáticas acabaram no fundo da arca. Animais terrestres no espaço intermediário. Os pássaros ficavam sob o teto, empoleirados em estacas ou em gaiolas. Os animais a serem sacrificados entraram juntos em sete pares. Quando a arca acabada foi vista de longe, empoleirada sozinha na colina, ela parecia brilhante com um brilho azulado como se viesse do céu.

Noé entra na arca com seu povo.

O tempo do dilúvio havia chegado. Noé já havia anunciado isso ao seu povo. Ele levou seus filhos Sem, Cão e Jafé, com suas esposas e seus filhos e descendentes: haviam netos de cinquenta e sessenta anos, e destes, filhos pequenos e grandes, que entraram na arca. Todos aqueles que trabalharam para construir a arca e estavam livres da idolatria entraram na arca. Estavam lá dentro cerca de uma centena de pessoas, isso foi necessário para dar a tantos animais a ração de que necessitavam e limpar os compartimentos. Não posso dizer outra coisa senão que vi que os filhos de Sem, Cão e Jafé entrarem na arca. Vi muitas criaturas ali, meninos e meninas; todos os descendentes de Noé que permaneceram bons. Nas Sagradas Escrituras não há menção aos filhos de Adão, exceto Caim, Abel e Set, e ainda assim vejo muitas criaturas entre eles e sempre em pares, isto é, meninos e meninas. A mesma coisa se lê na primeira Epístola de São Pedro de apenas oito pessoas que estavam na arca; isto é, os quatro patriarcas com suas mulheres, das quais descenderam todos os outros depois do dilúvio. Também vi o menino Hom na arca, deitado sobre um tapete de casca de árvore, preso firmemente por uma ligadura de peles. Desde então, vi muitos desses tapetes, como berços de crianças, após o

Dilúvio. Também vi nas frestas e nos quartos de pedra e tijolos essas cavidades cheias de berços para crianças.

As camas dos judeus ficavam geralmente nas cavidades das paredes.

Quando a arca subiu acima das águas e os homens subiram nos telhados, árvores e montanhas, e muitos cadáveres e árvores já eram vistos flutuando nas águas, Noé e seu povo já estavam seguros dentro da arca.

Mesmo antes de Noé entrar na arca com sua esposa e seus filhos e as esposas de seus filhos, ele pediu a Deus misericórdia para com os homens. Eles removeram a ponte de dentro e fecharam a porta atrás deles. Ele abandonou tudo; também parentes próximos, com filhos pequenos, pois o haviam abandonado quando ele estava fazendo a arca. De repente, irrompeu uma tempestade sem precedentes; Os relâmpagos caíram sobre a terra como colunas de fogo e as torrentes de água caíram como riachos vindo de cima. A colina onde estava a arca logo se tornou uma ilha. A calamidade foi então tão grande que acredito que muitos teriam se convertido mesmo por medo.

Vi um demônio negro, de aparência assustadora, iniciar a tempestade negra, induzindo os homens ao desespero. Sapos e cobras procuraram refúgio em algum canto da arca. Naquela época não vi mosquitos ou insetos; Estes apareceram mais tarde, para castigo e calamidade dos homens.

Vi Noé oferecendo sacrifícios no altar, coberto com lençóis brancos e vermelhos. Noé tinha vários ossos de Adão numa caixa redonda, que colocava no altar quando orava e fazia sacrifícios. Vi no seu altar o cálice que Nosso Senhor usou mais tarde na Última Ceia; Este cálice foi trazido a Noé, enquanto ele fazia a arca, por três seres com vestes longas e brancas, como os três homens que apareceram a Abraão para anunciar o nascimento de seu filho. Eles tinham vindo de uma cidade que afundou depois do dilúvio, e falaram com Noé, dizendo-lhe que, por ser um homem famoso, deveria levar aquele cálice dentro da arca, que continha um grande mistério, para que não fosse perdido no desastre da inundação da arca. No cálice havia um grão de trigo do tamanho de uma semente de mirasol e um ramo de videira. Noé colocou as duas coisas numa maçã amarela e colocou-as dentro do cálice, que não tinha tampa. Esse galho teve que crescer e brotar para fora. Mais tarde vi este cálice na posse de um descendente de Sem, que viveu após a dispersão de Babel no país de Semíramis e que era o pai dos Samanes, que foram removidos pela obra de Melquisedeque do poder de Semíramis e transportados para a terra de Canaã, e levaram consigo este misterioso cálice.

depois do Dilúvio

Vi a arca flutuando nas águas e muitos cadáveres ao seu redor. A arca parou em uma montanha alta, no leste da Síria, abaixo; numa montanha isolada e muito rochosa. Ela esteve lá por muito tempo.

Vi que a terra já aparecia, embora coberta de lama e mofo verde. No início, depois do Dilúvio, comiam conchas e peixes, abundantes por toda parte; vi os mais verdadeiros deles comerem pão e pássaros quando se multiplicaram.

Eles plantaram e cultivaram os campos. A terra ficou tão fértil depois do dilúvio que eles notaram que o trigo que plantavam tinha grãos tão grandes quanto o milho; Também plantaram a raiz da planta Hom, que era musilaginosa. Vi a tenda de Noé, como a de Abraão mais tarde, numa planície, e ao redor dela as de seus filhos e descendentes.

Vi a maldição de Ham. Sem e Jafé receberam a bênção de Noé de joelhos, da mesma forma que Abraão mais tarde abençoou Isaque. Eu vi a maldição que Noé pronunciou contra Cam vir em sua direção como uma nuvem negra e escurecer seu rosto. Ele não tinha mais a pele branca como antes. O seu pecado foi como a profanação de algo sagrado, como o de um homem que tentasse entrar na Arca da Aliança. Eu vi um descendente muito perverso surgir de Ham, que se tornou cada vez mais pervertido e seu corpo ficou mais escuro. Vi que os povos mais atrasados e degradados eram os descendentes de Cam.

Não me é possível expressar como vi pessoas crescerem e se multiplicarem e se tornarem sombrias em todos os sentidos e se tornarem brutais. Contudo, entre estes povos degradados, espalhou-se alguma luz da verdade e algum desejo de ser esclarecido.

Tubal e os descendentes de Noé

Quando Tubal, filho de Jafé, com seus filhos e os filhos de seu irmão Mosoc, fizeram Noé indicar as terras que deveriam habitar, já haviam quinze famílias. Os filhos de Noé estavam se afastando do patriarca para terras mais ou menos distantes; mas perto dele. As famílias de Tubal e Mosoc afastaram-se de Noé para ocupar regiões mais distantes daquele centro comum.

Quando os filhos de Noé finalmente se multiplicaram e começaram a se desunir, Tubal quis se distanciar ainda mais, para não ter que se comunicar com os filhos de Cam, que já haviam concebido a ideia de construir a torre de Babel. Tuba! e seus filhos não contribuíram para a construção da torre quando mais tarde foram chamados para fazê-lo, assim como os filhos de Sem também se recusaram a cooperar. Tuba! Ele e seus homens foram à tenda de Noé para que ele pudesse mostrar-lhes os territórios que deveriam ocupar. Noé então morava em uma montanha entre o Líbano e o Cáucaso. Noé chorou porque amava esse descendente que permaneceu mais piedoso que os outros. Mostrou-lhes uma região voltada para o Nordeste e lembrou-lhes os mandamentos de Deus, e a oferta de sacrifícios, e fez-se prometer que preservariam a pureza de sua raça, não se misturando com os filhos de Cam. Ele lhes deu roupas e cintos que havia guardado na arca, para que os chefes de família pudessem usá-los na adoração a Deus e nos casamentos, para serem preservados da descendência má e impura. A adoração que Noé ofereceu a Deus me lembra as cerimônias da Missa. Consistia em frases e respostas. Noé movia-se de um lado a outro do altar e às vezes curvava-se profundamente. Noé deu-lhes uma bolsa de couro com um recipiente de casca de árvore, dentro da qual havia uma caixa dourada em forma de ovo, que continha, por sua vez, três pequenos recipientes. Eles também receberam tubérculos da planta musilaginosa chamada Hom. Ele lhes deu rolos de cascas e peles com inscrições, onde vi letras e sinais, além de pequenos bastões de madeira com sinais e letras gravados.

Os homens daquela época eram de bela aparência, de cor amarelo-avermelhada brilhante. Usavam peles, lã e cintos; apenas os braços estavam cobertos. Eu vi como essas peles se encaixavam. Assim que retiraram a pele do animal, ajustaram-na ao corpo para que se ajustasse perfeitamente aos seus membros. A princípio esses homens me pareceram muito estranhos, vendo-os tão peludos, porque usavam essas peles tão justas que à primeira vista pareciam algo natural neles mesmos. Esses homens que emigraram não levaram consigo muitas coisas além de sementes e poucos pertences. Eles emigraram para uma região Nordeste. Não vi camelos entre eles, mas vi cavalos, burros e animais com chifres muito abertos, semelhantes aos de veados. Mais tarde vi estes emigrantes numa região montanhosa, vivendo em grandes tendas presas às encostas das montanhas como a folhagem das árvores. Os vi cavando, plantando árvores em grandes fileiras.

A outra parte da montanha era mais fria, e depois toda esta região ficou mais fria, de modo que um dos netos de Tubal, um certo Dsemschid, emigrou com todo esse povo para o Sudœste. Todos que conheceram Noé e se despediram dele já haviam morrido, exceto alguns. Os que emigraram com Dsemschid, nascidos naquele local, tomaram os idosos que haviam ficado, e com muito carinho os levaram consigo, colocando-os em cestos, para evitar que se cansassem.

Hom e suas aberrações

Quando Tubal e seus descendentes se despediram de Noé, vi também o filho de Mosoc, preservado na arca, que migrou com eles. Hom já estava bastante crescido. Mais tarde vi-o muito diferente dos outros: grande, parecia um gigante, muito sério e muito único na sua forma de ser.

Ele usava uma longa capa e parecia ser considerado um sacerdote. Ele geralmente se separava dos outros e passava muitas noites sozinho nas rochas e nas cavernas das montanhas. No cume das montanhas observava as estrelas e exercia magia, e pela arte diabólica tinha visões, que depois ordenava, escrevia e ensinava, obscurecendo assim os ensinamentos puros que receberam de Noé. A inclinação maligna que ele herdou de sua mãe misturou-se nele com o ensino puro herdado de Enoque e Noé, que até então eram as crenças dos filhos de Tubal.

Hom introduziu interpretações falsas e explicações distorcidas através de suas visões diabólicas e alucinações da verdade pura tradicional.

Hom escrutinou e estudou o curso das estrelas e pela rota do diabo teve visões em forma de verdades, que então tomou por verdades, devido à sua semelhança. Desta forma, levou à idolatria e foi a origem das aberrações do paganismo. Tubal era um bom homem. As aventuras de Hom e seus ensinamentos o enojaram muito e ele ficou especialmente chateado porque um de seus filhos, o pai de Dsemschid, apoiava Hom. Ouvi Tubal lamentar dizendo: 'Meus filhos não estão unidos. Eu gostaria de ter ficado com Noé.'

Hom conseguiu dirigir da montanha onde morava, descendo um riacho de água em dois braços, que depois formou um pequeno riacho e depois um rio caudaloso, por onde mais tarde os vi sair dali, sob a orientação de seu chefe Dsemschid, para outra região. Hom recebeu uma espécie de culto de seus apoiadores, como se fosse um deus. Entre outros erros, ele ensinou que Deus está no fogo. Ele misturava seus erros, usando água e aquela raiz que deu origem ao seu nome e da qual se alimentava, para suas manobras de magia e charlatanismo. Plantou este vegetal e depois o distribuiu como alimento sagrado e como remédio para doenças, com tal solenidade que nasceu uma prática supersticiosa. Ele trouxe consigo a seiva desta planta em um recipiente escuro como um pilão. As alças eram feitas de metal. Esses utensílios de metal vieram de outra tribo que vivia em uma montanha distante, que trabalhava com fogo, fundindo metais. Vi que daquelas montanhas saíam chamas de fogo, e ali se formou aquele recipiente com os metais detectados.

Hom não se casou e não atingiu a velhice. Ele contou muitas histórias sobre sua própria morte, nas quais ele, como Derketo e seus seguidores mais tarde, acreditaram.

Eu o vi morrer de uma maneira horrível. Nada restou dele no mundo, pois o diabo levou o com ele. Por esta razão, seus partidários acreditavam que, como o justo Enoque, ele havia sido levado para um lugar sagrado. O pai de Dsemschid foi ensinado por ele e deixou-lhe o seu espírito para que pudesse continuar o seu trabalho e assumir o seu lugar como chefe desta falsa religião.

Dsemschid, chefe e líder dos povos

Dsemschid, tornou-se, devido à sua sabedoria, o líder da sua tribo, que muito rapidamente aumentou e se tornou um povo respeitável, que conduziu cada vez mais para o Sul. Dsemschid foi bem educado e treinado nos ensinamentos de Hom. Ele era indescritivelmente animado, rápido em seus movimentos, mais ativo e melhor que Hom, que sempre parecia pensativo e concentrado. Dsemschid traduziu a religião de Hom em prática; Ele acrescentou algo mais a esses ensinamentos e observou muito as estrelas. Os povos que o seguiram já tinham o culto sagrado ao fogo e se distinguiam dos demais por sinais típicos de sua raça. As pessoas naquela época tendiam a ficar mais separadas por raça e tribo do que agora, e não se misturavam tão facilmente como hoje. Dsemschid estava muito preocupado em manter a pureza de sua raça e o aperfeiçoamento de suas tribos; Ele separou, moveu e colocou-os como achou melhor. Os homens viviam com grande liberdade, embora estivessem naturalmente sujeitos aos seus guias.

As raças selvagens que vi e que ainda vejo em muitos lugares nada têm a ver com essas raças de homens de beleza natural e nobre, embora simples, e vejo que os selvagens desses lugares e ilhas nada tinham da audácia, destemor e força dos homens primitivos. Dsemschid construiu, nas terras que cedeu às suas tribos, aldeias de tendas, desenhou campos para culturas, abriu estradas, margeando-as

com pedras, e distribuiu as pessoas de um lado para o outro, fornecendo-lhes animais, árvores frutíferas, plantas diversas e cereais. Ela cavalgava em uma extensão de terra e golpeava com um instrumento que sempre carregava nas mãos; imediatamente seu povo veio e cavou, cortou árvores, cercou e fez poços. Ele era extremamente severo e justo com seus subordinados. O vi como um velho alto, magro, amarelo ou avermelhado montado em um animal muito ágil e rápido, amarelo e preto, semelhante a um burro, mas com pernas mais finas. Eu o vi neste animal em torno de um pedaço de campo, como fazem os pobres entre nós, que cercam uma erva daninha que ele mesmo deve cultivar. Em certos pontos ele parava e batia na ponta com um instrumento, ou fincava uma estaca no chão: ali seus homens paravam e colonizavam. Este instrumento, que mais tarde foi denominado 'relha de arado dourado de Dsemschid', tinha o formato de uma cruz latina, de um côvado de comprimento, com uma lâmina que, retirada da bainha, formava um ângulo reto com a haste. um buraco na terra.

O instrumento estava desenhado na veste, no lugar dos bolsos. Lembrou-me o sinal que José e Asenté sempre levaram no Egito, e com o qual José mediu e distribuiu as terras; só que este tinha melhor formato de cruz e tinha um anel no topo onde poderia ser fechado. Dsemschid usava uma capa que caía em dobras da frente para trás. Da cintura até os joelhos pendiam duas peças de couro, duas na frente e duas atrás, que eram presas nas laterais sob os joelhos. Seus pés estavam envoltos em couro e tiras. No peito ele usava um escudo dourado. Ele possuía vários desses escudos, que mudavam de acordo com as festividades e diversas ocasiões de rituais. Usava uma coroa de ouro com pontas, que terminava na frente numa coroa saliente onde tremulava uma espécie de flâmula.

Dsemschid falou muito sobre Enoque: ele sabia que ele não havia morrido, mas sim tinha sido tirado deste mundo. Ele ensinou que Enoque havia transmitido a Noé todos os ensinamentos verdadeiramente bons: ele o chamou de pai e herdeiro de tudo o que era bom. Mas ele acrescentou que de Noé toda essa herança de verdade e bem veio para ele (Dsemschid). Ele também tinha, como vi, um recipiente oval de ouro que usava pendurado no pescoço, no qual, segundo ele, estava aceso algo misterioso e bom, que Noé guardava na arca e que havia recebido em herança. Vi que onde ele, em suas andanças, parou para fundar uma cidade, levantou uma coluna e nela ele colocou, num lugar de ouro, aquele recipiente dourado. A coluna tinha figuras esculpidas: era uma bela construção e no topo havia um pequeno templo como se fosse um santuário. A tampa do recipiente tinha uma espécie de coroa com uma abertura e quando Dsemschid acendia o fogo, tirava algo do recipiente e o despejava no fogo. Na verdade, vi que o recipiente estava na arca e que Noé guardou o fogo nele. Por esta razão tornou-se uma espécie de santuário e objeto sagrado para Dsemschid e seu povo.

Quando era exposto ao público, sempre ardia o fogo diante do qual adoravam e sacrificavam animais. Dsemschid ensinou-lhes que o grande Deus habita na luz e no fogo, e que este Deus tem muitos outros espíritos e semideuses que o servem. Todas as cidades se submeteram ao seu domínio; Ele instalou homens e mulheres em um lugar e outro, dando-lhes animais de fazenda, fazendo-os cultivar e semear o campo. Essas pessoas não conseguiam se desfazer de si mesmas, mas Dsemschid as administrava como rebanhos e entregava as mulheres aos homens de acordo com sua vontade. Praticou a poligamia, teve várias esposas e principalmente uma muito bonita, de melhor origem, de quem teve um filho que foi seu sucessor e herdeiro. Construiu grandes torres redondas, que eram escaladas por degraus e de onde explorava e observava as estrelas. As mulheres, que viviam separadas e intimamente ligadas, usavam vestes curtas e, no peito e na parte superior do corpo, couro trançado; Algum enfeite pendurado atrás dele e em volta do pescoço e sobre os ombros, até os joelhos, um pano largo descia na parte inferior, de formato arredondado. Esta roupa foi decorada, no peito e nas ombros, com sinais ou letras. Vi que em todas as regiões onde Dsemschid fundou cidades, ele mandou construir estradas que iam em linha reta até o local onde a Torre de Babel foi construída.

Onde este líder de cidades se estabeleceu, ainda não havia habitantes. Ele não teve, portanto, que expulsar ou desalojar ninguém; tudo correu pacificamente; Só

via pessoas e edifícios ali. A raça de Dsemschid era amarelo-avermelhada, como ocre brilhante; Ela era realmente uma bela raça de homens. Todas as diversas raças foram contramarcadas, para reconhecê-las e preservar a mais nobre das misturas. Vi o seu povo atravessar uma alta montanha nevada. Não sei como ele conseguiu chegar ao outro lado; mas ele o fez com total sucesso, embora com a perda de muitos de seu povo.

Ele tinha cavalos ou burros e ele próprio cavalgava com um animal pequeno, marmorizado e muito rápido. Uma súbita mudança de natureza fez com que se afastassem da sua primeira casa; A região ficou muito fria. Vi que agora a região é mais benigna. No caminho encontrou tribos no maior abandono; pessoas que fugiram da tirania dos seus líderes; outros esperando por um guia. Essas raças dispersas juntaram-se alegremente ao seu povo e ao seu comando, pois seu caráter era bondoso e distribuíam trigo e bênçãos onde quer que fossem. Vi tribos que tiveram que fugir, porque suas terras foram saqueadas e roubadas, como aconteceu com o paciente Jó. Alguns não conheciam o fogo e assavam o pão ao sol ou em pedras aquecidas pelo sol. Quando Dsemschid os apresentou ao fogo, ele apareceu diante deles como um deus. No caminho encontrou uma tribo que sacrificava crianças defeituosas ou que pareciam insuficientemente bonitas; Eles os cobriram até metade do corpo e acendiam fogo ao redor deles. Dsemschid acabou com esse costume bárbaro; Ele libertou essas criaturas e encarregou certas matronas de cuidar e educar essas crianças. Quando eles cresceram, ele os reclassificou entre as tribos, como trabalhadores e servos. Ele sempre teve o máximo cuidado para preservar a pureza de sua raça.

Dsemschid vivia originalmente com seu povo no sudoeste, ele então tinha o Monte dos Profetas à sua esquerda, em direção ao sul. Mais tarde dirigiu-se para o Sul, tendo então o Monte à sua esquerda, a Leste.

Acho que mais tarde ele foi para o outro lado do Cáucaso.

Então, quando naqueles lugares tudo fervilhava de gente e tudo era movimento, nas nossas lojas (Alemanha) tudo eram apenas florestas, pântanos e terras desérticas. No final, aqui e ali, havia alguns tribos espalhados.

O famoso Zoroastro (estrela brilhante), que floresceu muito mais tarde, era descendente do filho de Dsemschid e renovou os ensinamentos daquele líder de povos. Dsemschid escreveu todos os tipos de leis, preceitos e ensinamentos em tábuas de pedra e casca de árvores. Seu alfabeto era tal que às vezes uma única letra ou sinal significava uma frase inteira. Essa língua ainda era a primeira língua e vejo que tem uma relação ou semelhança, às vezes, com a nossa língua.

Dsemschid viveu até a época de Derketo e sua filha, que era mãe da famosa Semíramis. Dsemschid não chegou lá até a época de Babel, mas seus ataques foram direcionados nessa direção.

Ocasão em que a vidente viu a história de Hom e Dsemschid

Eu vi toda essa história de Hom e Dsemschid em certa ocasião, quando Jesus estava ensinando diante dos filósofos pagãos de Lanisa, a cidade de Chlpre⁷. Esses filósofos falavam de Dsemschid diante de Jesus como um rei sábio do Oriente que havia vivido lá nas Índias, que possuía uma adaga, recebida de Deus, com a qual distribuía e demarcava terras e regiões povoadas e espalhava bênçãos por onde passava. Eles perguntaram a Jesus se ele sabia alguma coisa sobre ele e as maravilhas que contavam sobre seu tempo na terra.

Jesus respondeu-lhes que Dsemschid tinha sido apenas um homem sensato e sábio, de acordo com os sentidos e a natureza, que tinha sido um líder de povos que lideraram a sua tribo e povoaram certas regiões com o seu povo, quando estes começaram a dispersar-se, como aconteceu depois de Babel em maior escala. Ele lhes disse que havia ditado certas leis, e que outros líderes de povos existiram, semelhantes a ele, quando as raças não haviam se tornado tão corrompidas, como aconteceu mais tarde. Jesus mostrou-lhes, porém, quantas fábulas contavam sobre ele e inventavam; enquanto na realidade Dsemschid nada mais foi do que uma imitação e uma imagem falsa do verdadeiro líder dos povos que foi Melquisedeque,

sacerdote e rei. Jesus disse-lhes nesta ocasião que olhassem para Melquisedeque e para o povo de Abraão, pois quando o povo estava disperso, Deus havia enviado as melhores famílias a Melquisedeque para guiá-los e mantê-los unidos, e para preparar uma moradia e terras para eles viverem. e para se manterem puros. Desta forma, disse-lhes, essas pessoas tornaram-se dignas ou indignas da graça do chamado e da promessa, segundo os seus méritos. Jesus acrescentou: 'Quem quer que tenha sido Melquisedeque, você pode pensar e imaginar; A verdade é que era uma imagem primitiva da hora de graça do chamado que se aproximava; "O sacrifício de pão e vinho que ele ofereceu deve agora ser cumprido e aperfeiçoado, e este verdadeiro sacrifício deve durar até o fim dos tempos."

Torre de Babel

A construção da torre de Babel foi obra de arrogância e orgulho. Os iniciadores queriam fazer um trabalho, de acordo com a sua ideia de resistir à providência e à vontade de Deus. Quando os descendentes de Noé se multiplicaram grandemente, os mais sábios e presunçosos deles se reuniram e decidiram fazer uma obra tão grande e tão extraordinariamente forte que seria a admiração de todos os tempos, e assim todos aqueles que vissem falariam deles, como dos homens mais ousados e poderosos do mundo. De modo algum pensaram em dar a glória de tudo a Deus: pensaram apenas em glorificar-se a si mesmos. Se não tivesse havido esse esquecimento de Deus, o Senhor teria permitido que terminassem seu trabalho. Isso ficou claro para mim. Os descendentes de Sem não participaram nesta construção. Eles viviam em lugares planos onde palmeiras e outras árvores gentis cresciam e lhes davam frutos; Porém, também tiveram que contribuir para a construção da torre, uma vez que não estavam tão longe do canteiro de obras. Somente os descendentes de Cam e Jafé cuidaram deste edifício, e chamaram os semitas de povo de serem fracos e tolos, porque se recusaram a se juntar a eles. Os semitas não eram tão numerosos quanto os de Cam e Jafé. Entre os semitas, os descendentes de Héber e depois de Abraão formaram uma raça mais preservada.

Sobre Héber, que não tomou parte na construção de Babel, Deus fixou os olhos para separá-lo e aos seus descendentes da destruição comum do mundo e para tornar esta raça um povo mais santo. Por esta razão Deus deu a este povo uma língua sagrada que nenhum outro povo possuía, para que permanecessem separados dos outros. Esta língua é a língua caldeia pura. A língua materna falada por Adão, Noé e Sem era outra, e dela só resta algo em cada uma das diferentes línguas. As primeiras filhas puras desta língua primitiva são as línguas dos bactrianos, Zend e a língua sagrada do Indo. Ainda existem palavras dessas línguas, como no baixo alemão da minha cidade natal. O livro que vejo ainda existente no atual Ktesifonte está escrito nesta mesma língua; nos Tigres. Héber viveu na época de Semirarnis. Seu avô Arfaxade foi filho escolhido do patriarca Sem, cheio de inteligência e bom senso. Infelizmente, muitas artes e até mesmo muitas artes mágicas derivaram mais tarde de seus ensinamentos e adoração idólatra. Os mágicos têm origem nesses erros.

A torre de Babel foi construída sobre uma altura extensa que tinha um circuito de cerca de duas horas de viagem. Ao seu redor havia um vasto vale com muitos campos de árvores, jardins e plantações. Dos alicerces da torre até a altura do primeiro andar, avistavam-se vinte e cinco largos caminhos de material que, vindos de longe, subiam até aquela altura. Correspondiam às vinte e cinco tribos que construíram a torre. Cada uma dessas tribos tinha que ir de sua cidade distante até a torre, para que naquele momento do perigo ele poderia refugiar-se ao longo de sua rua nas alturas do torre. A torre também deveria servir para o culto idólatra de seus deuses.

Estas estradas muradas estavam no início muito distantes umas das outras, da cidade de origem; Aproximavam-se na direção da torre e quando chegaram lá o espaço entre um caminho e outro não era mais largo que uma rua ou estrada real. Antes da sua conclusão, estes caminhos eram interligados por arcos transversais, e daqui existia, entre cada dois caminhos, uma porta com cerca de três metros de largura que conduzia à base da torre.

Quando estes caminhos se aproximavam da torre eram reforçados por uma série de arcos com aberturas transversais, e ainda mais perto da base da torre, por uma dupla série de arcos, um por cima do outro, e sobre eles era possível caminhar em torno da torre. Esses caminhos serviam para reforçar os alicerces da própria torre como as raízes de uma planta e também para aumentar o peso dos materiais de construção que eram levados para todos os lados do torre. Entre esses caminhos, que eram como raízes da torre, havia muitas salas muradas subterrâneas. Vi que uma grande multidão de pessoas morava em tendas, além daquelas que moravam nos buracos, porões e quartos que ficavam na base da torre. Era um ir e vir, um movimento extraordinário e febril, como as formigas nos formigueiros. Camelos, elefantes e burros subiam e desciam em grande número as estradas, tão largas que podiam se encontrar sem incomodar uns aos outros. Ao longo da estrada existiam locais de carga e descarga, bem como depósitos de forragem e descanso dos animais. Vi que muitos desses animais subiam e desciam as estradas sem homens para guiá-los. Os caminhos na base da torre conduziam a um labirinto de entradas, salas, passagens, escadas e câmaras. Desses porões da torre era possível, por meio de degraus abertos nas paredes, subir por todos os lados até o topo da torre. Do topo do primeiro andar abria-se um caminho externo que corria em forma de caracol ao redor do edifício. O interior da construção estava repleto de porões sólidos, câmaras e passagens em todas as direções. A construção foi feita de maneira uniforme por todos os lados, em direção ao centro, onde a princípio existia uma grande tenda. Eles construíram com tijolos. Tenho visto, porém, que eles também arrastaram grandes pedras esculpidas em outros lugares.

A parte externa desses caminhos que subiam até a torre eram de cor branca e brilhavam aos raios do sol: à distância apresentavam um espetáculo esplêndido. A torre foi construída com arte primorosa e me disseram que poderia ter sido concluída e que permaneceria até hoje, como uma bela lembrança da força da união dos homens, se tivesse sido empreendida tendo em mente a glória de seu Deus e Senhor. Mas eles não pensaram em Deus; Foi obra de puro orgulho humano.

No interior das abóbadas deixaram gravados com pedras de diversas cores, em letras grandes, os homens que mais contribuíram para a construção, e nas colunas estavam os elogios aos seus feitos e façanhas. Estas pessoas não tinham reis, mas sim patriarcas, que governavam de acordo com certos acordos que faziam entre si. As pedras que usaram foram cortadas de forma que, quando colocadas, se unissem perfeitamente. Todos trabalharam no canteiro de obras. Eu vi que eles abriram canais e cisternas em busca de água e que as mulheres pisavam na lama e as misturavam com os pés. Os homens usavam os braços e o peito nus quando estavam no trabalho. Os mais nobres usavam uma espécie de boné com botão na cabeça. As mulheres estavam com as cabeças cobertas.

A torre já tinha subido tão alto que de um lado havia um frio intenso devido à sombra que projetava, e do outro, um calor notável devido ao reflexo do sol nos caminhos e paredes do edifício.

Já trabalhavam há trinta anos e mal haviam chegado ao segundo andar da enorme torre. Neste momento eles estavam trabalhando no interior do prédio, fazendo as colunas em forma de torre e gravando seus nomes com pedras coloridas e as façanhas de suas respectivas tribos, quando de repente surgiu a confusão. Essas gravações em pedra não eram obras muito artísticas; mas muita coisa foi fixada com pedras de cores diferentes e também foram colocadas figuras e estátuas nos nichos.

Entre os mestres e dirigentes da obra vi aparecer Melquisedeque, que lhes pedia contas do modo como procediam e lhes anunciava o castigo de Deus se não mudassem o seu comportamento. A partir daí começou a confusão de ideias. Muitos que até então trabalhavam em paz e harmonia começaram a gabar-se do seu trabalho, do seu conhecimento e da sua contribuição para a empresa, e a reivindicar isenções e privilégios, formando alianças uns contra os outros. Protestos, inimizade e, finalmente, guerra aberta surgiram entre eles. A princípio parecia que havia apenas duas tribos descontentes e rebeldes, e estavam determinado a restringi-las; mas logo se percebeu que todos estavam desunidos. Eles brigaram entre si, houve

mortes e feridos. Eles não se entendiam, separaram-se e dispersaram-se por toda a terra. Vi que os descendentes de Sem foram mais para o Sul, onde Abraão morava. Vi, nesta ocasião, que um homem bom não se retirou de Babel naquela época, mas permaneceu entre as pessoas más do lugar por causa de sua esposa.

Este homem foi a origem dos Samanes, que mais tarde foram oprimidos por Semíramis, até que o próprio Melquisedeque os libertou e os retirou do local, levando-os para a terra prometida.

Quando vi, quando criança, a torre de Babel, não conseguia imaginar o que poderia ser e rejeitei essa visão, pois só tinha visto as casinhas da minha cidade, onde a porta também serve de escape para a fumaça da cozinha e da cidade de Kœsfeld. Às vezes pensava, na minha simplicidade de criança, que isto devia ser o paraíso. Mas posso dizer que sempre vi esta torre da mesma forma que agora; Mais tarde vi a aparência da torre como ainda era na época de Jó.

Nimrod

Um dos principais líderes da construção da torre foi Nimrod, que mais tarde foi considerado um deus, sob o nome de Belo. Ele foi o ancestral de Derketo e Semíramis, que receberam veneração como deusas. Este mesmo Nimrod construiu a cidade de Babilônia com as pedras da torre de Babel e Semíramis completou esta obra em seu tempo. Nimrod também lançou as bases da cidade de Nínive ao introduzir o costume de estabelecer bases materiais para quartos e tendas. Ele era um caçador renomado e um tirano em seu governo.

Naquela época existiam animais grandes e temíveis que causavam danos e devastação; Por esta razão, as expedições contra estes animais eram quase como expedições militares contra os inimigos. Aqueles que conseguissem matar mais animais nocivos e os fortes eram considerados semideuses. Nimrod forçou outros homens a se submeterem à sua tirania. Praticava um culto à idolatria, era cheio de crueldade, praticava magia e teve muitos descendentes. Ele atingiu a idade avançada de duzentos e setenta anos. Tinha a tez amarelada, desde muito jovem levou uma vida selvagem, foi instrumento do diabo e muito dado às observações astrológicas. A partir das mesmas figuras e representações que viu nas estrelas e com as quais previu coisas sobre povos e raças, fez então imagens de ídolos, que mais tarde passaram a ser adorados como deuses. Desta forma os egípcios receberam a Esfinge e os vários ídolos com vários braços e cabeças, que são invenções de Nimrod. Durante setenta anos Nimrod esteve comprometido e preocupado com estas visões diabólicas, formando posteriormente com elas o culto aos ídolos e aos sacrifícios, e instituindo a casta de sacerdotes para este culto idólatra. Através da sua ciência diabólica e da violência que exerceu, conseguiu subjugar as outras tribos e conduzi-las ao projeto de construção da torre de Babel.

Quando foi declarada a confusão das línguas, muitas tribos separaram-se do seu domínio e as mais depravadas delas dirigiram-se, sob o comando de Mesraim, para as terras do Egito. Nimrod então construiu a Babilônia, sujeitou as outras tribos vizinhas à sua tirania e fundou o reino babilônico.

Entre seus numerosos filhos estão Nino e Derketo, que mais tarde foi considerada uma deusa.

Derketo

Desde de Derketo a Semíramis vi passar três gerações, uma filha sucedendo à outra. Eu vi Derketo como uma mulher grande e forte, vestida de peles, com muitos enfeites de couro pendurados e uma espécie de cauda de animal. Ela usava um boné feito de penas de pássaros na cabeça e era acompanhada em suas andanças por muitas outras mulheres e homens. Eles vieram da Babilônia. Derketo sempre teve visões diabólicas; Profetizou isto ou aquilo, fundou cidades, ofereceu sacrifícios e fez incursões contínuas pelas regiões próximas e até pelas mais remotas. Às vezes levava consigo uma raça de pessoas, com seus rebanhos e posses; Ela profetizava boa permanência em um lugar. Levantavam grandes pedras como lembranças, ofereciam sacrifícios e participavam de orgias com os pessoas que eles

tinham com eles. Essas pedras às vezes eram extraordinariamente grandes. Todos se submeteram a ela. Ela estava em toda parte; Ela era reverenciada como uma deusa e em idade avançada teve uma filha que acompanhava todos os seus atos. Vi todas essas coisas em uma planície, de onde se originou toda essa desordem. Mais tarde vi-a, já idosa, de aspecto feroz, numa cidade perto do mar, empenhada em trabalhos de magia e, como num êxtase diabólico, dizendo ao povo ali reunido que devia morrer por todos eles e sacrificar-se ela mesma. Acrescentou que não poderia mais ficar com eles, mas que queria se transformar em peixe para estar sempre perto deles. Salientou a veneração e o culto que lhe deviam ser prestados e, na presença de todo o povo, precipitou-se nas águas do mar. Vi que um grande peixe surgiu imediatamente das ondas e que o povo o saudou com todo tipo de manifestações de veneração, sacrifícios e desordens. De todas as coisas que pertenceram a Derketo surgiu uma série de superstições e adoração idólatra. Vi também que as profecias, mistérios e alucinações que Derketo exerceu estavam intimamente relacionadas com a água e o seu significado.

Vi outra filha de Kerketo emergir de uma pequena montanha. Ela logo ganharia influência e poder. Isso ainda acontecia na época de Nimrod; Eles eram da mesma raça. Vi essa filha de Derketo agir em tudo como a mãe, e de forma ainda mais selvagem. Ele frequentemente fazia longas expedições de caça com um grande acompanhamento de pessoas e às vezes centenas de quilômetros em regiões distantes. Enquanto isso, ela oferecia sacrifícios, exercia magia e adivinhava o futuro. Fundou populações em vários lugares e estabeleceu adoração idólatra em todos os lugares. Vi este ser levado para as águas lutando contra um grande hipopótamo.

Vi sua filha, Semíramis, em uma alta montanha, cercada pelas riquezas e tesouros do mundo, como se o diabo os mostrasse a ela para entregá-los a ela, e então vi como ela completou a corrupção de seu corral na cidade de Babilônia. Nos primeiros tempos, estes estados de possessão diabólica eram, em muitos casos, geralmente silenciosos, sem ruído; Mais tarde, eles se tornaram muito mais abertos e violentos. Essas pessoas tornaram-se assim líderes e guias e foram consideradas deuses. Eles introduziram todo tipo de práticas de culto, de acordo com suas falsas visões. Externamente, eles fizeram todos os tipos de grandes empreendimentos com a arte, usando a violência; Como estavam cheios de ciência diabólica, inventaram coisas maravilhosas. Deste estado nasceu, a princípio, uma casta de senhores e sacerdotes; mais tarde, apenas sacerdotes.

Nos primeiros dias, vi mais mulheres do que homens com essas influências malignas que agiam de comum acordo na ciência e na ação. Muitas coisas que se contam sobre essas pessoas são deformações de seus estados extáticos, magnéticos e diabólicos, e enquanto falavam adivinhavam e ensinavam como verdade as alucinações que sofriam nas mãos do diabo.

Os judeus também praticavam muitas destas artes ocultas no Egito.

Moisés os desenraizou e foi o verdadeiro vidente de Deus. Parte deste ensinamento secreto permaneceu entre os rabinos, o que era privilégio dos seus sábios. Isso degenerou com o tempo, entre as pessoas ignorantes, em práticas baixas que terminaram em bruxaria e diversas superstições. Tudo isso vem da única fonte diabólica, da árvore do mal e do reino das trevas. Vejo essas representações como nuvens escuras sobre a terra; muitas vezes, debaixo da mesma tenda. No magnetismo há um grande elemento desse poder escondido.

Caráter de visões diabólicas

Para estes primeiros servos dos ídolos, a água era uma coisa muito sagrada. A água intervinha em todos os seus cultos e cerimônias; O início de suas visões diabólicas foi a observação na água. Eles tinham reservatórios privados de água sagrada. Mais tarde, este estado de alucinação torna-se permanente e foi visível mesmo sem água. Em uma ocasião pude observar como eles tinham a maioria de suas visões. Foi uma coisa extremamente curiosa. Vi acima das águas, como o mundo exterior era visto com todas as coisas, tal como estão visíveis; Acabei por perceber que tudo estava como que velado por uma esfera de malícia. Assim vi uma árvore abaixo da árvore que estava acima; uma montanha correspondente ao que

está acima; o mar submerso ao mar. Assim estas mulheres, sob a influência do diabo, viam todas as coisas da terra: guerras, cidades, perigos. Mas elas não ficaram satisfeitas em ver estas coisas, como seria agora, mas imediatamente se moveram de acordo com as visões que tiveram. Eles viam uma cidade e pensavam: 'Podemos dominar essas pessoas e submetê-las a nós; É possível atacar aquela cidade; Além disso, é aconselhável encontrar uma fortaleza ou uma cidade.' Viam homens ou mulheres de categoria superior e de melhor raça e estudavam visões de como seduzi-los e convencê-los.

Assim, Derketo viu de antemão que ela deveria ser jogada na água, que se transformaria em peixe e que seria adorada; e ele fez como tinha visto antes. Até mesmo suas próprias orgias e distúrbios ela viu de antemão; então ela os executou conforme lhe foram mostrados. A filha de Derketo viveu numa época em que foram construídas grandes barragens e longas estradas. Ele viajou para longe, para o Egito, e toda a sua vida foi uma constante caça e ataques. Um bando de seu povo foi quem roubou e agrediu o paciente Jó na Arábia.

As artes diabólicas de magia e visões aumentaram muito no Egito. Aqueles que as praticavam estavam tão envolvidos nisso que as bruxas eram vistas em curiosos assentos, diante de todos os tipos de espelhos, nas câmaras dos templos, e centenas de homens gravaram essas imagens nas pedras das paredes subterrâneas e visões que sacerdotes idólatras interpretaram para eles. Às vezes me surpreendeu ver esses maus caminhos e obras das trevas realizadas com certa uniformidade em lugares diferentes, por pessoas muito diferentes, embora todas influenciadas pelo mesmo motivo. Eles diferem apenas nos vários costumes e más tendências do povo. Algumas pessoas não tinham tanto medo da corrupção, mas estavam mais próximas da verdade. Tais eram as famílias de Abraão, as tribos das quais descendiam os Magos, bem como aqueles que observavam as estrelas na Caldéia e os seguidores de Zoroastro na Pérsia.

Quando Jesus veio à terra, e ela foi banhada em seu precioso sangue, a força diabólica diminuiu muito e suas manifestações tornaram-se mais fracas. Moisés foi um vidente desde a infância; mas ele era segundo Deus, e era guiado pelas coisas que via, porque vinham de Deus.

Derketo, sua filha e sua neta Semíramis atingiram uma idade muito avançada para aquela época. Eram de constituição forte, grandes, fortes e de uma estatura que hoje quase nos assustaria. Eram extraordinariamente ousados, imprudentes, extremamente atrevidos, e sempre procederam com muita confiança, pois através da obra do espírito maligno previram os acontecimentos de antemão. Eles se sentiram seguros; Eles agiam como se fossem seres superiores e seus pares os consideravam como tal. Eles eram uma semelhança perfeita daqueles seres mais diabólicos que desapareceram de sua alta montanha no dilúvio universal. É muito comovente ver como os antigos justos e os patriarcas permaneceram na verdade, no meio de toda essa confusão de costumes; Deus os ajudou com revelações verdadeiras, embora tivessem que sofrer e lutar muito. Assim, por caminhos difíceis e ocultos, a salvação chegou aos homens, ao longo dos séculos, apesar de para aqueles servos do diabo tudo ter acontecido de acordo com os seus desejos e inclinações depravadas.

Fiquei muito triste ao ver a enorme extensão do culto desses falsos deuses e deusas, e a grande veneração que eles haviam conquistado no mundo, e vi, por outro lado, a pequena parcela dos devotos de Maria, então figurou naquela nuvem do profeta Elias. Tive essas visões na ocasião em que Jesus estava discutindo com os arrogantes filósofos de Chipre, que tentavam exaltar as suas falsas doutrinas. Contrastando com o seu orgulho estava a humildade de Jesus, a realização de todas as esperanças do mundo, que estava diante deles ensinando-os pacientemente, já perto da morte na cruz pelos os homens. Esta nada mais foi do que a história da verdade e da luz que quer penetrar nas trevas. O mais triste é que as trevas não querem receber essa luz, o que acontece até hoje.

Mas a misericórdia de Deus é infinita. Tenho visto que no dilúvio universal muitos homens passaram por momentos de medo e terror, vendo-se perdidos, e que passaram no Purgatório. Muitos deles foram retirados por Jesus na sua descida às

zonas baixas. Também vi que muitas árvores foram arrancadas durante a enchente e morreram; mas também houve aquelas que ficaram com as raízes fincadas no chão, que voltaram a florescer.

História de Semíramis

A mãe de Semíramis nasceu na região de Nínive. Por fora ela parecia uma garota tímida e modesta, mas secretamente era dissoluta e desenfreada. O pai era um homem da Síria, envolvido na maior ascensão da adoração de ídolos; Ele foi morto após o nascimento de Semíramis. Tudo isso estava relacionado com as visões e adivinhações diabólicas que então se realizavam. Semíramis nasceu longe da Caldéia, em Acalon, na Palestina, e foi criada por sacerdotes na solidão, sob os cuidados de pastores locais. Semíramis costumava viver, quando criança, nas montanhas solitárias. Às vezes ela via os sacerdotes dos ídolos com ela ou com sua mãe, que paravam em suas aventuras ou caçadas a animais selvagens.

Tenho visto o diabo, em forma de criança, brincando com ela, da mesma forma que vi mais tarde o menino João, no deserto, brincando com os anjos e por eles ajudado. Também vi que pássaros, com várias asas, voavam em volta da menina e traziam-lhe brinquedos curiosos. Já não me lembro nem posso expressar quantas coisas se fizeram com isso: foi a mais repugnante idolatria e corrupção. Ela tinha uma presença linda, cheia de ciência diabólica e tudo saía conforme seus desejos. Semíramis foi entregue pela primeira vez, sempre por motivos de negócios ocultos, como esposa a um personagem guardião do gado do rei da Babilônia; Mais tarde, ela se tornou esposa do próprio rei. Este rei subjugou um povo distante do Norte e uma parte levou como escravo para sua região. Este povo foi cruelmente tratado pela Rainha Semíramis, quando esta foi deixada sozinha no reino, e obrigada a trabalhar nas grandes obras de construção. Semíramis era considerada uma deusa pelo seu povo.

Vi a mãe de Semíramis liderando grandes caçadas contra feras temíveis e liderando um pequeno exército de homens montados em camelos, burros listrados e cavalos. Eu a vi, certa vez, levando suas aventuras para a Arábia, em direção ao Mar Vermelho, onde Jó morava. Essas caçadoras eram extremamente ágeis e cavalgavam como homens. Elas estavam vestidas até os joelhos e tinham tiras amarradas nas pernas. Elas usavam sandálias que tinham uma crista com figuras gravadas em cores diferentes. Os sacos de algodão que utilizavam eram decorados com penas finas e variopintas de diversos formatos. O peito e os braços eram cruzados com chapéus adornados com penas, e nos ombros usavam uma espécie de colar de penas entrelaçadas com pedras preciosas ou pérolas. Cobriam a cabeça com um boné vermelho de seda ou algodão e na frente do rosto usavam um véu dividido em duas metades com o qual se protegiam do vento ou da poeira. Atrás dela, uma pequena capa flutuava ao vento. As armas eram lanças, arcos e machados; De lado elas carregavam o escudo. A essa altura, as feras haviam se multiplicado grandemente. Os caçadores os cercaram de grandes áreas e obrigaram-nos a reunir-se em local adequado, onde fosse mais fácil exterminá-los. Eles cavaram covas e fizeram armadilhas para caçá-los, e lá os mataram com lanças e paus. Vi a mãe de Semíramis caçando o animal que Jó descreve como Behemoth. Eles caçavam tigres, leões e outros animais semelhantes. Nestes primeiros dias não vi macacos. Também caçavam nas águas, onde praticavam, através dela, diversas superstições e artes diabólicas. A mãe de Semíramis não era, pelo menos externamente, tão depravada quanto a filha. Ainda assim, ela tinha uma aparência demoníaca e era de uma força e ousadia terríveis. Foi realmente assustador vê-la lutando contra um temível hipopótamo do Nilo, até que ela se jogou na água em sua perseguição. Ela estava montada em um dromedário e, enquanto perseguia sua presa, caiu nas águas. Mais tarde, ela foi venerada como a deusa da caça e considerada a beneficente do povo⁸.

Fundação de cidades no Egito

Retornando de uma excursão à África, Semíramis passou pelo Egito, reino fundado por Mesraim, neto de Cam, que no caminho para aquelas terras já havia encontrado

algumas tribos dispersas e divididas. O Egito foi fundado e estabelecido como um reino com diversas tribos de pessoas e, portanto, tinha, ora uma, ora outra, entre elas, como seu líder. Quando chegou Semíramis chegou ao Egito havia quatro cidades. A mais antiga era Tebas, onde vivia uma raça mais esbelta, ágil e ativa do que na cidade de Mênfis, cujos habitantes eram de raça inferior. Situava-se na margem esquerda do Nilo, acessível por uma ponte larga. Do lado direito ficava o castelo, onde morava a filha do Faraó na época de Moisés. Os habitantes escuros e de cabelos lanosos foram escravos desde os primeiros tempos e nunca reinaram sobre o país. Os primeiros que vieram e construíram Tebas vieram, parece-me, de outras partes da África; Outros passaram pelo Mar Vermelho, passando pelo local por onde mais tarde passaram os israelitas. A terceira cidade Chamava-se Chume, a princípio; depois Heliópolis. Ela estava localizada muito longe de Tebas. Quando Maria, José e o menino Jesus fugiram para o Egito, ainda havia grandes edifícios ao redor desta cidade. Mais abaixo de Mentis fica a cidade de Sais; Acho que era mais antiga que Mênfis. Cada uma destas quatro cidades tinha o seu próprio rei.

Semíramis foi muito homenageada no Egito e aumentou, com projetos e artes diabólicas, a idolatria que ali era praticada. Vi isso em Mênfis, onde ofereciam sacrifícios humanos, faziam planos e se ocupavam em observar as estrelas e realizar trabalhos de magia. Não vi, desta vez, a boa Apis; mas um ídolo com uma cabeça como o sol e terminando em cauda. Lá ela apresentou o plano da primeira pirâmide, que foi construída na margem oriental do Nilo, não muito longe de Mênfis. Neste trabalho toda a cidade foi obrigada a trabalhar.

Quando esta pirâmide foi concluída, vi Semíramis retornar com uma centena de seus guerreiros. Uma festa de inauguração foi realizada e Semíramis foi venerada quase como uma deusa. Esta pirâmide foi construída em um lugar onde havia água e pântanos. É por isso que se tornou fundamental um edifício sólido, com grandes pilares, que parecia uma imensa ponte, sobre a qual a pirâmide foi então erguida. Sob a pirâmide você poderia andar, ao redor dela, como num grande templo de colunas. Lá embaixo eles fizeram muitas diversas câmaras, espaços, prisões e salas; na caverna interna da pirâmide havia muitas câmaras pequenas e do lado de fora você via muitas janelas e aberturas de onde pendiam panos e telas flutuando no ar. Havia grandes jardins e locais de banho. No interior desta pirâmide foi exercida a mais abjeta idolatria; melhor dizendo, no lugar da observação das estrelas, da magia e dos piores enganos. Eles sacrificaram crianças e idosos. Astrólogos, feiticeiros e mágicos de todas as categorias tinha ali seu assento, sua morada e suas visões e ilusões diabólicas.

No lugar dos banhos havia uma instalação para purificar as águas do Nilo.

Mais tarde vi mulheres egípcias em grandes orgias, nestes banhos, relacionadas com as maiores atrocidades do culto aos deuses. Esta pirâmide não sobreviveu por muito tempo: foi destruída. O povo era muito supersticioso e os sacerdotes dos ídolos estavam imersos em tanta ignorância, escuridão e tantas atestas divinatórias, que em Heliópolis chegaram a perguntar os sonhos do povo e os reuniram, escreveram e preservaram, relacionando-os com as observações das estrelas e astros. Havia cada vez mais pessoas magnetizados por visões diabólicas, que misturavam alguma verdade com falsidades. Desta forma foi ordenado o culto aos ídolos e até a cronologia dos egípcios. Vi, por exemplo, que os deuses Ísis e Osíris não eram outros senão José (vice-rei do Egito) e Asente (sua esposa), que os astrólogos do Egito previram após visões diabólicas, e que os colocaram entre seus deuses. Quando chegaram, foram adorados como deuses. Vi que Asente lamentou e chorou por isso, e até ele escreveu contra o culto que lhe foi prestado.

As cronologias do antigo Egito

Os estudiosos modernos que escrevem sobre o Egito estão em grande erro, porque consideram muitas coisas na história, na experiência e na ciência egípcias que se baseiam apenas em falsas visões e sonhos astrológicos. Isto é claro, uma vez que os egípcios continuaram a ser um povo tão ignorante e com uma vida tão bestial, como realmente eram. Os sábios consideram essas influências diabólicas

coisas impossíveis; eles os descartam e, como não podem explicar certos mistérios do Egito sem admitir influências demoníacas, são forçados a atribuir grande antiguidade aos egípcios, uma vez que possuíam certos conhecimentos e cálculos misteriosos e inexplicáveis.

Eu mesmo vi que, já no tempo de Semíramis, em Mênfis, esses sacerdotes a partir de então tinham grandes pretensões em relação à antiguidade, e faziam todo tipo de confusão nos cálculos de seus reis. Eles sempre tentaram aparecer como as pessoas mais velhas e fizeram cálculos e dinastias de reis errados. Assim, eles se colocaram completamente fora de toda cronologia. À medida que mudavam e corrigiam repetidamente os seus cálculos egoístas, no final já não sabiam qual era a verdadeira cronologia do seu país. Como, além disso, perpetuavam as suas datas erradas em grandes edifícios e longas inscrições, a confusão tornou-se total e irremediável. Vi que contavam o tempo dos antepassados e dos descendentes, de tal forma como se o dia da morte do pai fosse o dia do nascimento do filho. Os reis sempre discutiam com os sacerdotes sobre esses cálculos e colocavam pessoas que nem sequer existiam entre os seus antepassados. Vi que os quatro reis ou faraós que reinaram ao mesmo tempo em Tebas, Heliópolis, Mênfis e Sais foram calculados como se tivessem reinado um após o outro. Também vi como, ocasionalmente, contavam um ano por 970 dias, meses por anos e vice-versa. Me foi mostrado como um sacerdote, que fazia as contas, sempre acertando 1100 anos quando na realidade eram apenas 500.

Todos estes relatos falsos me foram mostrados na ocasião em que Jesus, em Aruma, dava a instrução do sábado e falava aos fariseus sobre a vocação de Abraão e a sua estadia no Egito: fez-lhes ver a falsidade dos cálculos exagerados dos sacerdotes egípcios. Jesus disse aos fariseus que o mundo tinha então 4.028 anos. Quando ouvi Jesus dizer isso, ele próprio tinha trinta e um anos de idade.

Nesta mesma oportunidade vi que muitas pessoas peregrinavam ao suposto túmulo de Set, a quem consideravam um deus e cujo túmulo acreditavam estar na Arábia. Essas viagens eram muito perigosas e longas. Parece-me que ainda hoje vivem algumas destas pessoas, que passam agora pelo território turco, e são autorizadas a passar precisamente porque se dirigem para aquele túmulo sagrado.

Melquisedeque

Já vi Melquisedeque muitas vezes; mas nunca como homem, mas como ser de outra natureza, como mensageiro e enviado de Deus. Nunca vi uma determinada parte de sua habitação; algum país que tenha sido sua terra natal; nenhuma relação de Melquisedeque com parentes, ascendentes ou descendentes⁹. Nunca o vi comendo, bebendo, descansando ou dormindo; Eu nem tinha dúvidas de que ele poderia ser um homem, como os outros. Ele tinha roupas tais que ninguém as usava na terra, nem sacerdotes, nem outras pessoas. Por outro lado, vi que se assemelhava aos anjos que vi na Jerusalém celestial, e com o estilo que mais tarde, por ordem de Deus, Moisés mandou fazer vestes sacerdotais.

Vi Melquisedeque, em vários lugares, aparecendo para aconselhar, interceder, ordenar muitas coisas que visavam o bem dos povos e tribos, bem como em ocasiões de triunfo em algumas batalhas. Onde quer que aparecesse, a sua autoridade era incontestável: todos o respeitavam até pelo prestígio pessoal que rodeava a sua aparência. Nunca vi ninguém resistir-lhe, embora não tenha usado meios violentos; e todos os homens, até mesmo os idólatras e os pagãos, receberam suas decisões e cumpriram suas ordens. Vi que ele não tinham igual, não tinham companheiro: ele sempre aparecia sozinho. Às vezes ele tinha dois mensageiros correndo na frente, anunciando sua chegada. Eles estavam vestidos com roupas brancas e curtas. Anunciaram sua chegada em alguns lugares; então ele os licenciava. Tudo o que ele precisava ele sempre tinha com ele. Se ele recebia algo dos homens, eles não sofriam necessidade: davam-no de boa vontade, gratuitamente e com alegria. Aqueles que gostavam de sua presença e tinham um medo reverente dele eram considerados felizes. Os ímpios, ao falarem dele, zombavam de sua ausência; mas diante dele eles se humilhavam e o retinham. Na minha opinião, Melquisedeque, entre os pagãos, idólatras e sensualistas, viveu o que

acontece hoje com um homem de reconhecida santidade de vida: que aparece no meio da multidão e espalha graças, bênçãos e palavras de consolação no seu caminho.

Assim também o vi entre os cortesãos da rainha Semíramis, na Babilônia. A rainha tinha um esplendor extraordinário; Ela fez com que multidões de escravos construíssem os edifícios mais magníficos e tratou essas pessoas com maior crueldade do que os faraós trataram os filhos de Jacó no Egito.

Ali se praticava a mais abominável idolatria. Eram oferecidos sacrifícios humanos, enterrando os seres humanos até o pescoço. Todo o luxo, esplendor, riqueza e arte estavam ali em pleno andamento, de modo que parecia exceder toda medida e moderação. Semíramis empreendeu grandes empreendimentos militares, com numerosos soldados, quase sempre contra os povos do Oriente. Vi pouco disso no Ocidente. No Norte havia então apenas cidades atrasadas, imersas na escuridão e na baixeza. Existia então, nos confins de Semíramis, um povo muito numeroso, de raça semita, que depois da torre de Babel ali se estabeleceu e se multiplicou grandemente. Viviam como pastores, sob tendas; Eles tinham muito gado e adoravam à noite em uma tenda aberta sob a cobertura do céu estrelado.

Eles tiveram a bênção de Deus. Tudo prosperou entre eles e seus animais sempre foram os melhores e mais preciosos. A satânica Semíramis pretendia destruir esta raça abençoada e já havia começado parcialmente o seu trabalho. A mulher perversa sabia, por causa da bênção que havia naquela raça, que Deus tinha algum plano especial com aquele povo; e por isso, sendo obra do diabo, quis destruí-la. Quando a perseguição se tornou intolerável, vi aparecer Melquisedeque. Ele apareceu diante de Semíramis e exigiu que ela deixasse as pessoas saírem de lá. Ele a culpou por sua crueldade. Ela não resistiu à exigência de Melquisedeque, que tirou esse povo escolhido e, em vários grupos, os transferiu para a terra prometida. Durante a sua estadia na Babilônia, vi que Melquisedeque morava numa tenda, e de lá distribuía pão aos necessitados do povo, para que pudessem viajar. Chegando à tenda de Canaã, ele lhes mostrou locais para construir, e eles adquiriram terras como propriedade. O próprio Melquisedeque o distribuiu em lugares onde não se misturassem com raças impuras e idólatras. O nome desta raça soa como Samanes ou Semanes. Ele apontou lugares para alguns deles que foi mais tarde o lugar do Mar Morto. A cidade que eles construíram pereceu na destruição de Sodoma e Gomorra.

Semíramis recebeu Melquisedeque com uma mistura de reverência, medo secreto e admiração pela sua sabedoria. Melquisedeque apareceu diante dela como Rei da Estrela da Manhã, isto é, rei do Extremo Oriente. Ela imaginou que talvez pudesse conquistá-lo como marido e aumentar seu poder.

Melquisedeque falou com ela muito severamente e expôs sua crueldade e tirania, e previu a quase ruína da pirâmide que ela havia construído perto de Mênfis. Semíramis parecia muito assustada e permaneceu diante de Melquisedeque com muita timidez. Vi que veio um castigo: ela ficou como um animal e ficou muito tempo presa. Ele recebeu palha e feno com desprezo, como um animal numa manjedoura. Apenas uma criança a sustentava, dando-lhe comida e bebida. Quando ela recobrou o juízo, voltou às suas antigas crueldades. Vi que terminou miseravelmente; As entranhas foram arrancadas de seu corpo. Ele viveu cento e dezessete anos.

Melquisedeque e os Samanes

Melquisedeque era considerado um ser superior: um profeta, um homem sábio, um homem hierárquico para quem todas as coisas correram bem.

Existiam naqueles tempos e ainda mais tarde vários destes seres de hierarquia superior. Eles não eram estranhos para aquelas pessoas, assim como os anjos que mantiveram Abraão familiarizado. Mas vi que também houveram aparições de seres malignos que tentaram perturbar as obras das pessoas boas; assim como entre os bons profetas, houve maus e enganadores.

A saída dos Samanes da terra da Babilônia foi semelhante à saída, mais tarde, dos israelitas do Egito. Estes Samanes não eram tão numerosos como os israelitas. Dos

Samanes levados ao reino prometido, vi três homens nas proximidades do Monte Tabor, no lugar chamado Montanha do Pão, vivendo em cavernas, muito antes de Abraão. Eles estavam vestidos com peles; Eles tinham o rosto mais escuro do que o de Abraão e seguravam na cabeça uma folha muito larga para se protegerem dos raios do sol. Eles levaram uma vida santa e solitária, à maneira de Enoque; eles tinham um conjunto de crenças simples, mas secretas, e recebiam revelações e visões muito simples. Havia na religião deles a convicção de que um dia Deus se uniria aos homens e como se eles devessem preparar o caminho para sua realização. Eles ofereciam sacrifícios de todos os seus alimentos, separaram a terça parte, expunham ao sol e deixaram lá. Isto é o que me pareceu. Também poderia ser que o colocassem lá para os pobres, pois vi às vezes eles irem até lá e levarem comida. Eu os vi viver de maneira muito simples visivelmente, separados dos outros homens que ainda não eram numerosos e viviam em tendas, formando grupos de cidades. eu vi esses homens fazerem peregrinações a vários locais do país, por vezes cavando poços, limpando montanhas e colocando pedras como alicerces para futuras populações. Eu os vi expulsar espíritos malignos de certos lugares do ar, bani-los para locais pantanosos e estéreis cheios de névoa. Nesta ocasião que verifiquei, mais uma vez. que os maus espíritos costumam habitar frequentemente em locais pantanosos e escuros. Muitas vezes vi esses homens em luta aberta com espíritos malignos. Fiquei a princípio maravilhado quando vi que os locais onde colocavam pedras para levantar populações, estavam cobertas por ervas e plantas selvagens; e ainda assim eu vi que as cidades de Safet, Betsaida, Nazaré, etc., foram construídas precisamente onde eles colocaram aquelas pedras como alicerce. Foi assim que eles trabalharam o local onde posteriormente foi construída a casinha onde Maria recebeu o anúncio do anjo. Da mesma forma eu os vi trabalhando em Fatefer, Séforis, no lugar da casinha de Ana, perto de Nazaré; em Megido, Naim, Ainon e Hebron e na caverna perto de Belém. Eles também fundaram Micmetat e outros lugares cujos nomes não lembro mais.

No Monte Tabor eu os vi reunindo-se mensalmente com Melquisedeque, que cada vez lhes trazia um pão quadrado de um metro quadrado de espessura, já dividido em muitas pequenas partes. Este pão era marrom e estava cozido em cinzas. Vi Melquisedeque vir até eles sempre sozinho.

O pão que ele carregava nas mãos parecia flutuar nelas sem peso; mas quando ao se aproximar, ele colocava-o no ombro, como se pesasse sobre ele. acho que foi assim apareceu como um homem. Eles se comportavam com admiração e se prostravam com o rosto no chão na presença dele. Melquisedeque os ensinou a cultivar a vinha nas proximidades do Tabor e plantaram durante muitos partes do país todos os tipos de boas sementes que ele lhes deu. As plantas ainda crescem lá em estado de selva. Eu os vi cortar um pedaço todos os dias de pão com o instrumento escuro ou pá com que trabalham a terra. Observavam os dias festivos, conheciam as estrelas e comemoraram o oitavo dia com sacrifício e oração, bem como em certos dias do ano. Eu os vi abrir caminhos para onde foram lançadas as pedras dos futuros alicerces e onde plantaram ou cavaram poços. Os lugares de onde eles ainda perceberam os espíritos malignos e eles os purificaram, limparam e esvaziaram.

proibição com total naturalidade. Eles abriram estradas para Caná, Megido, Naim e prepararam a maioria dos lugares onde nasceram os profetas. Lançaram os alicerces de Abelmehola e Dotaim e fizeram o belo poço e os banhos de Betúlia. Eles viram Melquisedeque andando de um lugar para outro do país, e ninguém sabia onde ele residia. Os homens pareciam muito velhos, mas ainda ativos e cheios de vida. No lugar onde eles estiveram mais tarde no Mar Morto e na Judéia já existiam cidades. Havia também alguns no Norte do país. Por outro lado, no centro não havia população.

Aqueles três homens cavaram suas próprias sepulturas, uma perto Hebron, a segunda perto do Tabor e a terceira não muito longe de Safet. Esses varões foram para Abraão o que João mais tarde foi para a vinda de Jesus.

Prepararam e purificaram o país; fizeram estradas, semearam sementes e plantas e canalizaram canais de água para o que deveria ser o pai das multidões do povo de

Deus. João, por outro lado, preparou corações à penitência e ao renascimento, através de Jesus Cristo.

Eles fizeram por Israel o que João fez pela Igreja. Eu vi em diversos lugares homens como estes, que foram colocados em alí pelo mesmo Melquisedeque.

Vi Melquisedeque muitas vezes, muito antes de Semíramis e Abraão, reivindicando a Terra Santa, então selvagem e inculta, ordenando, organizando e apontando lugares. Sempre o via sozinho e pensava comigo: 'O que este homem quer aqui agora, já que não há ninguém neste país?'

Eu o vi cavar um poço em uma montanha, onde o rio Jordão jorrou. Ele tinha nas mãos uma broca longa e fina, que entrava como um relâmpago nas entranhas da terra. Eu vi fontes de água abertas em vários lugares. Nos primórdios do mundo não havia rios, como agora, que fluem e correm densamente pela terra; Vi, no entanto, que muitas das águas descenderam de uma alta montanha no Oriente.

Melquisedeque tomou posse de muitos lugares na Terra Santa marcando-os desde então. Ele mediu o espaço onde seria a fonte de Betesda. Ele colocou uma pedra onde o templo seria construído, antes de existir Jerusalém. Eu vi isso ser plantado como sementes, e aquelas doze plantas cresceram como pedras, às margens do Jordão, onde os sacerdotes paravam com a Arca da Aliança antes de passar para o outro do rio. Dessa forma eu sempre vi Melquisedeque, sozinho, exceto quando intervia entre os homens para reconciliar, agrupar, apartar e guiar famílias e líderes de aldeias de um ponto a outro do mundo. Vi que Melquisedeque construiu um castelo perto de Salém. Era como uma série de tendas, com uma galeria à sua volta e escadas, semelhantes às do castelo vi no país do rei Mensor, na Arábia. Apenas os fundamentos foram de pedras firmes. Pareceu-me que eles ainda existiam nos tempos de João Batista nos quatro ângulos onde estavam localizados os pilotos principais.

Havia apenas uma base sólida de pedras que pareciam um parapeito, onde João colocou sua casinha de palha e junco. Aquele castelo ou tenda era um local onde caminhantes e viajantes paravam como em um abrigo público, próximo de águas agradáveis e abundantes. Talvez Melquisedeque tivesse feito o castelo lá para abrigar e ensinar as pessoas que passavam, pois vi Melquisedeque sempre ocupado aconselhando e orientando raças e povos.

Desde então o local teve relação com o futuro batismo. Isso foi o ponto de partida de Melquisedeque; de lá ele partiu para as obras.

edificação de Jerusalém, em direção a Abraão ou para qualquer outro ponto do país. Lá uniram-se e restabeleceram famílias e tribos, que mais tarde foram estabelecidas em vários lugares. Isto aconteceu muito antes do sacrifício do pão e do vinho, que parece ter acontecido num vale na parte sul de Jerusalém. Salém foi edificada antes de começar a própria Jerusalém.

Onde quer que ele trabalhasse ou construísse, ele parecia lançar as bases de uma futura graça, como se indicasse o lugar de um acontecimento ou iniciasse algo que tivesse que ser realizado com o passar do tempo. Melquisedeque pertence a aquele coro de anjos que se põe sobre os países, as regiões e as cidades. Ao mesmo coro pertenciam os anjos que levaram mensagens a Abraão e aos patriarcas. Esses anjos são como que comparados aos arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael.

O Paciente Jó

O pai de Jó, grande líder dos povos, foi pai de Faleg, filho de Héber. Pouco antes de sua época, ocorreu a dispersão da torre de Babel. Ele tinha treze filhos, o mais novo dos quais era Jó e morava ao norte do Mar Negro, numa montanha onde de um lado fazia calor e do outro, o frio e com neve. Jó era um ancestral de Abraão, cuja mãe era bisneta de Jó, casada com alguém da família de Éber. Jó pode ter vivido na época do nascimento de Abraão. Ele morou em lugares diferentes e sofreu seus infortúnios em três partes. Desde a primeira calamidade teria tido nove anos de tranquilidade; no segundo, sete anos, e no terceiro, 12 anos. Infortúnios aconteceram com ele em vários lugares de sua vivência.

Em nenhuma de suas calamidades ele foi reduzido à miséria total, para que ele não tivesse mais nada; foi reduzido à pobreza em comparação com sua abundância anterior. Ele sempre foi capaz de pagar suas contas, no entanto, com o que lhe restava.

Jó não podia permanecer na casa dos pais; Ele tinha outras inclinações.

Ele adorava o único Deus verdadeiro, especialmente na natureza, nas estrelas e na luz mutável. Ele sempre falou das admiráveis obras de Deus e tinha um culto à Divindade, puro e simples. Ao se separar de seu pai ele foi com seu povo para o norte do Cáucaso. Alí ele encontrou uma região muito miserável e lamenteável. Acho que era onde viviam as pessoas de nariz achatado, maçãs do rosto salientes e olhos pequenos. Alí ele começou a trabalhar e tudo prosperou para ele. Reuniu todos os tipos de pessoas pobres e indefesas, que viviam em cavernas e matagais e não tinham nada para comer, além de aves e animais de caça, ainda crus; Jó os ensinou a prepará-los corretamente para comer. Ele os ensinou a cultivar a terra. Jó e suas pessoas usavam poucas roupas e viviam em tendas. Jó já tinha muitos bovinos, burros malhados e outros animais.

Alí nasceu, de uma vez, três filhos e, em outra ocasião, três filhas. Ainda não tinha uma cidade estável, mas ele mudou de uma parte para outra de suas posses que atingiam um trecho de estrada de sete horas. Eles não cultivavam nesta terra pantanosa nenhum tipo de trigo, mas um junco grosso que ainda crescia na água, que continha uma medula que comiam como mingau ou assavam no fogo. A carne a princípio assavam ao sol em cavidades da terra, até que Jó lhes ensinasse a cozinhar. Eles costumavam plantar muitos tipos de abóboras para alimentação.

Jó era indescritivelmente bom, manso e caridoso e ajudava o povo.

Ele era muito puro em seus costumes. Ele tinha um relacionamento familiar com Deus, que lhe aparecia com certa frequência na forma de um anjo ou de um homem santo, como as pessoas costumavam dizer. Ele via essas aparições angelicais em forma de jovens resplandecentes, sem barba, com longas vestes brancas, forradas com muitas dobras, que caíam até os pés de modo que cobriam toda a pessoa. Eles estavam cingidos e ele os via comendo e bebendo.

Jó foi consolado por Deus, através dessas aparições, em suas calamidades, e essas mesmas pessoas julgaram seus amigos, os filhos de seus irmãos e parentes. Jó não adorava nenhum ídolo, assim como o povo que o cercava. Apenas uma imagem do Todo-Poderoso foi feita, de acordo com sua ideia. Era a figura de uma criança, com brilho em volta da cabeça, mãos uma em cima da outra; em um delas tinha um balão onde podiam se ver desenhadas águas e um navio. Acho que foi uma representação do dilúvio, sobre o qual Jó falava frequentemente com dois de seus amigos mais fiéis, ponderando a sabedoria e a bondade de Deus. A figura era resplandecente como o metal. Ele costumava levá-la consigo para todos os lugares. Jó oferecia grãos, queimando-os em sacrifício, diante da imagem. Eu vi a fumaça subindo como se fosse através de um tubo em direção ao alto. Neste lugar Jó recebeu sua primeira calamidade. Ele sempre teve brigas e dificuldades com os vizinhos, que eram gente ruim. Ele então se mudou para as montanhas do Cáucaso, onde começou seu trabalho, que voltou a prosperar. Neste lugar ele começou, tanto ele como o seu povo, a usar mais roupas: viviam a vida familiar de forma mais perfeita.

Desse segundo lugar partiu Jó, com grande companhamento, em direção ao Egito, onde reis pastores estrangeiros dominavam uma parte do país. Mais tarde, estes reis pastores foram expulsos do país por outro rei ou faraó do Egito. Jó tinha a missão de acompanhar uma esposa, para um desses reis para o Egito, visto que era parente daquele rei. tinha muitos presentes com ele e vi cerca de trinta camelos carregados e muitos servos de empresa. Quando o vi no Egito, Jó era um homem de grande estatura, vigoroso, com rosto agradável amarelo escuro e cabelos loiros.

Abraão, por outro lado, era de cor mais clara. Os homens no Egito eram de cor marrom escuro. Jó não estava feliz no Egito, e vi que ansiava por regressar ao Oriente, à sua terra natal, situada no Sul, mais longe que o terra dos Três Reis Magos. O ouvi dizer na frente de seus servos que ele preferia viver entre animais selvagens do que viver no Egito com aqueles homens.

Ele estava extremamente afligido pela terrível idolatria que reinava no País. Eles ofereciam sacrifícios de criaturas vivas a um ídolo terrível com cabeça de boi e com as mandíbulas abertas, colocando a criança em seus dois braços avermelhados.

O rei pastor, para cujo filho Jó trouxe uma esposa para o Egito, queria mantê-lo lá e sugeriu Matarea como sua morada. Este lugar era muito diferente em sua aparência do que era na época em que a Sagrada Família se estabeleceu ali. No entanto, vi que Jó morava no mesmo lugar onde moravam Maria, José e o Menino, e que o poço de Maria já havia sido mostrado por Deus naquele lugar. Quando Maria o descobriu mais tarde, este poço só era coberto por cima, mas o interior era bem murado, preenchido e preservado. Jó usou a pedra do poço para a cerimônia de sua adoração a Deus. Jó libertou seu quarto de muitas feras e animais venenosos, com orações e sacrifícios. Ele teve visões da futura redenção do homem e aviso das provas que o aguardavam. Ele falou calorosamente contra as abominações do culto idólatra dos egípcios e seus sacrifícios, e acredito que eles foram abolidos em sua época.

Quando ele voltou ao Egito pela segunda vez, a segunda calamidade se abateu sobre ele.

Quando, depois de doze anos, o terceiro infortúnio se abateu sobre ele, Jó vivia Ao sul de Jericó, em direção ao leste. Acredito que esta região lhe foi dada depois do segundo infortúnio, porque em todos os lugares ele foi muito amado e honrado por sua grande justiça, temor a Deus e sabedoria. Jó começou tudo de novo trabalhando e prosperando em uma região plana. Perto dali, em uma montanha frutífera eles mantinham todos os tipos de animais valiosos, como camelos, em estado selvagem, que eram caçados como costumamos fazer com animais silvestres nos bosques. Nesta altura ele se estabeleceu, tornou-se rico e poderoso e construiu uma população; Esta cidade teve seus alicerces de pedras e o resto foram tendas. Ali, quando ele estava no auge de sua glória e grandeza, sobreveio-lhe a terceira prova que o deixou reduzido à miséria e prostrado em doença extrema. Quando ele passou neste teste, ele foi curado de sua doença, ele novamente teve muitos filhos e filhas e acredito que ele morreu muito velho numa época em que outro povo estranho foi introduzido em suas terras.

Embora no livro de Jó os acontecimentos sejam narrados de forma diferente, há ali muitos discursos que são verdadeiramente dele e penso que poderia distinguir um do outro. Na história dos servos, que anunciam, um após outro, correndo e seguido, deve-se notar que as palavras "enquanto ainda falou" significa: quando as pessoas ainda falavam e se lembravam dos infortúnios anteriores de Jó, o segundo e o terceiro já estavam por vir. Que Satanás apareceu diante de Deus, com os filhos de Deus, para acusar a Deus, é uma maneira de dizer. Havia então muito comércio entre espíritos malignos e homens maus e apareciam na forma de anjos. Desta forma eles influenciaram os espíritos dos maus vizinhos, que murmuravam contra Jó, dizendo que ele serviu a Deus porque era próspero; que qualquer um, sendo feliz, poderia servir e amar a Deus. Então Deus quis mostrar que a dor e o sofrimento são muitas vezes apenas um teste para o homem.

Os amigos de quem falam os livros sagrados significam os ditos e opiniões daqueles que lhe foram favoráveis e a forma de julgar os fatos de suas provas.

Jó esperou ansiosamente pelo Redentor e faz parte do tronco de Davi, pois era parente de Abraão, através da mãe deste patriarca, que eram seus descendentes, assim como os ascendentes de Ana em relação a Maria Santíssima.

A história de Jó e suas conversas com Deus foi escrita por dois de seus servos fiéis, que eram como seus mordomos, aos quais ele narrou ele mesmo suas vicissitudes e a história de suas calamidades. Esses dois servidores eram chamados de Hay e Uis ou Ois. Eles escreveram na casca de uma árvore. Esta história foi preservada como algo sagrado entre seus descendentes e passou de geração em geração até Abraão. Na escola da Rebeca foi dito esta história aos cananeus, para lhes ensinar a resignação nas provações que Deus ordena nesta vida. Foi assim que esta história surgiu, através de Jacó e José, aos filhos de Israel no Egito, e Moisés deu-lhe outra redação para que se fosse um consolo para os israelitas, durante a sua escravidão no Egito e na sua peregrinação pelo deserto. Antes a história tinha uma extensão maior; Havia muitas coisas nele que os israelitas não teriam entendido, nem teria adiantado nada. Mais tarde, Salomão deu-lhe uma nova redação: ele deixou fora muitas coisas e colocou muito de si nesta história. Deste modo a escrita primitiva tornou-se um livro de edificação, cheio da sabedoria de Jó, Moisés e Salomão, mas dificilmente pode ser extraída da escrita de hoje a verdadeira história de Jó. Também nos nomes de pessoas e lugares houveram mudanças: Jó foi feito habitante da Iduméia para aproximá-lo dos habitantes da terra de Canaã.

O Patriarca Abraão

Abraão e seus descendentes pertenciam a uma raça de homens de grande estatura. Levavam uma vida pastoril e não eram, na realidade, de Ur, na Caldéia, mas eles emigraram para aquele lugar. Naqueles tempos as pessoas tinham uma forma particular de apropriação da terra, uma mistura de justiça e poder. Chegando a uma região desocupada onde houvesse boas pastagens, fechavam os limites de seus bens, erguiam pedras em forma de altares e desta forma, o terreno designado passava a ser sua propriedade. Em sua juventude algo semelhante aconteceu com Abraão como aconteceu com o menino Moisés: sua ama salvou sua vida. Foi previsto ao chefe da tribo que ele teria um descendente que seria uma criança maravilhosa, que, com o passar do tempo, seria perigoso para ele. O patrão tomou medidas de precaução. A mãe de Abraão foi mantida escondida, e a criança nasceu no mesmo lugar onde tinha visto que Eva teve que esconder Set da ira dos perseguidores.

Abraão foi criado ali secretamente por sua ama Maraha. Esta mulher vivia como uma pobre criada no deserto e tinha sua moradia não muito longe da caverna que mais tarde, por sua causa, foi chamada de Gruta do Leite, e onde, a seu pedido, foi enterrada por Abraão. Abraão era alto. Seus parentes o aceitaram com os demais, porque lhes parecia que ele já devia ter nascido antes da profecia recebida. Ele estava, no entanto, em perigo por causa de sua extraordinária prudência, que o distinguia dos demais. A ama o salvou novamente e o escondeu por muito tempo na caverna. Eu vi isso nesta ocasião, muitas crianças da sua idade foram mortas. Abraão sempre foi muito grato a esta ama e levou-a consigo em suas viagens em um camelo. Abraão viveu com ela em Sucot. Ela morreu com cem anos de idade, e Abraão preparou sua sepultura num bloco de pedra branca que, como uma pequena colina, estreitou a mesma caverna. Esta gruta tornou-se um lugar de peregrinação e devoção, especialmente para as mães.

Em toda esta história há um mistério e um prenúncio da perseguição que sofreria Maria com o menino Jesus, já que a Virgem escondeu o Menino Jesus precisamente nesta caverna, quando os soldados de Herodes se aproximaram, procurando o Menino para matá-lo. O pai de Abraão conhecia muitas artes secretas e tinha muitos dons. As pessoas de sua linhagem tinham o dom de conhecer e descobrir onde havia ouro na terra, e ele fez alguns ídolos de ouro semelhantes aos que Raquel roubou de Labão. Ur é a região que fica ao norte da Caldéia. Vi nesta região, em muitos lugares da planície e na montanha, emergir um fogo esbranquiçado, como se queimasse a terra. Não sei se esse incêndio foi natural ou provocado pelo homem.

Abraão era um grande conhecedor das estrelas: ele viu as propriedades das coisas e a influência das estrelas nos nascimentos. Viu muitas coisas pelas estrelas;

mas ele atribuiu tudo a Deus, seguiu a Deus em tudo e serviu somente a Ele. Ele também ensinou esta ciência a outros na Caldéia; ele atribuiu a Deus toda a ciência. Vi que ele recebeu de Deus numa visão a ordem para deixar seu país. Deus lhe mostrou outro país; e Abraão, sem dizer nada a ninguém, organizou todo o seu pessoal na manhã seguinte e partiu. Então eu vi que tinha a sua tenda armada numa região da terra prometida, que parecia ser onde Nazaré situou mais tarde. Abraão construiu um altar ali extenso de pedras, com telhado. Enquanto ele estava ajoelhado diante do altar, um brilho veio sobre ele e um anjo, um mensageiro de Deus, apareceu para ele.

Ele deu um presente muito resplandecente. O anjo falou com Abraão e ele recebeu o sacramento ou mistério da bênção, o santo mistério do céu.

Ela abriu sua veste e a manteve no peito. Disseram-me que era o Sacramento do Antigo Testamento. Abraão ainda não conhecia o seu conteúdo; lhe era desconhecido, assim como o Sacramento da Eucaristia está escondido de nós. Foi-lhe dado, porém, como mistério e penhor de um descendente prometido e santificado. O anjo que lhe apareceu era semelhante ao que apareceu à Virgem Maria anunciando a imaculada concepção do Messias. Este anjo era manso, de maneiras tranquilas e não tão rápido ou acelerado.

Vi-o como vejo outros anjos quando eles dão suas comunicações.

Acho que Abraão sempre carregou esse mistério sagrado consigo. O anjo conversou com Abraão sobre Melquisedeque, que celebraria diante dele uma sacrifício, que deveria ser concluído após a vinda do Messias e durar eternamente. Abraão então tirou cinco ossos grandes de uma caixa e os colocou em seu altar em forma de cruz. Ele acendeu a luz da frente e ofereceu um sacrifício. O fogo brilhou como uma estrela; no meio era branco e em volta, vermelho.

Mais tarde vi Abraão no Egito com Sara. Ele emigrou por necessidade de sustento; mas também para resgatar um tesouro que, através de uma parenta de Sara foi levada para lá. Isto lhe foi revelado e ordenado por Deus. O tesouro era um registro dos descendentes dos filhos de Noé, especialmente de Set até então. O registro foi feito de peças de ouro, em forma de triângulos roscados. Uma filha de uma irmã da mãe de Sara o roubou e levou para o Egito. O tesouro foi para o Egito com os povos pastoris da raça lateral, um tanto decaídos da civilização, do patriarca Jó. Lá ela serviu como serva. Ele roubou o tesouro assim como Raquel roubou os ídolos de Labão. Essa árvore genealógica foi feita como uma escala junto com fios ou cordas, formados por peças triangulares ligadas a outras linhas laterais. Nestas peças de ouro estavam gravadas, com figuras e letras, os nomes dos patriarcas, desde Noé, especialmente de Sem, até Aquela data. Quando essas cordas foram liberadas, todo o artifício cabia em um pires. Disseram-me quantas pesetas valia este tesouro; mas eu esqueci. Esta árvore genealógica acabou nas mãos de sacerdotes do Egito e do Faraó, que através dela tentaram contar e fixar suas genealogias; mas eles fizeram tudo falsamente. Quando Mais tarde, o Faraó foi afligido por graves pragas e infortúnios, foi aconselhado por seus sacerdotes a devolver a Abraão tudo o que ele havia pedido.

Quando Abraão voltou para a terra prometida, vi Ló, com ele, no tenda e Abraão apontando com a mão em toda a extensão. Abraão tinha muita semelhança em seu comportamento com os Três Reis Magos: roupas brancas e longas, de lã, com mangas; à sua frente pendia um cinto, também branco, com borlas, e atrás, capuz. Na cabeça ele usava um gorro e no peito ele tinha um escudo de metal ou pedra preciosa em formato de coração. Ele tinha uma longa barba. É impossível para mim expressar o quão bom bondoso e generoso ele era. Quando ele tinha algo que os outros gostavam de possuir, especialmente animais, ele lhes dava imediatamente. Ele era um adversário das inimizades, da inveja e da ganância.

Ló estava vestido como Abraão; mas ele não era de estatura tão elegante nem de porte tão nobre. Ele era bom, embora um pouco ganancioso. Eu vi como seus criados discutiram e brigaram, e como ele se afastou de Abraão; eu vi escuridão e névoa ao seu redor. Em Abraão eu vi brilho. eu vi que ele saiu dali em peregrinação e construiu um altar de pedras, sob um pavilhão.

Os homens eram bastante diligentes em fazer figuras com as pedras e tanto o mestre quanto o servo trabalhavam nisso. Este altar estava em Hebron, que mais tarde foi a casa de Zacarias, pai de Batista. A região escolhida pela Lot é muito boa, assim como todos os campos ao redor do Jordão. Vi que logo que foram saqueadas as cidades onde Ló vivia e ele próprio foram levado de lá com tudo o que possuía. Eu vi que um fugitivo conseguiu narrar o acontecimento a Abraão. Ele orou e saiu com todos os seus servos em perseguição aos assaltantes, surpreendeu-os e libertou seu irmão Lot. Ele agradeceu e demonstrou arrependimento por ter deixado Abraão.

Os Chefes e guerreiros inimigos, especialmente os gigantes que atacavam e subjugavam com arrogância, e que desta vez foram derrotados, não se vestiam como Abraão e seu povo. Eles usavam vestes mais estreitas e mais curtas. Suas roupas tinham mais dobras, com muitos botões e enfeites de estrelas e joias.

O sacrifício de pão e vinho de Melquisedeque

Vi Melquisedeque diversas vezes com Abraão. Chegava assim como outros anjos costumavam visitar Abraão. Uma vez ele ordenou um triplo sacrifício de pombas e outros pássaros e predisse-lhe o que estava por suceder a Sodoma e Ló. Ele anunciou que voltaria para oferecer um sacrifício de pão e vinho. Ele também lhe disse o que deveria pedir a Deus. Abraão estava cheio de respeito diante de Melquisedeque e ansioso para ver o sacrifício que lhe foi anunciado. Ele construiu um altar muito bonito e o cercou de um telhado de folhas.

Quando Melquisedeque voltou para celebrar o sacrifício do pão e do vinho, Abraão foi anunciado por um mensageiro como rei de Salém. Abraão saiu ao seu encontro, ajoelhou-se diante dele e recebeu sua bênção. Isso aconteceu no vale meridional de uma planície que se estende até Gaza. Melquisedeque veio do lado onde se tornou mais tarde Jerusalém. Ele veio em um animal muito rápido, com pescoço curto e largo, muito carregado. De um lado ele tinha um recipiente com vinho, um tanto achatado na parte que tocava a besta; do outro, um recipiente com pães ovais e achatados, empilhados uns sobre os outros, e o cálice que vi mais tarde na instituição do Sacramento do altar, junto com pequenos copos em forma de barril. Esses pequenos vasos não eram ouro ou prata, mas de um material transparente como pedras preciosas, de cor escura. Eles pareciam mais nascidos e crescidos para mim do que feitos à mão.

Melquisedeque agora me parecia o Senhor durante sua vida pública. Era esbelto e alto em estatura, com um rosto severo e gentil. Estava usando uma veste longa, tão branca e cândida que me lembrou da vestimenta resplandecente com que Jesus apareceu no Tabor. A veste branca de Abraão parecia cinza se comparada a de Melquisedeque. Ele usava um cinto com letras, que mais tarde vi nos sacerdotes judeus e, como eles, também, um uma espécie de mitra na cabeça quando oferecia o sacrifício. O cabelo dele estava de amarelo ou resplandecente, lúcido como seda; seu rosto, luminoso.

O rei de Sodoma estava presente quando Melquisedeque se aproximou da tenda de Abraão. Ao redor havia muita gente com cavalos, bolsas, caixas e cargas diversas. Todos permaneceram em silêncio, numa atitude respeitosa e solene, cheios de veneração para com Melquisedeque, cuja presença infundia temor. Aproximou-se do altar, sobre o qual havia uma espécie de tabernáculo, acho que pelo sacrifício. Abraão, como era seu costume, havia posto sobre o altar ossos de Adão, que Noé já tinha conseguido na arca. Eles pediram a Deus para com eles cumprir a promessa do Messias, que antes Ele tinha feito a Adão. Melquisedeque colocou uma toalha colorida no altar que ele trouxera consigo e depois outra branca transparente. As cerimônias lembraram o rito do Santo Missa. Eu o vi levantar em suas mãos o pão e o vinho, oferecer, abençoar e distribuir o pão. Ele deu a Abraão o cálice, que mais tarde foi usado na Última Ceia, para beber; os outros bebiam nos copinhos, que foram distribuídos por Abraão e pelos príncipes líderes da cidade.

A mesma coisa foi feita com os pães.

Cada um recebeu um mordida bastante grande, como era costume nos primeiros

dias da Igreja, durante a comunhão. Eu vi que aqueles pedaços estavam brilhando; eles foram apenas abençoados, não consagrados. Os anjos não podem consagrar.

Todos ficaram comovidos e elevados a Deus. Melquisedeque deu a Abraão pão e vinho para provar: este pão era mais delicado e luminoso que o outros. Nesta ocasião ele recebeu grande força e uma fé tão robusta que não mais tarde, ele ofereceu seu próprio filho, o filho da esperança, por mandamento de Deus. Ele profetizou e disse estas palavras: 'Isto não foi o que Moisés deu aos levitas no Sinai.' Não posso ter certeza se o próprio Abraão oferecia já o sacrifício de pão e vinho; mas posso assegurar-vos que o cálice do qual ele bebeu é o mesmo que Jesus Cristo usou mais tarde quando instituiu o Santíssimo Sacramento do altar. Na ocasião, Melquisedeque abençoou Abraão, durante o sacrifício do pão e do vinho, ele o consagrou sacerdote. Ele falou sobre estas palavras: 'E o Senhor disse ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita. Você é um sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque. O Senhor jurou a você e não vai se arrepender.'

Ele impôs as mãos sobre ele e Abraão lhe deu o dízimo. Eu entendi o significado da consagração do dízimo de Abraão após a sua consagração; mas já se apagou da minha memória. Também vi que Davi, ao escrever essas palavras, teve uma visão da consagração de Abraão por Melquisedeque e que Ele pronunciou as últimas palavras profeticamente. As palavras "Senta-te a minha direita", têm um significado especial.

Quando vejo em forma de figura a eterna geração do Verbo no ventre do Pai, o Filho é mostrado emergindo da mão direita do Pai em luminoso, rodeado por um triângulo, como está representado o olho de Deus; na parte superior é visto pelo Espírito Santo. Tudo isso é inexplicável para mim.

Da mesma forma, vi Eva emergir do lado direito de Adão. Os patriarcas Eles tiveram a bênção do lado direito e colocaram seus filhos, quando Eles deram a bênção, à sua direita. Jesus recebeu a lançada no lado direito. A Igreja nasce do lado direito de Jesus. Para entrar na Igreja, o fazemos pelo lado direito de Jesus e assim estamos unidos através Dele com seu Pai Eterno.

Acredito que com o sacrifício de Melquisedeque e a bênção de Abraão, minou sua missão na terra. Depois disso não o vi novamente. Melquisedeque deixou a Abraão o cálice com os seis pequenos vasos que ele usou no sacrifício.

Abraão recebe o mistério do Antigo Testamento

Abraão estava sentado orando em frente à sua tenda, sob uma frondosa árvore que dava para a estrada principal. Eu o vi fazer isso poucas vezes sentado assim para oferecer hospitalidade aos viajantes. Ele estava então olhando para o céu. Ele tinha diante de si uma visão de Deus, como um raio de sol e a proximidade dos três homens sábios que iriam visitá-lo. Imediatamente ele ofereceu um cordeiro no altar, e eu o vi ajoelhado, como em êxtase, pedindo a redenção dos homens. Este altar estava à direita da grande árvore, em uma tenda aberta no topo. Mais longe, à direita, havia outra tenda, onde Abraão guardava o equipamento sacrificial e onde ele recebia seus pastores quando eles vinham vê-lo. Do outro lado, Um pouco mais longe do caminho principal ficava a tenda de Sara e de suas servas, porque as mulheres viviam separadas. O sacrifício de Abraão estava terminando quando os três anjos apareceram na estrada real. Caminhavam um após o outro, com as roupas recolhidas, como viajantes. Abraão saiu para encontrá-los; Ele falou com eles, curvando-se diante deles, diante de Deus, e os levou até a tenda do altar, onde largaram as roupas e indicaram a Abraão que se ajoelhasse. Eu vi o que aconteceu com Abraão, que estava então como se estivesse em êxtase, e o que os anjos fizeram, em um curto espaço de tempo tempo, como tudo o que acontece nesse estado. O primeiro anjo anunciou a Abraão, que estava de joelhos, que Deus quis gerar dentre os seus descendentes, uma virgem sem mancha de pecado, que, como virgem imaculada, ela devia ser a mãe do Redentor. Ele lhe disse que iria receber o que Adão havia perdido através do pecado. Dizendo isso, o anjo deu-lhe algo luminoso e o fez beber, em um pequeno recipiente, um líquido brilhante. Depois o anjo abençoou Abraão com a mão da cabeça para baixo; depois ombro direito em direção ao peito e, finalmente, da esquerda em direção ao mesmo local, onde as

três linhas da bênção foram unidas. Com as duas mãos o anjo deu a Abraão algo luminoso, como uma pequena nuvem: ele colocou-a sobre o seu peito. Vi que a pequena nuvem passou para o seu interior e tive certeza de que recebeu o santo mistério.

O segundo anjo lhe disse que ele deveria entregar este mistério, da mesma forma como recebeu, antes de morrer, ao primeiro filho que teria de Sara, e anunciou-lhe que Jacó, seu neto, seria pai de doze filhos, que seriam até mesmo os pais das doze tribos. Acrescentou que este mistério de bênção seria tirado de Jacó; e quando Jacó se tornou um povo numerosos deveriam passar para a Arca da Aliança, como uma bênção para todo o povo, que teria que ser preservado através da oração. Ele também lhe mostrou como por causa dos pecados dos homens, este mistério passaria do arca aos profetas e, finalmente, a um homem, que seria o pai da Virgem Imaculada. Eu sabia nesta ocasião que aos pagãos seria dada a promessa através de seis profetisas, e através do anúncio que as estrelas dariam

do nascimento da salvação do mundo de uma virgem não contaminada. Abraão nesta ocasião, teve uma visão: ele viu esta virgem no alto do céu e à sua direita ele viu um anjo que tocou sua boca com um ramo. Do manto da Virgem emergiu então a Igreja.

O terceiro anjo anunciou a Abraão o nascimento de Isaque. Eu vi Abraão tão feliz com o anúncio da Virgem prometida e com a visão que teve, que ele quase não pensava muito em Isaac, e acho que mais tarde foi o promessa da futura Virgem que o consolou e lhe facilitou o seu cumprimento da ordem de Deus para sacrificar Isaque.

Depois destas coisas vi que Abraão servia aos anjos e vi o riso de Sara. Então vi como ele guiou os anjos ao longo do caminho e como orou por Sodoma. Quando Abraão retornou de seu êxtase, ele conduziu os anjos sob a grande árvore e colocou um estrado, na qual os anjos se sentaram, enquanto ele, lavou-lhes os pés. Então ele foi até onde Sara estava para que preparasse uma refeição, que ela trouxe, coberta com o véu, a meio caminho da estrada. Após a reflexão, Abraão acompanhou os anjos por um trecho da estrada, e enquanto falavam do nascimento do filho, foi então quando Sara riu, que ousou dizer isso porque estava por trás da tenda. Vi muitas pombas, domesticadas como galinhas, ao redor do lar. A refeição consistia precisamente em pombas, pães redondos e mel.

Abraão teve, antes de sua partida e saída da Caldéia, por ministério de um anjo, conhecimento do mistério da bênção, mas velado, e mais como uma promessa do cumprimento da promessa de que ele seria o pai de uma cidade numerosa. Agora fora-lhe renovado, através dos anjos, este mistério ou sacramento, e foi amplamente instruído.

A história de Jacó

Rebeca sabia que Esaú não tinha nenhum raio do mistério de Deus. Esaú era desajeitado, rude e preguiçoso. Jacob, por outro lado, era muito animado, prudente e parecido com a mãe. Isaque inclinou-se mais para Esaú porque era o primogênito. Ele costumava caçar. Rebeca estava meditando como fazer direito da primogenitura e da bênção paterna recair sobre Jacó. Rebeca havia sugerido a compra desse direito para Jacó. A refeição consistia em uma leguminosa com carne e folhas verdes, como alface. Esaú estava exausto; Jacó extraiu dele com suas artes a entrega da primogenitura. Isaque já estava velho, cego, e temendo morrer, quis dar sua bênção a Esaú. Rebeca sabia que Jacó deveria tê-la mas não queria convencer a Isaac: ela estava muito perturbada e inquieta. Como Isaque não queria adiar a realização de seu desejo, e chamou Esaú, que estava perto, Jacó teve que se esconder para que Esaú não o visse. Rebeca enviou Jacó para ir buscar uma cabra no curral, porque Isaque havia pedido Esaú para trazer-lhe um pouco de sua caça. Assim que Esaú partiu, a comida da Rebeca ficou pronta. As boas roupas de Esaú, que Rebeca vestiu Jacó, consistia em uma jaqueta, como ele costumava usar, mas mais rígida e bordada no peito. Esaú tinha braços e peito muito peludos, como uma pele; É por isso que Rebeca colocou peles em seus braços e no peito, na parte da abertura. Somente nos bordados e decorações esta jaqueta foi diferente das

demais; nas laterais era aberta e tinha abertura bordada de pele delicada e de cor escura, que era usada no pescoço. Os lados foram amarrados com fitas de couro. A faixa na cintura também servia como bolso. A jaqueta não tinha mangas. O peito estava livre. O que cobria a cabeça, assim como o tipo de avental, eram vermelho-escuros.

Eu vi como Isaque tomou Jacó nos braços e no peito, onde também era tão o peludo Esaú, ele hesitava e parecia arrependido e indeciso. Mas levado naquele momento, como era a vontade de Deus, ele acabou acreditando que era Esaú e deu a Jacó a bênção que recebera de Abraão, que a havia recebido do anjo.

Vi, porém, que ele já havia preparado algo misterioso com Rebeca que pertencia a esta bênção: era uma bebida contida em um copo. As crianças nada sabiam disso: só quem tinha a bênção recebia o mistério, que, no entanto, permanecia misterioso para ele, como para nós o Santo Sacramento. Este recipiente era mais plano de um lado do que do outro; era transparente e luminoso como madrepérola; estava cheio de um líquido avermelhado, e tive a impressão de que era sangue, como o sangue do próprio Isaac. Rebeca esteve envolvida na preparação. Quando Isaque abençoou Jacó, ele foi apenas com seu pai. Ele teve que descobrir o peito na frente de seu pai. O pai pegou a mão dele, abençoando, na testa, em linha reta, para baixo; depois, do ombro direito para baixo, e o mesmo do ombro esquerdo. Ele colocou a mão direita na cabeça de Jacó e a esquerda sob o coração. Com isso, Jacó teve que beber a bebida; então seguiu um cerimônia, como se Isaac lhe desse tudo, poder e força, pois parecia que com as duas mãos ele tirou algo de seu corpo e colocou em Jacó. Tive a persuasão de que a bênção era toda a sua força. Em todos esses atos Isaac recitou orações em voz alta. Isaac estava deitado na cama quando deu a bênção, cheio de entusiasmo, e saiu dele como um brilho.

Quando ele desenhou as linhas da bênção ele tinha as mãos um pouco levantadas, como o padre quando diz *Dominus vobiscum*. Quando Isaque orou Jacó estava com as mãos cruzadas sobre o peito.

Quando Isaque lhe deu a bênção, Jacó a recebeu cruzando as mãos sobre o peito como alguém abraçando algo sensível. Finalmente, Isaac colocou as mãos na cabeça e na região do estômago. O copinho em que Jacó bebeu, também foi dado a ele. Quando terminou o ato de abençoar, vi Isaac completamente exausto pelo esforço ou pela própria entrega de algo que ele perdeu ao dá-lo a Jacó. Mas eu vi Jacó cheio de força, rosado, cheio de vida e animação.

Neste momento Esaú voltava da sua caçada. Quando Isaac descobriu sobre a mudança de pessoa, em relação à bênção, não se irritou; ele sabia que era a vontade de Deus. Esaú, por outro lado, ficou furioso; e ele arrancou o cabelo; mas pareceu-me que não foi tanto pela perda da bênção, mas sim pela ira contra Jacó. Ambos os irmãos já eram homens quando Jacó recebeu a bênção. Esaú tinha então duas esposas, o que o desagradava muito seus pais. Ambos tinham mais de quarenta anos. Quando Rebeca viu a ira de Esaú secretamente mandou Jacó para a casa de seu irmão Labão. Eu o vi sair. Ele usava uma jaqueta até a cintura e uma túnica até os joelhos. sandálias nos pés e lenços na cabeça. Ele carregava uma bengala de viajante e um saco com pão pendurado nos ombros; do outro lado, uma botija com bebida. Era tudo o que ele tinha com ele. Foi assim que eu o vi partir do lado de sua mãe, dissolvida em lágrimas. Isaque também o abençoou e lhe disse que saísse e tomasse uma esposa ali mesmo. Os pais sofreram muito por causa de Esaú, especialmente Rebeca.

A jornada de Jacó à Mesopotâmia

Vi Jacó durante sua viagem à Mesopotâmia descansando e dormindo, andando no lugar onde foi Betel mais tarde. O sol havia se posto. Ele colocou uma pedra como travesseiro e adormeceu, deitado de costas. Seu bastão descansava em seu braço. Eu vi a escada que ele viu em sonhos e da qual a Escritura diz que estava na terra e que sua ponta foi chegando ao céu. Eu vi, no entanto, esta escada começar em Jacó, deitado, e alcançar o céu. Eu o vi como uma árvore genealógica viva de sua própria descendência. Da mesma forma que uma árvore genealógica é normalmente representada, logicamente, vi que nascia, durante o sono de Jacó uma formação

verde que se dividia em três ramos, que subiam em linha reta, como uma pirâmide de três partes, que terminava no alto do céu. Esses três ramos iniciais foram unidos abaixo por ramos laterais. São ramos dos três ramos principais formavam como os degraus da escada. Vi estes degraus cheios de figuras e aparições, que eram os descendentes de Jacó, subindo na escada, que representavam a geologia de Jesus, segundo a carne. Esses ramos laterais às vezes ultrapassavam uns aos outros; outras vezes eles se cruzavam; outros foram deixados para trás e outros, vindos de outro lado, o superaram conforme o fato de que pelo pecado turvou alguma linha ou foi purificado pela penitência e castidade do germe da humanidade do Verbo. No topo da escada havia uma flor pura e bela, a Imaculada Maria, da qual nasceria Jesus Cristo, tocando até os confins do céu. Eu vi, acima desta flor, o céu aberto, e o esplendor de Deus, e como o próprio Deus falou com Jacó daquela altura. Eu vi como Jacó, ao acordar pela manhã, preparou primeiro um fundação de pedras redondas; Ele colocou uma pedra plana e sobre ela colocou a mesma pedra em que ele descansou a cabeça. Ele acendeu uma fogueira e ofereceu algo, então ele derramou algo naquela pedra. Ele orou ali ajoelhado. Pareceu-me que ele fez fogo, como os três Reis Magos, através de atrito e fricção.

Então vi Jacó caminhando com seu cajado em direção à casa de Labão, e parando em vários lugares como Betel. Nesta viagem eu o vi novamente em Ainón, onde esteve antes; ali ele renovou uma cisterna, que foi onde mais tarde ele batizava João. Vi no lugar de Mahanim, orando e pedindo ao Senhor que o protegesse e preservasse suas roupas para não aparecer tão mal ao chegar à casa de Labão, e ele o reconhecesse como um parente.

Eu vi que então apareceram em ambos os lados, flutuando no ar, dois grupos de pessoas significando que seria protegido e, que assim se multiplicaria e seria poderoso. Ao retornar da Mesopotâmia, ele recebeu a confirmação do que ele tinha tido em visão. Então eu o vi, caminhando mais para o leste, chegando à parte sul do rio Yabok e passando a noite ali, no mesmo lugar onde ao retornar lutou com o anjo. Ali ele também teve uma visão.

Ao retornar da Mesopotâmia, Jacó parou mais a oeste do que foi Jabes-Gileade. Vi como Labão, seu sogro, o perseguiu, porque seus ídolos lhe foram roubados, como ele o alcançou e o trouxe de volta, e como por causa desses ídolos roubados houve muita discussão entre os dois. Jacó não sabia que Raquel os havia roubado secretamente. Quando Raquel viu que seu pai, que havia revistado todo o acampamento em busca de seu ídolos, aproximou-se dela, ela escondeu os ídolos sob uma grande quantidade de palha para os camelos, e ela sentou-se sobre esta cobertura com o véu, como se ela estivesse doente e retraída. Esta pilha de feno estava empilhada. Este monte de feno estava perto de sua tenda, na encosta do vale, ao sul do rio Yabok. Estes ídolos eram feitos de metal, como bonecos de fraldas, com cerca de um comprimento de cinco braços e meio. Outras mulheres sentaram-se naquela pilha de feno com Raquel. Lembro-me de vê-la sentada num monte de feno, ainda maior, para Jó em seu infortúnio. A pilha era como uma carga inteira de feno. Os viajantes levaram muito feno na viagem e carregaram mais a caminho. Raquel tinha ficado brava muito antes por causa daqueles ídolos de seu pai e os roubou para libertá-lo dessa idolatria.

Jacó enviou mensageiros a Esaú, por que o temia. Esses voltaram anunciando que Esaú se aproximava com quatrocentos homens. Jacó então dividiu o seu povo em duas partes, e o gado da primeira, em várias seções, que ele enviou adiante à presença de Esaú. Jacó seguiu com seu pessoal em direção a Mahanim e lá ele teve novamente aquela visão que ele tinha visto no partida para a Mesopotâmia: um exército de anjos. Por esta razão ele disse: "Com um bastão eu saí e me vejo enriquecido com dois exércitos." Entendi então a visão. Quando tudo foi transportado para o outro lado do rio Yabok, ele conduziu suas esposas e filhos, e ele ficou sozinho. Ele armou sua tenda ali onde, no dia da partida para a Palestina, ele viu a presença de Deus. Ele queria passar a noite lá para rezar. Ele fez cercas ao redor de sua tenda e disse aos seus servos que eles fossem embora. Vi aqui como ele clamou ao Senhor, apresentando-lhe as suas angústias, e especialmente seu grande medo de Esaú. A tenda tinha uma abertura por cima para poder olhar

A luta com o anjo

Eu vi a luta de Jacó com o anjo: foi tudo em visão. Ele levantou para rezar. Então a aparição de uma pessoa veio do céu grande e luminoso, e começou a brigar com ele, como se quisesse lançar Jacó fora da tenda até. Dessa forma, eles lutaram de um lado a outro da tenda.

A aparição fez como se quisesse levar Jacó para todos os confins do mundo, enquanto Jacó voltaria, sempre lutando, para o meio da tenda. Era um presságio de que Jacó seria forçado com seus descendentes a ir todas as partes do mundo, mas nunca deixariam a terra prometida. Ao ponto que quando Jacó voltou novamente ao centro de sua tenda, o anjo tocou seu quadril.

Eu vi isso na época em que Jacob, lutando com este sonho visionário, queria deitar-se na cama e caiu exausto. Enquanto o anjo tocou seu quadril e fez ali o que deveria ser feito, e disse ele a Jacó, que ainda segurava o anjo: 'Deixe-me, pois já amanheceu'.

Jacó acordou de seu sono e de sua luta. viu o anjo parado diante dele e disse: 'Não o deixarei a menos que você me abençoe' e da bênção de Deus, pois ainda temia o encontro com Esaú. Então o anjo perguntou: 'Qual é o seu nome?'

Abraão também foi chamado de Abraão quando foi abençoado. Respondera - "Meu nome é Jacó." O anjo lhe disse: "Você será chamado Israel, porque você lutou com Deus e com os homens e você não foi derrotado." Jacó perguntou: Qual é o seu nome? O anjo respondeu: 'Por que você me pergunta meu nome?'

Isto significava: 'Você não me conhece?'

Jacó se inclinou diante dele e recebeu a bênção. O anjo abençoou Jacó como Deus havia Abraão e como ele abençoou Isaque e como Isaque abençoou Jacó, em três linhas.

Essa bênção teve uma relação especial com a paciência e a perseverança na adversidade. O anjo desapareceu. Jacó viu o amanhecer e chamou por isso o lugar Fanuel. Ele teve sua tenda desmontada e se reuniu com sua família, caminhando pelo rio Yabok. O sol apareceu então e Jacó começou a mancar de um lado, já que ali estava enfraquecido.

Quando Esaú e Jacó se separaram, ele retirou-se com todos os seus seguidores para Mahanim e tomou posse da região de Sucot até a colina de Aion com seu gado e seus servos. Viveu dez anos em Ainón. Então se espalhou com os seus bens desde Aion, para o oriente, até além do Jordão, em direção a Salém, e tinha suas tendas até Siquém e comprou lá um campo.

Eu vi como Dina andava com suas criadas curiosa e conversava com os siquemitas. Vi que Siquém a tratou com bondade e quando suas criadas voltaram para casa, ela ficou em Siquém. Por isto, então veio uma grande calamidade sobre ela e assalto e morte sobre os Siquemitas. Siquém era então uma pequena cidade feita de pedras quadradas e tinha apenas uma porta.

Abraão, Isaque e Jacó e os Patriarcas eram, do lado direito de seus corpos, de maior poder do que no lado esquerdo. O fato não foi percebido externamente. Eles usavam vestes soltas, para que pudessem esconder. Havia neles, naquela parte, uma plenitude, como um inchaço. Foi um sacrário, uma bênção e um mistério oculto. Tinha o formato de um feijão com germe e era luminoso. O primogênito o recebia de seu pai e é por isso que ele tinha tanta preeminência. Jacó o recebeu no lugar de Esaú e mãe sabia que ele estava destinado a isso. Quando o anjo, depois de seu brigar com Jacó, o tocou, ele perdeu o misterioso germe da bênção. Nenhum deles ficou ferido; Era como se a plenitude tivesse esgotado. Desde então ele não era tão forte e nem tão certo da proteção de Deus. Antes era como um homem fortalecido com um sacramento. Depois de ter perdido porém, ele se tornou mais humilde, mais cuidadoso e solícito e sofreu maior necessidade. Jacó sentiu que sua bênção de força estava sendo tirada e, portanto, ele não queria deixar o anjo até que o abençoasse, tentando fortalecê-lo. Então José recebeu esta bênção novamente através de um anjo, quando ele estava na prisão do Faraó do Egito.

A história de José

Quando José foi vendido ao Egito, ele tinha dezesseis anos. Era de altura regular, esguio, flexível, espirituoso de alma e corpo. Era muito diferente de seus irmãos. Todos estavam inclinados a amá-lo. Se seu pai não lhe tivesse dado tal preferência, seus irmãos o teriam amado. Rubén era mais nobre que os outros; Benjamin era, no entanto, um jovem grande, áspero, mas de caráter gentil e dócil.

José usava o cabelo dividido em três partes, duas de cada lado e a terceira parte encaracolada e ao longo do corpo. Quando ele estava fora do Egito, ele o deixou curto; mais tarde, novamente longo. Com a túnica polimita que Jacó deu a José também alguns ossos de Adão, sem que José soubesse o que eram. Ele os a Jacó deu para proteção, porque sabia que seus irmãos o invejavam.

José colocou esses ossos de Adão em uma pequena bolsa redonda de couro redonda, que estava pendurada em seu peito. Quando seus irmãos o venderam, eles lhe tiraram apenas a túnica colorida e a veste habitual; mas José ainda usava uma faixa no corpo e uma espécie de escapulário no peito, sob o qual estava o saco de relíquias. Aquela túnica polimita era branca com listras vermelhas e tinha três cordões pretos no peito com decorações amarelas no centro. Esta túnica era mais apertada mais amplamente acima para poder carregar objetos dentro; abaixo era mais estreita e nas laterais tinham aberturas para que pudesse andar com facilidade. Chegava até embaixo; atrás era um pouco mais pendente e na frente era aberto. Diferente de sua veste comum só chegava abaixo dos joelhos. José já era conhecido do Faraó e sua esposa quando ele cumpria tão bem seus deveres com o Faraó, quando José estava em sua casa, aquele Faraó desejava muito ver este servo. A esposa do Faraó estava ansiosa para obter graças e ajuda de deuses, e era muito apegada aos ídolos, e até desejava conhecer novas divindades. Assim, ele ficou muito maravilhada com a sabedoria, vivacidade e nobreza do jovem estrangeiro, de tal forma que por dentro o considerava um deus e dizia ao Faraó: 'Este homem é comandado pelos deuses: ele não é um homem como o resto.' Eles o colocaram na parte mais decente dos presos e ele se tornou superintendente dos outros prisioneiros. A esposa do Faraó chorava e lamentava muito por ele ter sido preso como um malvado e acreditava que ela estava errado em seu conceito anterior. Quando foi libertado da prisão e levado ao tribunal, ele sempre foi muito admiradora dele. A xícara que mais tarde ele mandou colocar na bolsa de Benjamim, foi o primeiro presente da esposa do Faraó. Conheço bem esta xícara: tem duas alças e não tem haste. Era formada por uma pedra preciosa ou por um material transparente, que era desconhecido, e tinha uma forma muito semelhante à parte superior do cálice da Última Ceia. Foi encontrado entre os vasos que os filhos de Israel carregavam do Egito e mais tarde foi guardado na Arca da Aliança.

José passou sete anos na prisão, e estando lá na maior aflição, recebeu o germe misterioso de Jacó, como os patriarcas haviam recebido e lá ele teve uma visão de seus numerosos descendentes. Conhecia bem a esposa de Potifar e sabia como ela tentaria seduzi-lo. Depois da elevação de José, fez penitência por sua falta e viveu castamente. Era uma mulher alta, forte, de cor amarelo escuro, como seda brilhante.

Ela usava uma veste colorida e por cima outro adamado de belas figuras, debaixo do qual a veste interna se projetava com renda. José tratava muito com ela porque Potifar lhe dera o governo de todas as coisas.

Quando José percebeu que ela o tratava com demasiada atenção, não quis mais dormir na casa do seu patrão se ele não estivesse presente. Ela o visitava com frequência ao trabalhar ou escrever. Eu a vi aparecer uma vez muito despida enquanto José estava num canto da sala, escrevendo e anotando. Eles então escreviam em pergaminhos que apoiavam em tábuas salientes das paredes, diante das quais eles podiam ficar de pé ou sentar. Ela falou e José respondeu; mas ela foi muito ousada daquela vez. Então José se virou e saiu de lá. Ela segurou a capa dele e ele a deixou abandonando.

Asenet – Origem das divindades Ísis e Osíris

Vi José junto com o sacerdote dos deuses, Potifar, em Heliópolis. Asenet, filha de Dina e Siquemita, estava lá, como uma profetisa e adoradora dos ídolos, que viviam na companhia de outras sete jovens. Potifar comprou esta menina aos cinco anos de idade das mãos de sua senhora, que, fugindo da casa de Jacó, a escondeu em um lugar do Mar Morto para libertá-la das armadilhas dos filhos de Jacó. controlava o dom de profecia e servia a Potifar como profetisa. José a conhecia, mas Ele não sabia que ela era sua sobrinha. Asenet era uma jovem que vivia retirada, muito séria, e buscava a verdade, e embora muito bonita, fugia da companhia masculina. Ela teve visões profundas, conhecia astrologia egípcia e tinha uma simpatia secreta pela religião dos patriarcas. Eu não vi nela nem bruxaria ou artes mágicas.

Ele viu em suas visões todo o mistério da vida, da descendência, do futuro dos filhos de Israel e sua saída do Egito, bem como a jornada ao longo o deserto. Ela escreveu em folhas de plantas aquáticas e também em couro com caracteres estranhos que pareciam cabecinhas de animais e pássaros.

Esses escritos de Asenet foram mal interpretados durante sua vida pelos egípcios, que encontraram neles material para seus ritos idólatras. Asenet ficou muito angustiada com esse abuso diabólico que fizeram de seus pequenos escritos e chorou.

Ele lamentou muito a cegueira dos egípcios. Ela teve mais visões do que qualquer outro do seu tempo e estava cheia de uma sabedoria maravilhosa. Ela trabalhou, sem descanso, em grande silêncio, sem ostentação, dando conselhos saudáveis a todos. Ela sabia tricotar e bordar; estava cheia de ciência e sabia como a verdade estava perdida por causa da perversidade dos homens. É por isso que sempre teve uma nuvem de tristeza e permaneceu retraída e silenciosa. Vi que Senté estava em oração para que ela fosse venerada como uma deusa com o nome de Ísis, pela interpretação distorcida de seus escritos e pergaminhos. José foi mais tarde venerado sob o nome de Osíris. Acho que foi por isso que a vi tão rosada e com os olhos marejados. Escreveu livros contra esta má interpretação, protestando que a estavam fazendo a mãe das deusas. Quando Potifar oferecia sacrifícios, Asenet subia em uma torre onde se formou um jardim e de lá observava as estrelas no céu ao resplendor da lua. Estando assim em êxtase, viu coisas nas estrelas com muito clareza: ela viu a verdade nestas imagens, porque ele era um elemento guia de Deus. Por outro lado, outros sacerdotes dos ídolos viam as coisas mais abomináveis, porque eram transportados para regiões estranhas e diabólicas. Assim, as visões secretas de Asenet foram transformadas, prometidas e aprovadas para servir os ritos cruéis dos sacerdotes egípcios.

Progresso feito por José e Asenet no Egito

Asenet relatou muito progresso ao povo egípcio. Introduziu animais domésticos úteis, por exemplo, vacas. Ensinou a fabricação de queijo, tecelagem e outras artes desconhecidas. Ela sabia como curar muitas doenças. José, por sua vez, trouxe para o Egito o uso do arado que ele mesmo sabia orientar e empregar. Vi algo de Asenet que me causa espanto. Quando uma coleta de toda a carne dos numerosos sacrifícios que eram oferecidos, o foi cozido por muito tempo em grandes caldeirões, a céu aberto, até formar uma massa líquida, que usavam como alimento na alimentação dos soldados que foram para a guerra ou quando havia fome no país.. Isto alegrou os egípcios isso e ficaram muito surpresos. Quando José se aproximou de Asenet, que estava ao lado do sacerdote dos deuses, Asenet quis abraçá-lo. Isso não foi ousadia dela, mas uma espécie de profecia e assim ela o fez na presença do sacerdote. Asenet era considerada uma pessoa santa e sagrada. Mas vi que José a deteve com as mãos estendidas, dizendo: palavras duras. Eu então a vi retirar-se para sua tenda muito agitada e muito aflita, e fazer penitência. Então vi Asenet em seu quarto; estava atrás de uma cortina; seus cabelos estavam longos e bem cacheados nas pontas. Ele tinha uma figura gravada na na pele na cavidade do estômago: era como uma escama em forma de coração. Dentro havia uma criança com os braços abertos; Em uma mão ele tinha uma xícara ou concha e na outra um

vidro ou cálice. Na concha havia três pontas verdes saindo da concha e a figura de uma pomba parecia bicar as uvas do cálice que estavam na outra mão da criança. Este sinal não era desconhecido para Jacó; contudo ele teve que levar Asenet embora para libertá-la da ira de seus irmãos. Quando mais tarde levou Jacó ao Egito, junto com José, e confidenciou-lhe todo o segredo, Ele reconheceu Asenet como sua neta por causa deste sinal. José também tinha em mente o sinal de uma videira com muitos cachos.

Vi aparecer um anjo, vestido de grande festa, com uma flor de lótus na mão. Ele cumprimentou Asenet; ela olhou para ele e se cobriu com o véu. O anjo lhe ordenou parasse de chorar e de se angustiar, se vestisse para uma festa e tomasse refeição. Ela saiu e voltou mais composta, trazendo sobre uma mesinha luz, braseiro e vinho. Ela não estava constrangida na frente do anjo, mas com simplicidade e humildade, como vi Abraão e outros patriarcas em tais aparições. Quando o anjo falou ele se despiu do véu. Ele pediu mel para ela e ela respondeu que não tinha, porque não comia como outras jovens. Então o anjo lhe disse que encontraria mel entre os ídolos que estavam na câmara, em figuras diversas, com cabeças de animais e caudas de cobras enroladas em suas pernas. Na verdade, ela encontrou lá um favo de mel em forma de hóstia, com muitos favos e colocou na frente do anjo, que lhe ordenou que comesse do favo de mel. O anjo abençoou o favo de mel: eu vi então brilhando e como se estivesse suspenso entre os dois.

Eu não posso agora explicar o significado deste mel, porque quando você vê coisas assim, sabe-se tudo; então te parece, mel, o que é mel, flor, o que é flor, e abelhas e favos de mel o que são, sem lembrar o que significa. Recordo apenas o seguinte: até então Asenet tinha pão e vinho e não o próprio mel; através deste mel ela deixou de lado seus ídolos e seus cultos, e a religião dos israelitas, a salvação do Antigo Testamento, entrou nela. Também significava que muitos encontrariam ajuda nela e que, como abelhas, eles a cercariam. Aí ela disse que não queria mais beber vinho, o mel bastava para ela. Eu vi isso em Madiã, ao lado de Jetro, que foram cuidadas muitas abelhas, muitos favos de mel. O anjo abençoou o favo de mel com os dedos, apontando para todas as partes do mundo. Isso significava que ela seria mãe e líder de muitos com sua sabedoria, com sua presença lá e com as visões e revelações. Quando mais tarde ela foi venerada como deusa e tinha tantos seios, isso era uma falsa representação dessa mesma missão na terra, que era consolar muitos necessitados.

O anjo também lhe disse que ela deveria ser a esposa de José, com quem deveria viver. Ele a abençoou assim como Isaque fez com Jacó e o anjo fez com Abraão. O anjo passou três linhas de bênção sobre ela duas vezes: a primeira no coração e a segunda no colo.

Mais tarde tive uma representação de como José chegou a Potifar e pediu Asenet como esposa. Só me lembro que José então trouxe uma flor de lótus nas mãos. Ele conhecia o grande conhecimento da Asenet, mas nem um nem outro tinham conhecimento de ser tão próximos um do outro. Também vi que o filho do Faraó amava Asenet e por isso teve que ficar escondido por algum tempo. Vi que este filho do Faraó havia feito acordo com Dã e Gade para matarem José e eles foram mantidos escondidos para esse propósito; mas eles foram impedidos por Judá de fazer sua tentativa. Acho que Judá recebeu um aviso do céu e avisou José para que em sua jornada ele passasse por outro caminho. Lembro que Benjamin também teve sucesso em defender a Asenet. Dan e Gad receberam uma punição do céu, porque alguns de seus filhos morreram. Eles também foram avisados pelo amor de Deus, antes que alguém soubesse de sua intenção maligna. José e Asenet levam deram, como era costume dos sacerdotes dos deuses, um sinal considerado santo, de seu grande poder, quando apareceram diante do povo. Eles estavam na mão como um cetro. A parte superior deste sinal era um anel e o inferior, uma cruz latina, um T. Servia de selo: quando o trigo era medido e distribuído, as pilhas eram marcadas com esse selo. Os depósitos de trigo e as obras do canal e as quedas e subidas do Nilo, foram marcadas com este sinal. As escrituras foram seladas com ele, depois de aspergidas com um líquido vegetal vermelho. Quando José realizava um trabalho seu cargo, tinha esse sinal, esse cruz, inserida no anel, próximo a ele, sobre um

tapete. Pareceu-me uma cópia do mistério da Arca da Aliança presente em José. Asenet tinha um instrumento parecido com uma vara, com a qual estando em visão ela caminhava, e quando este cajado era sacudido em suas mãos, atingia o solo e encontrava água subterrânea e nascentes. Este instrumento foi feito sob a influência das estrelas.

Nas saídas de festa, José e Asenet viajavam em um carro reluzente. Asenet carregava um escudo dourado no peito, que, sob os braços, cobria todo o seu corpo. Neste escudo havia muitas figuras e sinais. Sua veste chegava até os joelhos. Os calçados tinham uma alta no bico pontudo, como botas de patinação. O gorro consistia em uma espécie de capacete, feito de penas de diversas cores, entrelaçadas com pérolas. José usava casaco justo, com mangas e escudo dourados, também com figuras; no meio do corpo haviam tiras com nós dourados; no ombro um manto, e seu gorro também era composto de penas com enfeites.

Idolatria no Egito na época de José

Quando José chegou ao Egito, estava sendo construída a nova Mênfis, que é sete horas ao norte da antiga Mênfis. Entre as duas cidades Havia, sobre diques, uma rua larga como uma avenida. Entre árvores e árvores havia figuras de ídolos e deusas de aparência assustadora e grotesca, com corpos de cães, sentados em plataformas de pedra. Ainda não existiam belos edifícios, mas longos vales e artísticas montanhas de pedra (pirâmides) cheias de câmaras e subterrâneos. As habitações eram iluminadas com uma superestrutura de madeira. Havia muitas florestas e pântanos naquela época entre estes edifícios. O Nilo já havia mudado de curso quando Maria teve que fugir para o Egito.

Os egípcios adoravam todos os tipos de animais: sapos, cobras, crocodilos e muitos mais. Eles não se assustavam se vissem um crocodilo devorando um homem. Quando José chegou ao Egito, a adoração do toro ainda não estava era costume. Este culto surgiu do sonho do Faraó com as sete vacas gordas e sete magras do Nilo. Eles tinham muitas formas de ídolos: um deles como crianças em fraldas, outras enroladas como cobras e outras que poderiam ser estreitadas ou ampliadas à vontade. Alguns ídolos tinham figuras no peito, como escudos, em que representavam, cidades ou o curso do Nilo de uma maneira maravilhosa. Esses escudos foram feitos de acordo com os sonhos e visões que os sacerdotes tiveram em suas torres, segundo os quais se fizeram os canais e fabricaram as cidades. Desta forma eles construirão Mênfis.

Os espíritos malignos devem ter tido uma influência corporal maior naquela época nos homens. Vi sair da terra e das profundezas tudo dava as influências das artes mágicas dos egípcios. Quando um sacerdote começava a exercer suas artes mágicas, via todos os tipos de animais nojentos entrando em sua boca na forma de um vapor negro. Mais tarde, ele se via bêbado, fora de si e tendo visões. Era como se a cada vapor ele entrasse em um mundo desconhecido que se abria diante de sua vista, e então ele via o próximo e o distante, a profundidade da terra, as regiões remotas e os homens delas, coisas escondidas e ocultas; isto é, todos aqueles que tinham um relacionamento com espíritos malignos.

Mais tarde, a magia pareceu-me estar em grande parte sob a influência dos espíritos do ar. Tudo o que esses mágicos viam através desses espíritos, parecia-me que eram como truques, ilusões e imagens fictícias, que os demônios formaram diante de suas visões. Comecei a olhar sozinha essa imagens: era como ver através de uma sombra ou de algo transparente.

Quando esses sacerdotes queriam olhar para as estrelas em busca do futuro, faziam antes alguns atos de jejum e purificação: cobriam-se com sacos e espalhavam cinzas e, enquanto observavam as estrelas, oferecidos sacrifícios.

Eles faziam a observação de seus torres e pirâmides. Os pagãos daquela época tinham um conhecimento confuso e corrupto dos mistérios da religião, da verdadeira adoração a Deus, que através de Set, Enoque, Noé e os patriarcas haviam passado para o povo hebreu. Isso explica por que havia tanta crueldade e perversão na adoração de ídolos, porque o diabo obscurecia e corrompia a

verdadeira adoração e as verdades reveladas por Deus, como mais tarde aconteceu com a magia e as artes diabólicas da bruxaria. Devido a isto Deus ordenou que o segredo da Arca da Aliança fosse rodeado de fogo, para sua conservação. As mulheres da época dos faraós ainda vestiam como na época de Semíramis.

Quando Jacó foi até José no Egito, ele seguiu o mesmo caminho que Moisés viajou mais tarde, conduzindo os israelitas à tenda prometida.

Ele teve a visão de que veria José novamente: ele carregava isso em seu coração, embora de forma vaga. Quando ele estava em peregrinação à Mesopotâmia, ele teve uma visão do futuro dos seus filhos; não no lugar da visão da escada, mas onde ele ergueu a pedra. Ele viu que um deles, no local onde foi vendido mais tarde, José afundava e uma estrela surgia no sul. Por isso, quando lhe trouxeram a túnica tingida de sangue, lembrou-se da visão anterior, que ele já havia esquecido, e disse: 'Devo chorar por José até que eu o veja novamente.' Jacó pediu que Ruben descobrisse que esposa ele tinha.

José, sem lhe dizer, porém, que era sobrinha. Tornou-se amigo de Potifar e este, depois de muita amizade com Jacó, foi circuncidado e abraçou o culto do verdadeiro Deus e da religião dos hebreus. Jacó morava longe um dia de viagem de José. Quando ele adoeceu, José foi vê-lo. Jacó perguntou a ele várias coisas sobre a Asenet e quando soube do sinal no peito disse a José: 'Esta é carne da tua carne, isto é osso dos seus ossos', revelando assim quem era Asenet. José ficou tão emocionado que desmaiou pela emoção. Quando chegou em casa contou para a esposa e os dois choraram juntos de coração por tudo o que acabavam de saber.

Morte de Jacó e José

Jacó tornou-se cada vez mais fraco e José voltou para ele novamente. Jacó apoiou as pernas no chão e José colocou a mão na cabeça jurando que o enterraria em Canaã. Depois de jurar, Jacó bendisse a José. Ele sabia que José havia recebido a bênção que lhe fora tirada pelo anjo permaneceu em seu corpo, mesmo após sua morte, até a noite da saída do Egito, na qual Moisés desfez o mistério com os restos mortais de José, que mais tarde ele colocou na Arca da Aliança, como um segredo sagrado para o povo de Israel. Cerca de três meses após a visita José, Jacó, morreu. Após sua morte, os egípcios e israelitas celebraram um julgamento, conforme seu costume, no qual ele foi muito elogiado e apreciado por todos.

Asenet deu a José filhos valiosos: os primeiros, Manassés e Efraim, e no total dezoito filhos, incluindo vários gêmeos. Ela morreu três anos antes José e foi embalsamada por mulheres judias. Enquanto José viveu, ele permaneceu mencionado em seu monumento. Os anciãos da aldeia tiraram algo de suas entranhas que preservaram em uma figura dourada. Como os egípcios também tentaram a remoção de parte do corpo, às esposas judias foi confiado o corpo de Asenet e uma delas o mantivera escondido entre os canaviais do Nilo, fechado em uma caixa bem calafetada. Na noite da saída do Egito, uma parteira, chamada Sara, da tribo de Aser, trouxe esse tesouro para Moisés condicionado. José foi embalsamado após sua morte por alguns judeus, em presença dos egípcios, e então ocorreu a união dos corpos de José e Asenet, de acordo com os desenhos e anotações que a Asenet havia feito, conforme às suas visões e que ela havia deixado para os judeus.

Também os sacerdotes egípcios e observadores de estrelas, que receberam José e Asenet entre os deuses, tinham conhecimento desses desenhos e uma ideia da grande importância da bênção de José e Asenet para o povo hebreu. Por isso tentaram transmitir essa bênção para si mesmos e então começaram a oprimir os hebreus. Após a morte de José, eles foram severamente tratados, que se multiplicaram muito, pelo Faraó do Egito. Os egípcios sabiam que não sairiam do Egito sem os ossos de José. Por isso, roubaram várias vezes esses restos mortais e finalmente se apropriaram totalmente deles. As pessoas comuns sabiam da existência do corpo de José, mas eles desconheciam o mistério ali escondido; Algumas pessoas sabiam disso. A cidade inteira ficou muito consternada quando descobriram os mais velhos, que o corpo de José e o mistério em que ele repousavam as promessas, fora roubados deles. Moisés, que foi educado na corte

do Faraó em todas as ciências dos egípcios, visitou seu povo e assim ele conheceu a causa de sua tristeza. Quando mais tarde ele matou o egípcio e teve de fugir, foi a providência de Deus que o refugiou na casa de Jetro: este, portanto, por sua amizade com a sibila Séfora pode ajudá-lo a descobrir o esconderijo do tesouro do mistério¹⁰.

Moisés havia se casado com Zípora por inspiração de Deus, que queria reunir este ramo que se dispersou e o unir a Israel.

Sêmola, Moisés e o corpo de José

Sêmola era filha natural do Faraó, de mãe judia e embora instruída e educada em astrologia egípcia, ela gostava muito dos hebreus. Ela foi quem primeiro descobriu que Moisés não era filho do Faraó, embora fora educado na corte. Aaron após a morte de sua primeira esposa, juntou-se a uma filha de Sêmola, para que a amizade e a união com os israelitas tornasse-se mais forte e mais durável. Os filhos deste casamento saíram com os israelitas do Egito. Aaron mais tarde teve que se separar dela porque que o sacerdócio era de puro sangue hebraico. Esta filha de Sêmola casou-se novamente, e seus descendentes viveram, no tempo de Jesus Cristo, em Abila, onde a múmia foi levada por sua mãe. A Sêmola era muito instruída e teve grande influência na corte do Faraó. Ele tinha na testa como um excrescência, como vi nos tempos antigos em outros homens dotados de profecia. Ela se sentia inclinada pelo espírito de Deus a fazer muitos favores aos hebreus.

Precisamente na noite em que o anjo exterminador passou matando os primogênitos, Sêmola saiu coberta, com Moisés, Aarão e outros três israelitas e foi até onde havia duas colinas sepulcrais, separadas por uma canal e unidas por uma ponte. O canal foi construído entre Mênfis e Gósen, no rio Nilo. A entrada do monumento sepulcral ficava sob a ponte, mais profundo que a superfície da água, e tinha que descer degraus que começavam na ponte. Sêmola desceu sozinha com Moisés e escrevendo o nome de Deus num pergaminho, lançou-o nas águas, que se dividiram, deixando evidente a entrada do monumento. Eles bateram na pedra que funcionava como porta que se abriu para dentro. Então eles chamaram os outros homens. Moisés amarrou suas mãos com sua estola e os fez jurar que eles manteriam o segredo. Após o juramento, ele soltou suas mãos e todos foram até o monumento, onde acenderam a luz. Havia muitas outras salas e figuras de mortos. O corpo de José e os restos mortais de Asenet Estavam num monumento egípcio, em forma de touro, feito de metal, que brilhava como ouro fosco. Levantaram a tampa e Moisés assumiu o mistério do esqueleto de José, escondeu-o em um pano e passou para Sêmola, que o carregou, escondendo-o nas roupas da veste. Os outros ossos foram empilhados sobre uma pedra e dispostos em panos para serem levados pelos homens. Agora que tinham os restos mortais de José e o mistério com eles os filhos de Israel poderiam sair do Egito. Sêmola chorou de conforto. O povo estava cheia de alegria.

Moisés colocou uma relíquia do corpo de José na ponta do seu cajado. O cajado terminava em uma nêspira com folhas ao redor. Não foi o mesmo que ele o jogou na presença do Faraó e se transformou em cobra. Esse era oco na parte superior e inferior, de modo que as partes superior e inferior se encontravam.

Eles poderiam remover ou juntar à vontade. Com a parte inferior, que me pareceu metal, Moisés tocou a rocha como se estivesse escrevendo algo nela. A rocha abriu-se ao toque daquela ponta e a água jorrou. Onde Moisés batia com o ponta da bengala, na areia, e escrevia alguma coisa, brotava água. A parte superior, em forma de nêspira, podia ser retirada ou colocada, e ao entrar em contato com esta parte o Mar Vermelho se dividiu em duas partes.

Cento e sessenta anos se passaram desde a morte de José até a saída do Egito, de acordo com a nossa forma de cálculo. No Egito eles usavam outro sistema para calcular semanas e anos. Já me foi dito várias vezes, mas não agora posso reproduzir esta explicação. Enquanto os israelitas habitavam no Egito, eles só tinham tendas em vez de um templo. Para o altar eles construíam um de pedras, derramavam óleo sobre ele e geralmente ofereciam trigo entre os vegetais e cordeiros entre os animais. Ao oferecer o sacrifício, eles cantaram e oraram.

Melquisedeque, Eliseu e o sacerdócio

Sempre vi Melquisedeque como um anjo sacerdotal e figura de Jesus, sacerdote da terra. Na medida em que o sacerdócio estava em Deus, Melquisedeque era um sacerdote de acordo com a ordem eterna. Vi que foi enviado para a terra para preparar, fundar, construir e separar as raças dos homens e estabelecê-las sobre a terra.

Vi as obras de Enoque e Noé e sua importância para manterem os homens de bem; mas também vi, paralelamente, a ação incessante do poder das trevas e do inferno com mil formas e manifestações de uma idolatria terrena, carnal e diabólica, e desta idolatria nasceu e reproduziu uma série interminável de outros pecados e conspirações de forma e maneira, como que pela força e necessidade interna das coisas. Vi os pecados e as derivações e figuras dessas reproduções, o que, de acordo com a sua espécie, tinham a mesma forma que as suas causas, como no princípio o homem era a imagem de Deus. Assim me foi mostrado tudo isso desde Abraão até Moisés, e desde Moisés até os profetas, sempre em relação e em imagens de coisas que chegaram aos nossos dias.

Aqui me foi mostrado, por exemplo, por que os sacerdotes de hoje não sabem mais nem ajudam nas doenças, e me ensinaram por que eles não fazem isso ou conseguem isso em um grau muito diferente. Foi-me mostrado este dom do sacerdócio entre os profetas e a causa do seu modo de agir.

Vi, por exemplo, na história de Eliseu, quando ele deu seu cajado a Giezi para que ele pudesse colocá-lo no filho morto da esposa de Sunam. Na bastão estava a força do Eliseu e continha dentro dele a força de uma missão espiritual. O bastão era como um braço à distância. Por ocasião desta história vi a razão interna da força pessoal dos bispos, do cetro de reis e seu poder, desde que seja sustentado pela virtude da fé que o une com aquele que foi enviado separado dos demais que não o são. No caso de Giezi eu vi que ele não tinha fé suficiente e a mãe da criança acreditava que só Eliseu poderia ressuscitá-lo. Desta forma, a dúvida interveio entre a figura de Eliseu (que era de Deus) e o cajado do profeta; por causa da maneira humana de ver e sentir, e o bastão de Eliseu não pôde agir devido à interposição desse impedimento humano. Então eu vi Eliseu deitar sobre o morto, mão a mão, boca a boca e peito a peito, em fervorosa oração, até que a alma retornasse ao corpo da criança falecida. Nesta ocasião me mostrou a semelhança desta obra e sua relação com a morte de Jesus na cruz. No caso de Eliseu, foram abertos pela fé e pelo poder de Deus, fonte da graça e da reparação do homem, encerrada pela culpa e pecado: cabeça, peito, mãos e pés. Eliseu deitou-se como um cruz viva e figurativa na cruz morta e pregada da criança morta, e Através da sua oração e fé ele trouxe vida e saúde à criança, e reparou e pagou pelos pecados que os pais cometeram com a cabeça, as mãos, os pés e o coração, causando a morte da criança. Eu vi em tudo isso uma imagem da morte de Jesus na cruz e suas feridas e chagas, e como em tudo isso há uma harmonia admirável e inexplicável. Desde a morte de Jesus na cruz, vi no sacerdócio da Igreja este poder de reparar e curar em toda a sua plenitude, especialmente nos cristãos verdadeiramente crentes.

Na medida em que vivemos em Jesus e somos crucificados com Ele, eles abrem em nós as portas de suas chagas sagradas com toda a sua eficácia. Vi muitas coisas sobre a eficácia de colocar as mãos na cabeça e sobre a força da bênção e a virtude da mão à distância, e tudo isso me foi declarado e mostrado na ocasião e em relação ao bastão de Eliseu, que era o representante de sua mão milagrosa.

A Arca da Aliança

Na mesma noite em que Moisés resgatou o mistério do corpo de José, A caixa foi construída em forma de sarcófago, de ouro, onde foi guardada no mistério à saída do Egito. Tinha que ser tão grande que pudesse caber um homem lá dentro; Era para ser como uma igreja para eles e um corpo. Foi na mesma noite, eles marcariam as portas com sangue. Vendo a velocidade com quem trabalharam nesta caixa, pensei na santa cruz, que também foi feita às pressas na noite anterior à morte de Cristo nela. A arca era de placas de ouro e tinha a figura de um sarcófago de

múmias egípcias. Era mais larga na parte superior do que na parte inferior; Acima estava a figura de um rosto com raios de luz e nas laterais os espaços dos braços e costelas. No meio da arca foi colocada uma caixa dourada que continha o sacramento ou mistério que Sêmola tirou do túmulo de José. Na parte inferior foram colocados vasos sagrados e as taças dos patriarcas, que Abraão recebeu de Melquisedeque, e herdado com a bênção da primogenitura. Tal foi o conteúdo e forma da primeira Arca da Aliança, que foi coberta com um pano vermelho e outro branco por cima. Somente no Monte Sinai foi construída a arca de madeira, forrada de ouro por fora, na qual se guardou o sarcófago dourado com o sacramento ou mistério. Este sarcófago não alcançava mais da metade da altura da arca e não era tão longo quanto ela; Ainda havia espaço para dois pequenos recipientes, nos quais haviam relíquias das famílias de Jacó e José, e onde estava a vara de Aarão. Quando esta Arca da Aliança foi colocada no templo de Sião, ela sofreu mudanças por dentro: o sarcófago foi removido e um pequena figura da mesma, confeccionada em material branco.

Desde criança eu já tinha visto a arca e tudo o que ela continha muitas vezes por dentro e por fora, como as coisas que foram adicionadas. Eles costumavam colocar dentro dela todas as coisas sagradas que se seguiram. No entanto, não era pesada porque poderia ser transportado facilmente. A arca era mais longa do que larga; a altura era igual à largura. Tinha uma moldura saliente na parte inferior como um pé. A parte superior tinha um ornamento de ouro muito artístico de meio côvado de comprimento; haviam flores, pergaminhos, rostos, sóis e estrelas pintados ali. Tudo foi muito bem feito e não se projetava muito além da borda superior da arca. Abaixo, nas extremidades das laterais, havia dois anéis onde eram colocados os paus por onde era transportada. As outras partes da arca foram decoradas com todos os tipos de figuras em madeira colorida, madeira de sitim e ouro. No meio da arca havia uma pequena porta, quase imperceptível, para que o sumo sacerdote pudesse tirar e colocar de volta o sacramento ou mistério quando estivesse sozinho, abençoando ou profetizando. Esta porta abria-se em duas para o interior e era de tal forma que o sacerdote pudesse colocar a mão. A por onde passavam as varas da liteira estavam um pouco levantadas, para exporem a porta. Quando ambas as portas eram dobradas para dentro, elas abriram ao mesmo tempo o recipiente dourado, rodeado de cortinas, como um livro, mostrando o sacramento ou mistério que estava lá. Na tampa da arca estava o trono da graça. Era um prato coberto de ouro que continha ossos sagrados, grande como a própria tampa, projetando-se apenas um pouco dela. De cada lado foi fixado quatro pregos de madeira sitim, que entrava na arca, e de tal forma que se pudesse, através deles, ver dentro. Os cravos tinham cabeças parecidas com frutas; os quatro parafusos externos apoiavam os quatro lados da arca; os quatro interiores se perdiam dentro. Em cada lado do trono da graça havia um querubim do tamanho de uma criança. Ambos eram de ouro. No meio deste trono da graça havia um abertura redonda, como uma coroa, e do centro subia um mastro que terminava extraído em uma flor de sete pontas. Neste ponta descansava a mão de direita de um querubim e à esquerda de outro, enquanto estavam estendidas as outras duas mãos. As asas direita de um e a esquerda do outro eram elevadas unidas e as duas asas restantes caíam no trono da graça. As mãos estendidas dos querubins estavam posição de alertar e avisar. Os querubins estavam no trono da graça apoiados em um joelho; os outros, apoiados na arca. Seus rostos e olhares estavam desviados do santuário, como se tivessem medo de olhar para ele. Eles usavam uma única veste, meio corpo. Em viagens longas, costumavam tirá-los da arca e carregá-los separados. Vi que acima, onde a vara terminava em sete pontas, que os sacerdotes acrescentaram uma matéria escura ao fogo, como um incenso sagrado, que eles tiravam de uma caixa. Também vi que relâmpagos de luz saíam frequentemente de dentro para fora e outras vezes desciam raios de luz do céu que entravam lá dentro. Outras vezes, luzes nas laterais, indicando o caminho que deveria ser percorrido nas peregrinações. Este polo entrava no interior da arca e tinha alguns sustentações, nos quais era pendurado o vaso de ouro do sacramento ou mistério e sobre ele as duas mesas da Lei. Diante do sacramento pendia um vaso de maná. Quando eu olhei para o interior da arca de um lado, não consegui ver o sacramento.

Sempre reconheci e tive a arca como igreja, o mistério como altar com o sacramento e o vaso com o maná me pareceram a lâmpada diante do Santo. Quando fui à igreja quando criança, expliquei para mim mesmo as coisas que vi lá em relação ao que havia observado na Arca da Aliança. O seu mistério pareceu-me o Santíssimo Sacramento do Altar.

Só que não me pareceu tão cheio de graça, mas sim misto de medo e reverência. Isso me deu outra impressão de medo e reverência. Me produzia , o do amor e da graça; mas sempre me pareceu muito sagrado e misterioso. Pareceu-me que tudo o que é sagrado estava na arca; que nossas coisas santas estavam nela como um germe, como numa existência futura, e que o sacramento da arca era o mais misterioso de todos. Pareceu-me que era a arca o fundamento do sacramento do altar, e este, o cumprimento e realidade. Não posso dizer melhor. Este mistério foi escondido dos hebreus, como de nós o Sacramento do altar. Eu senti que apenas alguns sacerdotes sabiam o que era e que poucos, pela iluminação do céu, sabiam, e o usavam. Muitos ignoravam e não usavam: acontecia com eles como acontece conosco, que ignoramos muitas graças e maravilhas da Igreja, e como até mesmo a nossa salvação eterna ficaria comprometida se fosse fundada apenas sobre a força e a compreensão humanas. Mas a nossa fé está fundada em uma rocha.

A cegueira dos judeus sempre me pareceu digna de ser chorada e lamentada. Eles tinham todo o germe e não quiseram reconhecer o fruto desse mesmo germe. Primeiro eles tinham o mistério: era como o testemunho, a promessa; depois veio a lei e, por último, a graça. Quando o Senhor falava em Fichar, o povo lhe perguntava para onde tinha ido o mistério ou sacramento da Arca da Aliança. Ele respondeu que os homens já haviam recebido muito dele e que agora lhes havia sido transmitido; pelo próprio fato de ele não existir mais, eles puderam reconhecer então que o Messias havia chegado.

Joaquim recebe o mistério

Vejo este sacramento ou mistério na forma de um invólucro, como uma capacidade, um ser, uma força. Era pão e vinho, carne e sangue: era o germe de bênção e descendência, antes do pecado; foi a existência sacramental da descendência, antes do pecado, que foi guardado para homens na religião e que tinha que tornar-se cada vez mais puro, em virtude, desta descendência, até chegar a Maria, em quem se completaria, para nos dar, pela obra do Espírito Santo, o tão esperado Messias nascido desta Virgem pura.

Noé plantou a vinha e isso já era uma preparação: já havia alguma conciliação e proteção. Abraão recebeu este mistério na bênção, e vi que ele transmitiu este sacramento como algo real, como algo substancial. Permaneceu um segredo de família. Isto explica as grandes prerrogativas que o direito de primogenitura trouxe. Antes da saída do Egito, Moisés recebeu este mistério e como antes havia sido um segredo de família e religião, tornando-se assim um mistério para toda a cidade. Entrou na Arca da Aliança como no Santíssimo Sacramento do Altar no tabernáculo, como na custódia. Quando os filhos de Israel adoraram o bezerro de ouro e caíram em muitas aberrações, o próprio Moisés duvidou do poder do sacramento, e por essa razão ele foi vinculado a não poder entrar na terra prometida. Quando a Arca de Aliança caía nas mãos de inimigos ou em qualquer outro perigo, era sabido que o sacramento era realizado pelo sacerdote e, no entanto, a arca era tão sagrada que os inimigos foram obrigados a devolvê-la devido às punições que receberam. Apenas poucos sabiam da existência deste mistério na arca e do seu poder de expansão de caridade. Muitas vezes acontecia que um homem manchasse pelo pecado e impureza a sagrada linhagem de descendência até o Messias e, portanto, a união do Salvador com o homem foi adiada; mas os homens poderiam através da penitência remover e purificar este mistério sagrado. Não posso dizer precisamente se devido ao conteúdo deste sacramento ele foi realizado, por um espécie de consagração, um fundamento divino ou uma plenitude sobrenatural nos sacerdotes, ou se vê tudo inteiramente de Deus imediatamente. Acredito no primeiro; porque vi que alguns sacerdotes o desprezavam e impediam a vinda da salvação e foram punidos por isso até com a morte.

Quando o sacramento funcionou e a oração foi ouvida, o mistério brilhou, cresceu e brilhou com uma luz avermelhada através de seu envoltório. Esta bênção de mistério aumentou ou diminuiu de acordo com os tempos e a piedade e pureza dos homens. Através da oração, do sacrifício e da penitência, parecia que crescia e aumentava em força. Na frente das pessoas que o vi usar apenas por Moisés, quando da adoração do bezerro de ouro e na travessia do Mar Vermelho, embora o mantivesse velado, escondido dos olhos dos homens. Ele foi levado por ele do vaso sagrado e coberto, como é retirado na Sexta-Feira Santa o Santo sacramento e é levado diante do peito para abençoar ou conjurar, como se estivesse operando à distância. Desta forma, Moisés libertou muitos da idolatria e da morte. Vi que o Sumo Sacerdote, quando estava sozinho no santuário, o usava, movendo-o de um lado para o outro, como uma força, uma proteção ou uma bênção, uma elevação para abençoar ou punir. Não o pegava com as mãos, mas com véu. Para propósitos sagrados eu o vi ser usado mergulhando-o em água, que era abençoada e dada para beber. A profetisa Débora, assim como mais tarde Ana, mãe de Samuel, em Siló, bem como mais tarde Emerencia, mãe de Santa Ana, beberam esta água sagrada.

Ao beber esta água sagrada, Emerencia estava preparada para gerar a santa Ana. Santa Ana não bebeu desta água, porque a bênção estava nela.

Joaquim recebeu, através do ministério de um anjo, o sacramento da Arca da Aliança. Assim foi concebida Maria, sob a porta dourada do templo, e com o seu nascimento ela própria se tornou a arca do mistério. O objetivo deste sacramento foi cumprido. A arca de madeira do templo estava agora sem sacramento e sem mistério. Quando Joaquim e Ana se viram sob a porta dourada do templo, encheram-se de luz e a Virgem Imaculada foi concebida sem pecado original. Havia um som maravilhoso ao seu redor, como uma voz de Deus. Este mistério da Imaculada Conceição de Maria, em Santa Ana, os homens não conseguem compreendê-lo e fica sujeito à sua compreensão. A linhagem geracional de Jesus recebeu o germe da bênção da Encarnação do Verbo. Jesus Cristo instituiu o Sacramento da Nova Aliança como futuro, como cumprimento dela, para mais uma vez unir os homens a Deus.

No fim do mundo este mistério será descoberto e esclarecido

Quando Jeremias, enfrentando o cativeiro da Babilônia, teve oculto a Arca da Aliança com outros objetos sagrados, no Monte Sinai, o mistério não estava mais lá dentro. Apenas o embrulho estava escondido com a Arca da Aliança. Ele conhecia a santidade do conteúdo e muitas vezes queria falar sobre isso aos homens, bem como sobre a perversidade do povo, isso o desonrou; mas o profeta Malaquias o deteve em sua tentativa e tirou o mistério dali. Através deste profeta ele alcançou os essênios mais tarde, e por um sacerdote foi devolvido à arca feita posteriormente. Malaquias foi como Melquisedeque, mensageiro de Deus: nunca o vi como homem comum e ordinário¹¹. Ele apareceu como um homem, como Melquisedeque ele falou, embora um pouco diferente dele, como os tempos exigiam. Pouco depois que Daniel foi levado para a Babilônia, vi Malaquias como um menino de sete anos, perdido, com uma vestimenta verde e uma bengala na suas mãos, que parecia ir para Sarepta, para a tribo de Zabulom, para a casa de uma família piedosa. Eles o receberam como um de seus filhos israelitas perdidos saídos do cativeiro, e o levaram com eles. Ele foi extremamente gentil, paciente ao extremo e autoritário, para que todos o amassem e para que ele pudesse ensinar e aconselhar sem contradição. Teve uma estreita relação com Jeremias e ele o ajudou em grandes necessidades com seus conselhos. Por ele Jeremias foi libertado da prisão em Jerusalém. A Arca da Aliança escondida por Jeremias no Monte Sinai, nunca foi encontrada. A arca que foi feita depois, não era tão bonita nem continha o que havia na anterior. A vara de Aarão passou para as mãos dos essênios, no Monte Orb, onde também se escondiam parte das coisas sagradas. A tribo que Moisés havia destinado a custódia da arca subsistiu até a época de Herodes.

No último dia tudo o que estiver oculto aparecerá e o mistério será esclarecido, para terror de todos aqueles que o contaminaram e o ignoraram.

NOTAS:

1 São Roberto Belarmino escreve: 'Nunca li nos escritores e Padres antigos que um único afirmasse que o Paraíso terrestre foi destruído por Deus.' Hildegarda, Santa Mectildis e Santa Liduvina estiveram no Paraíso Terrestre e descrevem a sua beleza.

2 Os teólogos se perguntam se no estado de inocência o ato de geração teria sido realizado como é atualmente. São João Crisóstomo, São Basílio, São Gregório Nisene, Santo Atanásio, São João Damasceno negam isso. São Jerônimo, Anastácio Sinafta, etc.; e esta negação é confundida pelas revelações de Santa Brígida, Santa Gertrudes e Santa Mectildis. Por outro lado, Santo Tomás, Suárez e outros são de opinião contrária.

3 Straubinger e outros traduzem do hebraico hanachash, para serpente, e arum, para astúcia, o que também poderia ser insinuante; mas não podem nos dizer como era aquele animal antes da maldição de Deus e de sua condenação a rastejar pela terra.

4 Isto, que parece novo e sem precedentes, não o é. O franciscano Pedro Galatino escreve: "Era a opinião dos antigos judeus que a Mãe de Deus não só foi criada na mente de Deus ab initio e ante sæcula, mas também que a sua matéria foi formada na matéria de Adão. Quando Deus moldou Adão fez uma massa de cuja parte mais nobre tirou a matéria mais pura para Maria, e do resíduo ou supérfluo formou Adão." O mesmo autor acrescenta: "A matéria da Mãe de Deus, criada desde o princípio e encerrado em um membro de Adão, foi tirado dele, e passando de Adão a Seth, de Seth Enoch, a Noé, a Sem, a Éber, a Abralã, a Isaac e a Jacó, chegou a Joaquim. É óbvio supor que este mistério foi guardado na Arca da Aliança para tornar possível a sua transmissão através de tantos séculos." (De Arcanis Catholicæ Veritatis, livro VII).

5 Brígida salva Salomão. No Santo processo de beatificação de Sor Juana de la Cruz de Revo redo lê-se que, através de suas orações, Deus libertou Salomão do Purgatório (X, 1674). Teresa Newman vê Pilatos ser batizado, convertido, morto por ordem do Imperador e salvo. Ana Catalina salva Caim, após seu castigo neste mundo.

6 Quanto aos anjos menos culpados, ele parece concordar com Santa Francisca Romana, cujas revelações sobre o Inferno dizem: 'os demônios que estão no ar e entre nós são aqueles que no momento da rebelião de Lúcifer não se opuseram aos planos do rebelde de Lúcifer. e pensaram em permanecer indiferentes entre Deus e Lúcifer'.

7 Nas visões da vida de Jesus refere-se à viagem do Senhor a Chipre, sobre a qual os Evangelhos nada dizem.

8 Serníramis, que a história apresenta como fabuloso, aparece como uma pessoa real nas visões de Anne Catherine. Ela era rainha da Assíria e da Babilônia, casou-se com o rei Ninos, a quem matou para reinar sozinha. Fundou a Babilônia. Conquistou o Egito e a Líbia, e reinou quarenta anos, deixando no trono seu filho Nínias; Ela desapareceu da vista de seus súditos, que a adoravam como uma deusa.

9 Orígenes e Dídimo afirmam que Melquisedeque era um anjo. Escreve Santo Agostinho: "O aparecimento de Melquisedeque é tão surpreendente que muitos duvidam se é um homem ou um anjo" (III, 5 19). um homem como figura do sacerdócio de Jesus Cristo" (XVI, 490).

10 Sobre as sibilas, Clemente Alexandrino escreve: 'Deus deu as sibilas aos hebreus, aos profetas e aos pagãos, para que a ideia do Deus verdadeiro não se perdesse entre eles. Agnoscite sybillam quomodo Deum significat. Estas palavras são atribuídas à sibila da Eritreia, cujas primeiras letras são a expressão Ixtis, que correspondem a Iesus Cristos Teou líos Soler, ou seja: Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador.